

Na sequência do incidente de ontem Washington convida os americanos a sair da Líbia

Págs. centrais



O Incêndio na Galeria Nacional de Arte Moderna

Também ameaçado o Museu de Arte Popular

Galeria Nacional de Arte Moderna ardeu completamente esta manhã

A Galeria Nacional de Arte Moderna, em Belém, junto ao Mercado do Povo, ardeu esta manhã e perderam-se todos os seus conteúdos. À hora do fecho desta edição do «Diário de Lisboa», do edifício só restavam as paredes e temia-se pela sorte do Museu de Arte Popular, contíguo à galeria destruída. Os bombeiros lutavam, ao fim da manhã, contra grandes dificuldades para controlarem as chamas, dada a quase inexistência de bocas de incêndio ali, e o facto de serem muito combustíveis os materiais que se

encontravam a arder. É muito importante esta perda para o património cultural português, e um inquérito sério que permita apurar responsabilidades por este sinistro torna-se indispensável. Há anos, em outro incêndio que destruiu o edifício, os bombeiros tinham-se já queixado de absoluta falta de condições para combater as chamas, e não se compreende que hoje, novamente, possam ter razões para afirmar que não dispuseram de condições para minorar o efeito devastador das chamas.

Hoje: ler/escrever

Artigos, contos, notícias, comentários literários e culturais, profusamente ilustrados, constituem as quatro partes do suplemento «Ler/Escriver» de hoje, em que se fala de Miles Franklin, Borges, C.D. Friedrich e outros. Colaboração de Maria Judite de Carvalho, Pedro Alvim, Manuel Cintra, Armando Silva Carvalho, Maria Ondina Braga, Mário de Carvalho, Fernando Guerreiro e Caude Couffon. De João Rodrigues, publica-se ainda um poema inédito.

Lei sobre o abate de aves fecha mercados no Porto

PORTO, 20 — A disposição governamental de Agosto de 1979 que proíbe o abate de aves fora dos locais convencionados, com condições apropriadas para a operação, entrou em vigor agora no Porto, depois de sucessivos adiamentos e alguma tolerância. O encerramento de alguns locais nos próprios Mercados Municipais desta cidade ao abrigo desse diploma ocasionou o despedimento de cerca de uma centena de empregados no concelho, tantas quantas as que se ocupavam do abate de aves em situações que não garantiam o

mínimo de higiene e segurança.

O diploma de Agosto de há dois anos sobre «Regulamento da apresentação e comercialização de aves, suas carnes e miudezas» tem por finalidade acabar com a «falta de uniformidade que apresentam os produtos avícolas oferecidos ao público, assim como a grave situação que se verifica na sequência da comercialização de carcaças de aves que não garantem o mínimo de qualidade».

Contudo, num despacho de Abril deste ano, o secretário de Estado de Transformação reco-

nhece a necessidade de «continuar a abater, a título precário, nos locais onde habitualmente o faziam, de modo a não prejudicar os comerciantes, com projectos aprovados pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários (JNPP), que ainda não terminaram as obras».

A JNPP afirma que os prazos estabelecidos têm sido prorrogados, fixando-se para 6 de Novembro a data para conclusão das obras nos matadouros de aves, e acrescenta que existem cerca de duas centenas de projectos e planos para legalização

de matadouros de aves. Os projectos de instalação e abate têm de ter a aprovação da JNPP e da Direcção-Geral dos Serviços Veterinários.

As prorrogações, de acordo com a JNPP têm como objectivo atingir o menos possível industriais — com as obras em vias de conclusão. O decreto-lei determina que só podem ser comercializadas aves para consumo público desde que sejam provenientes de estabelecimentos de abate devidamente legalizados e com inspecção sanitária assegurada.

Freitas do Amaral (a pensar no PSD?)

“A alcachofra deve ser comida folha a folha”

● O líder do CDS volta a ser o “n.º 1 da AD enquanto Balsemão se mantém calado

Uma avalanche de «sins» poderá marcar o fim desta semana política. Será muito provavelmente o «sim» de Pinto Balsemão à sua indigitação pelo Conselho Nacional do PSD, o «sim» de Eanes ao VIII Governo Constitucional e, no sábado um provável «sim» de Freitas do Amaral ao lugar de vice-primeiro-ministro que lhe foi oferecido por Balsemão. No entanto mais que estas declarações, assume especial importância nestes últimos dias da semana, a posição de Freitas do Amaral. Reservado, criando «suspense» em torno da sua resposta, o líder centrista como que assumiu o controlo das operações que vão conduzir à formação do novo Governo. No esquecimento propositado ficaram as duras palavras que lhe foram dirigidas no Conselho Nacional do PSD, onde se chegou a dizer que «a única cabeça que rolou foi a de Freitas do Amaral». Uma situação que se enquadra perfeitamente na metáfora ontem utilizada pelo dirigente centrista, citando Bismarck: «A alcachofra come-se folha a folha». Freitas do Amaral, acusado de ter estado na origem da queda de Balsemão, torna-se, numa manobra relativamente hábil, no árbitro da política do Poder. Os dividendos poderá cobrá-los mais tarde. Com juro.

Pág. 5



À saída da residência oficial de S. Bento

Décimo grevista da fome morreu em Long Kesh

Michael Devine, o militante do INLA, Exército de Libertação Nacional Irlandês, em greve de fome há 60 dias na prisão de Long Kesh, morreu esta manhã às 7.50 de Lisboa. Pela décima vez desde Março, as autoridades prisionais de Long Kesh puseram ao dispor da família de um detido, um quarto para acompanharem os últimos momentos de vida do seu familiar. Pela décima vez, os protestos da opinião pública e dos meios políticos internacionais, não encontraram o eco necessário por parte das autoridades inglesas. Pela décima vez, a política do Governo da sr. Thatcher, provocou mais uma vítima. Hoje será dia de luto em Belfast.

É sob o impacto da morte de Michael Devine, que se efectua uma eleição parcial na Irlanda do Norte, para substituição do deputado eleito e primeira vítima de Long Kesh, Bobby Sands.

Págs. 10 e 11

Provocação deliberada no processo Majdanek

Para quem conhece o cinema com que as vítimas do fascismo sempre foram insultadas e injuriadas na República Federal da Alemanha, o julgamento no processo Majdanek em Dusseldorf não constitui qualquer surpresa. O «julgamento escandaloso» de Dusseldorf integra-se na tradição dos escândalos que foram todos os processos sobre os campos de concentração naquele país. É sintomático do estado do regime e das relações sociais da R.F.A., onde assassinos de gabinete tiveram acesso aos mais altos cargos públicos, onde aluzes sanguinários pela graça de Hitler chegaram a títulos honoríficos ou recebem elevadas pensões do Estado, onde oficiais da Bundeswehr de hoje celebram na presença dos seus camaradas o simulacro «de incinerações de judeus» e onde contingentes de trauliteiros neofascistas aterrorizam democratas. Foi neste quadro deprimente e vergonhoso que se desenrolou o processo Majdanek que foi, desde o início, uma farsa excecível:

— Embora a culpabilidade dos assassinos dos campos de concentração ficasse moral e juridicamente provada aquando do processo de Nuremberg, a instrução do processo de Dusseldorf só começou em 1962.

— Passados 13 anos iniciou-se finalmente a acusação a 26 de Novembro de 1975 contra 17 criminosos nazis, dos quais em breve apenas 13 passaram a sentar-se no banco dos réus. Três foram considerados pelo tri-

bunal inaptos para seguir as audiências devido ao estado de saúde pretensamente deficiente. O último morreu entretanto.

— O número dos acusados ficou ainda mais reduzido em Abril de 1979, não ultrapassando os nove, depois da absolvição de quatro criminosos nazis, entre eles um médico SS de triste memória, pelo tribunal.

Em consequência de um código penal com mais de 100 anos, o tribunal retaliou a exterminação massiva numa série de acções individuais pelas quais os autores respondiam, na pior das hipóteses, por «culpabilidade».

As associações da direita fascista e neofascista dos assassinos nazis contribuíram a seu modo para este exemplo clássico de como ultrapassar o passado. A ameaça, a opressão, a irritação e a provocação do abatimento psicológico de testemunhas foram apenas alguns dos meios indirectos a que recorreram. Antigos prisioneiros dos campos de concentração que sobreviveram ao extermínio, foram uma vez mais moralmente torturados diante do tribunal. O processo foi-se arrastando devido à constante formulação de requerimentos.

Os que estavam convencidos que era impossível ver e ouvir mais do que aquilo, têm de confessar o seu erro perante a sentença deste julgamento. O veredicto suscitou uma tempestade de indignações na opinião internacional. As forças democráticas da R.F.A. ergueram-se com os

homens civilizados de todo o mundo para condenar em uníssono o julgamento, que é uma provocação deliberada a todos os antifascistas e, simultaneamente, um encorajamento ao neofascismo na República Federal da Alemanha que ergue de novo a cabeça com uma insolência cada vez maior.

O julgamento inscreve-se na triste sucessão de processos sobre campos semelhantes. Insere-se na paisagem política da República Federal em cujos primórdios o revanchismo desempenhou o papel de padrinho e onde ainda hoje forças influentes pretendem reintegrar no reich territórios que pertencem a outros estados. O julgamento escandaloso de Dusseldorf prova como está presente o passado fascista na R.F.A. e como é ainda fecundo — para usar as palavras de Brecht — «o ventre donde surgiu a coisa imunda». Na mentira actual da «ameaça de leste», na difamação da União Soviética, na propaganda incendiária contra o comunismo, revelam-se igualmente os motivos que já estiveram na origem do desastre em que o mundo mergulhou, a partir do solo alemão. É por isso que a luta contra o armamento excessivo da NATO se confunde com a luta contra a hidra fascista à qual deram novas cabeças na R.F.A. A sigla de Buchenwald pronunciada por antifascistas de todos os campos de concentração: «Guerra nunca mais — fascismo nunca mais!» é uma actualidade escaldante.

Panorama DDR
Exclusivo DL

A nova composição social da assembleia francesa

Na Assembleia Nacional eleita a 14 e 21 de Junho passado, a origem profissional dos deputados é sensivelmente diferente da dos seus antecessores de 1978.

A característica essencial da nova Assembleia — antes de os deputados que se tornaram ministros terem cedido os lugares aos respectivos suplentes — é a grande proporção de deputados provenientes do sector público e parapúblico. Duzentos e sessenta e um em quatrocentos e noventa e um pertencem com efeito à administração tomada no sentido lato do termo, ou seja, 53,15% do total contra duzentos em 1978, o que representava 40,7 por cento do efectivo da Assembleia, e cento e cinquenta e cinco em 1973 (31,5%). Este aumento vem sobretudo do corpo de professores a que pertencem hoje cento e sessenta e sete deputados contra cem em 1978, passando assim de 20,36% a 34,01% do total dos lugares. Já há três anos eles, estavam, na sua maioria, inscritos no grupo socialista. Hoje, representam só por si metade dos eleitos do PS. Cento e trinta e sete deputados socialistas provêm do ensino público, aos quais convém acrescentar um representante do sector privado. Se o salto pode parecer espectacular, isso não se deve a uma espécie de geração espontânea que faz dos professores parlamentares por vocação.

Com efeito, muitos professores, aproveitando os tempos livres que lhes deixa a profissão,

obtiveram mandatos locais antes de serem deputados. As eleições cantonais de 1976 e, sobretudo, as municipais de 1977, forneceram-lhes muitas vezes ocasião de percorrer o caminho clássico da carreira política. Não é portanto de admirar que mais de metade dos deputados socialistas eleitos em 1981, vindos do ensino, fossem já presidentes de câmaras e que outros trinta e cinco fossem conselheiros municipais. Há quatro anos a Assembleia contava sessenta e nove presidentes de câmaras, dos quais trinta e quatro eram socialistas, enquanto hoje se contam oitenta e dois, dos quais setenta e um pertencem ao PS. Outro grupo, de deputados, mais numeroso que em 1978, é composto de conselheiros gerais.

Se se considerar a Assembleia Nacional no seu conjunto, independentemente das filiações partidárias, constata-se que o número de deputados que são simultaneamente presidentes de câmaras é pouco mais ou menos estável (duzentos e quarenta e seis em 1981 contra duzentos e quarenta e nove em 1978). É de resto uma excepção que um deputado não exerça paralelamente outro mandato quer a nível local, quer a nível europeu. E a maior parte dos que não o possuem, aspiram a ele. Esta situação, com as suas vantagens e os seus inconvenientes, voltará a ser discutida se o Governo apresentar um projecto de limitação de número de mandatos, intenção que já manifestou.

Se constatarmos que o número dos representantes do sector privado permanece estável de uma legislatura para a outra, (oitenta e três), o dos membros das profissões liberais, em compensação, baixou sensivelmente, passando de cento e noventa e cinco para cento e quarenta. Contudo, mesmo nas actividades «liberais» por excelência, como a medicina ou a advocacia, a baixa dos efectivos afecta sobretudo os grupos R.P.R. e U.D.F., enquanto no grupo socialista se verificou um aumento sensível dessas categorias.

Este partido atrai igualmente os «tecnocratas». Os antigos alunos do ENA que em 1978 estiveram representados por dez deputados do R.P.R. e quinze da U.D.F., (contra oito do PS), estão agora em maioria no grupo socialista com treze deputados, contra três do R.P.R. e sete da U.D.F.. Tomemos finalmente em atenção que estas classificações são estabelecidas em vista das declarações feitas pelos próprios deputados. Comportam, portanto, uma certa margem de subjectividade quando se sabe, por exemplo, que Marcel Dassault não se considera «um patrão da indústria» mas um «engenheiro do sector privado» e que Gaston Defferre, dado como advogado em 1978, se integra hoje na rubrica «profissões literárias, artísticas, científicas», que engloba os directores de publicações.

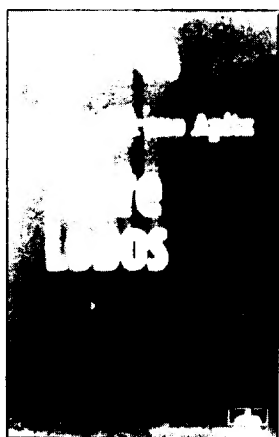
André Passeron
Serviço Exclusivo Le Monde/DL

Um «best-seller» internacional
agora lançado em Portugal
pela EDITORIAL CAMINHO

Bruno Apitz

Nu entre Lobos

Premiado internacionalmente, com três milhões de exemplares vendidos e traduzido em mais de trinta línguas, **Nu entre Lobos**, de Bruno Apitz, é um livro onde se relata a odisseia de uma criança de 3 anos introduzida clandestinamente num campo de concentração e salva pela solidariedade dos presos para quem a dignidade e coragem não eram palavras apenas!



na estrada do futuro **editorial CAMINHO**

Concurso "DL"/81

Envie as colecções até 20 de Agosto

Terminada a Repetição das duas Séries de Cupões e do Boletim de Identificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

- O leitor deve usar apenas um boletim por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.
- O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal;
- O TALÃO RECIBO deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado, terá de jun-

tar um selo de correio de 8\$50. Coloque o selo visivelmente, junto do Boletim, de forma a não o inutilizar — não use fita gomada, não agrafe e não cole (pode prender com um pequeno «clip»).

● O PRAZO DE ENVIO termina em 20 de Agosto de 1981 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviadas para

DIÁRIO DE LISBOA — CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA

- O ENVIO PELO CORREIO é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções;
- O APURAMENTO DAS COLECÇÕES será feito entre 7 e 15 de Setembro, sendo esta última a data prevista para o sorteio.

CONCURSO **DL**

Os números atrasados
poderão ser adquiridos
na Rua Luz Soriano, 17

HORÁRIO: 09.00 ÀS 18.00
ABERTO À HORA DO ALMOÇO

ENCERRADO AOS SÁBADOS DOMINGOS E FERIADOS

política de A a Z

As questões de sucessão e de liderança e o partido conservador

O S problemas de sucessões constituem, no Direito Privado, um capítulo árduo, extenso e complexo. São, na doutrina e na jurisprudência, uma selva adusta onde os melhores juristas não raro se confundem e perdem. E, ao que se nos antolha se às notícias avulsas e às solenes declarações demos fé, também na esfera da política são complicadas as sucessões. Mesmo quando parecem pacíficas e até inevitáveis, como foi o caso de Francisco Pinto Balsemão, «fundador» remanescente do PSD, na presidência do partido suceder ao outro «fundador», de tal sucessão natural nascem melindres, geram-se contestações, rompem as guerras.

Esta «guerra da sucessão» no PSD tem — e de admitir é que terá — aspectos pitorescos no seu superficial dramatismo. Não a consideremos finda. A «guerra da sucessão» não se circunscreve à presidência do Partido Social Democrata. Pela circunstância de ser o PSD o componente mais forte, em número de eleitores e em número de eleitos, da «Aliança Democrática», a presidência daquele, com a inerência da chefia do Governo no caso vertente da «coligação» dispor de maioria parlamentar, implica a liderança global desta. O presidente do PSD é, nessa qualidade quando o não é por contestado prestígio político e carisma pessoal, o líder da AD.

Esta posição de liderança do presidente do PSD em relação ao conjunto da «Aliança Democrática» que, apesar da exibição dos três líderes, se individualizava em Francisco Sá Carneiro e era participada por Adelino Amaro da Costa, tinha merecido a aceitação de Diogo Freitas do Amaral, mas relativamente à pessoa de Francisco Pinto Balsemão não alcança a mesma conformidade. Não é só a Diogo Freitas do Amaral que repugna o papel de «segundo», na AD e no Governo de Francisco Pinto Balsemão é no próprio PSD, nas fileiras e nos quadros directivos, que se nos depara uma tendência para a valorização de Diogo Freitas do Amaral como o estadista e como o condutor, como o doutrinário, a competência, o chefe.

No discurso que pronunciou no Conselho Nacional do PSD para justificar a sua demissão, o presidente do PSD e Primeiro-Ministro, revelou que na hora da sucessão tinha havido a pretensão de entregar a chefia do Governo ao presidente do CDS, abdicando o PSD, em consequência, da sua posição de primeiro partido da «coligação».

As palavras amargas do dr. Francisco Balsemão deverão ser interpretadas à luz de outras confissões e de outras declarações. Seja, por exemplo, a confissão que fez a um semanário da capital o dr. Mário Raposo, que se demitiu do cargo de vice-presidente do Conselho Nacional do PSD, numa atitude de protesto e de crítica ao Primeiro-Ministro. Tendo-lhe o entrevistador perguntado se não reconhecia existir «uma tendencial subaltermização do PSD face ao CDS», o dr. Mário Raposo respondeu:

«Explicitarei que considero o prof. Freitas do Amaral uma figura insubstituível do projecto AD e que o admiro, considera e respeito. Bem vistas as coisas, e apelando para a minha condição de advogado... direi que ele é um excepcional advogado da sua causa que, por dever de co-erência, é o CDS. Só que na defesa dessa causa o CDS está coligado, até à vitória final, com o PSD. Como acontece nas causas defendidas em comum, o melhor advogado, em dada circunstância, não terá a culpa de ser o melhor; tudo estará em arranjar para a defesa da outra parte na causa comum um advogado de igual mérito, valia e capacidade. Não se poderá pedir um advogado que se diminua só para deixar sobressair o outro, que defende o comparte. A questão não é do CDS, mas do PSD.» («Tempo», 6-8/1981).

E no mesmo semanário, e na mesma data, o dirigente da componente minoritária da coligação tripartida, levava o problema da sucessão e da crise a um extremo de gravidade que é difícil harmonizar com declarações posteriores. Então o arq. Gonçalo Ribeiro Teles afirmava: «Creio que a contestação que se faz ao Primeiro-Ministro tem raízes

muito profundas, nem a crise é exclusiva da Aliança Democrática. Diria antes que traduz a crise cultural, de instituições e de sociedade que o País atravessa. Esta traduz a própria falta de confiança do povo português no futuro e – porque não dizê-lo – a corrupção da própria sociedade.» («Tempo», 6/8/1981).

Não analisou o líder do PPM as consequências da «crise cultural, das instituições e da sociedade que o País atravessa», nem se esforçou por esclarecer as causas da «falta de confiança do povo português no futuro». Ser-lhe-ia penoso concluir que a AD agravou a «crise cultural», provocou a «crise das instituições», aprofundou a «corrupção da própria sociedade». Mas, Gonçalo Ribeiro Teles foi capaz de reconhecer a heterogeneidade dos «principais partidos da AD», heterogeneidade que «possibilita a existência de várias correntes dentre eles, que também têm as suas correspondências fora da Aliança», e não esqueceu a tendência «daquelas pessoas que dentro de todos os partidos querem voltar aos tempos do antes do 25 de Abril».

A sensibilidade política democrática do anti-salazarista que Ribeiro Teles foi, não escapam a existência e os maneios de quantos, sob várias máscaras de circunstância, tudo subordinam ao «regresso» e ao «restauracionismo». Diz Ribeiro Teles: «São pessoas que jogam em todos os partidos políticos e que têm uma imagem errada da dimensão real de Portugal, procurando, sempre que podem, voltar a tempos passados.» («Tempo», 6/8/1981).

Uma tendência – a que Gonçalo Ribeiro Teles dá a qualificação de «dura e conservadora» – «tenta tomar as rédeas do comando». Por aí se geram – é Ribeiro Teles que o afirma – «situações de tensão» na Aliança Democrática. A contestação da liderança de Francisco Pinto Balsemão, tem que ver, inevitavelmente, com problemas de sucessão e questões de qualidade da – e de qualidades de – liderança, mas, no fundo, é mais um episódio (não o último) dessas «situações de tensão» entre «saudosistas do 24 de Abril» e democratas, entre «conservadores duros» e sociais-democratas, entre liberais e fascistas.

Em si o problema da sucessão é uma questão neo-sebástica. Como recordou, com ironia, Luísa Manoel de Vilhena: «Para os salazaristas, Portugal só poderia, depois de Salazar, ser continuado por outro Salazar – e para os grandes admiradores de Sá Carneiro só outro Sá Carneiro lhe poderia suceder.» («O Dia», 8/8/1981). Estado de espírito que se reflecte num desconsolado, desesperado, sentimento de orfandade que o dr. Meneses Pimentel justamente reage quando declara: «Entendo e entenderei que o País tem de caminhar, partindo do princípio de que é possível liderar o partido sem ele. Quem não pensa assim está a querer passar uma certidão de óbito ao PSD. Não é o regime democrático que tem sempre alternativas, que está em causa, mas, sim, o PSD, na medida em que se possa pensar que tudo morreu na tragédia de 4 de Dezembro. Assim, estão a querer matar o PSD.» («Tempo», 6/8/1981).

A «morte» do PSD, à míngua de liderança, ou por situação de irremediável orfandade, daria lugar não só à promoção de Diogo Freitas do Amaral, («essa figura insubstituível do projecto AD», segundo Mário Raposo), o dirigente máximo da «coligação» e membro «insubstituível» do Governo (essa parece ser também a opinião de Cavaco Silva, veja-se declarações ao semanário «Tempo»), como à criação de um «bloco conservador», ou mesmo de um «partido conservador».

O ministro Nascimento Rodrigues, analisando a contestação ao Primeiro-Ministro e a crise do PSD, afirmava há dias: «O que me preocupa é ouvir alguns militantes, considerados de prestígio no PSD, advogar soluções que parecem apontar com uma osmose com o CDS, formando-se um só partido.» («A Capital», 7/8/1981).

Para além das questões de pessoas, para além dos problemas de sucessão, avultam as questões denunciadas por Ribeiro Teles e Nascimento Rodrigues: a da constituição, voluntária ou automática, de «um só partido», a das tensões provocadas pelas «pessoas que jogam em todos os partidos políticos» remando contra a corrente de Abril, fazendo os seus negócios, promovendo situações de privilégio, consentindo «regressos», advogando o «restauracionismo». A crise do PSD é uma crise da AD. É a crise desta prática política.



O presidente da Roménia, Nicolae Ceausescu, recebeu ontem o dirigente do PS Português, Almeida Santos, que lhe transmitiu «uma calorosa saudação e votos de saúde e de felicidades» da parte de Mário Soares. Almeida Santos, que se encontra em Bucareste a convite do Partido Comunista Romeno, manifestou ainda «a admiração do secretário-geral do PS Português pela política de paz, independência, amizade e colaboração desenvolvidas no plano internacional pela Roménia». Ao agradecer os cumprimentos de Mário Soares, o presidente romeno pediu a Almeida Santos que fosse portador «das suas calorosas saudações e melhores votos para o secretário-geral do PS». Durante a audiência, a que assistiu Virgil Cazacu, dirigentes do PC Romeno, foram evocadas as boas relações existentes entre os dois partidos, as quais «contribuem para o desenvolvimento das relações entre a Roménia e Portugal».

● O navio-escola «Libertad», da Marinha de Guerra argentina, chegou hoje ao porto de Lisboa, numa viagem de instrução de cadetes.

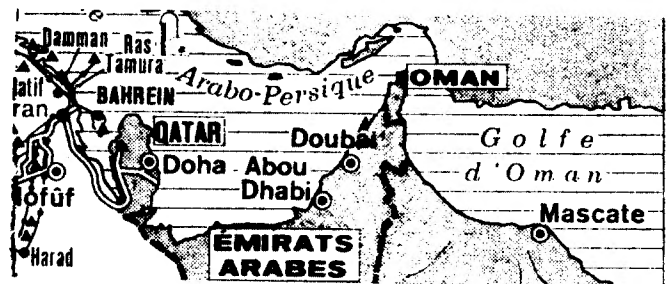
O «Libertad», que partiu de Buenos Aires a 21 de Abril, é comandado pelo capitão-de-fragata Carlos Alfredo Valhinger, tem uma tripulação de 230 homens e de 110 alunos.

Viajam também a bordo oficiais das marinhas dos Estados Unidos, Uruguai, Bolívia, Brasil, Paraguai, Peru, Equador, Venezuela e África do Sul, assim como oficiais do Exército, da Força Aérea e da reserva naval da Argentina.

A Marinha de Guerra argentina presta na sexta-feira homenagem aos descobridores portugueses no Monumento dos Descobrimentos, em Belém.

O «Libertad» faz-se novamente ao mar no domingo com destino ao porto espanhol de Cadiz e estará patente ao público nas tardes de hoje e sábado no Cais da Rocha Conde de Obidos.

● A CSPA congratula-se com a liberdade condicional concedida a José Guedes Mendes, preso do «caso PRP». Condenado a sete anos e meio de prisão no Tribunal de Matosinhos, em Fevereiro de 1980 e tendo-lhe sido descontado o perdão geral que se seguiu às eleições presidenciais, José Guedes Mendes atingiu o meio da pena em Julho de 1981. A reunião do conselho técnico da cadeia onde se encontrava detido (Estabelecimento Prisional do Porto – Custódios) decidiu, por unanimidade, conceder-lhe a libertação condicional pois nada pôde apontar perante o comportamento exemplar de José Guedes Mendes.



● O **conselheiro da Embaixada dos Emirados Árabes Unidos em Madrid, Saleh Kakaban**, foi **condecorado com a comenda da Ordem do Infante D. Henrique**, pelo **Governo português** — informou uma fonte oficial. A **condecoração** foi **concedida por proposta do Primeiro-Ministro, Pinto Balsemão**, que **visitou oficialmente os Emirados Árabes em Abril passado**. Segundo um porta-voz oficial português, Saleh Kakaban empenhou-se no desenvolvimento das relações entre os Emirados Árabes Unidos e Portugal.

● A regulamentação sobre a concessão de passaportes especiais foi publicada no «Diário da República». O passaporte especial – segundo esta lei da Assembleia da República – destina-se exclusivamente aos membros do Parlamento, aos membros das Assembleias Regionais, a altas entidades civis e militares e às pessoas incumbidas pelo Governo de missão extraordinária de serviço público no estrangeiro, se a natureza desta excluir a concessão de passaporte diplomático. A lei prevê a concessão de passaporte especial pelo período de dois anos aos membros da Assembleia da República, aos membros das Assembleias Regionais e a entidades civis e militares. As pessoas incumbidas pelo Governo de missões extraordinárias de serviço público no estrangeiro terão direito a passaporte especial pelo período determinado no despacho que fixou a respectiva missão.



● O embaixador da República Federal da Alemanha em Portugal desloca-se dia 20 à Região Autónoma da Madeira. O embaixador da Alemanha Federal, Jesco Von Puttkamer, efectua a sua primeira visita oficial à Região Autónoma, regressando dia 24 a Lisboa.

FOLHETIM ARTÍSTICO

Raczynski revisitado

Para quem trabalhe em matérias de história da arte portuguesa, o nome do conde Atanazy Raczyński é bem familiar, já que foi ele o criador de tal disciplina entre nós, fidalgo polaco ao serviço do rei da Prússia que o enviou como ministro diplomático a Lisboa de 1841 a 1848, data em que ocupou idêntico lugar em Madrid, ali ficando até 1852.

Autor de uma «Histoire de l'Art Moderne en Allemagne» publicada em 1836-41, em língua francesa, Raczyński empregou os ócios do seu posto em Lisboa a estudar a arte portuguesa, viajando no país, interrogando artistas e intelectuais, observando a situação caótica do saber nesse

domínio – e escrevendo «cartas» para a Academia de Berlim que seriam publicadas em 1848 sob o título «Les arts en Portugal», volume logo seguido por outro, «Dictionnaire historique-artistique du Portugal». Projectou também então um terceiro volume que nunca escreveria, sobre notas tomadas. Mais tarde contou a Joaquim de Vasconcelos que o desgosto das críticas feitas em Portugal às suas obras o impediu de continuar. Vasconcelos, numa pequena brochura de

1875, diz o que pensa de tais críticas, efeito da tolice de amadores a quem as pesquisas objectivas do historiador incomodavam...

Homem culto e erudito, Raczyński teve algumas surpresas em Portugal — como a de ver toda a pintura antiga atribuída a um só e tal Grão Vasco, que um sacristão, em Tomar, lhe afirmou ser o próprio Vasco da Gama... As suas viagens, no dédalo dos conhecimentos locais foi trabalhosa mas paciente: Juroména.

Herculano (que lhe ensinou que o manuelino era «a resistência do gótico ao renascimento» . . .), Roquemont e outros ajudaram-no com informações e leituras traduzidas, entre as quais de Francisco de Holanda que pela primeira vez foi publicado e entendido como fonte de conhecimento da arte nacional.

Contemporâneo de D. Fernando Coburgo em Lisboa, o ministro prussiano viu com mitigada admiração a sua obra da Pena que não cabia nos cânones da sua própria formação intelectual, toda inclinada para um revivalismo italianizante que os seus

Continua na pág. 7

Previsão de Soares:

Novo Governo só para cinco meses

Mário Soares considera, em artigo hoje publicado no órgão do PS «Acção Socialista», que o seu partido «perfila-se como a única alternativa possível, como fulcro de um largo consenso patriótico e democrático» para a saída da crise política do País. Sob o título «o PS e a crise da AD», a análise de Soares omite qualquer referência à FRS e seus parceiros desta coligação (ASDI e UEDS) e considera o PSD «incerto quanto ao que seja o tão autoproclamado projecto AD, na prática à trela do conservadorismo CDS...»

«Dir-se-á — prossegue o dirigente do PS — que a AD acabou, como alguns comentaristas o têm escrito, e que as insanáveis contradições que se criaram entre os seus líderes ou pseudo-líderes impedem que se espere qualquer solução positiva no quadro da própria AD». E acrescenta Soares: «Balsemão sucedendo a Balsemão não representa mais do que um breve intermezzo, a quatro ou cinco meses de vista. É muito provável».

De seguida, e para justificar a posição negativa do PS relativamente à hipótese de eleições antecipadas, Soares escreve que «em democracia as soluções são lentas e as maturações necessárias da opinião pública que dão origem às grandes e fecundas transformações, não se fazem de um dia para o outro. «É preciso dar tempo ao tempo» — acrescenta, citando o exemplo francês e «as grandes transformações democráticas que se prepararam na Grécia ou na Espanha» e sublinhando que «ao País não interessam arranjos políticos transitórios que ignorem os problemas concretos dos portugueses»...

Problemas «alarmantes»

Entretanto, o secretário-geral do PS admite que os problemas do país «se têm agravado, em proporções alarmantes e pela incapacidade dos Governos AD» e pela sua política «confessadamente conservadora e monetarista». Refere, a propósito, o «cortejo de greves sem precedentes», e fala do «descontentamento da CIP, das denúncias repetidas da CAP, da profunda decepção dos dinâmicos empresários do Norte, do mal-estar que corroi os quadros, da indistigável lassidão dos comerciantes, das propriedades agrícolas, das profissões liberais».

Noutro ponto do seu artigo, Mário Soares considera que «o País sente hoje mais do que nunca, a necessidade vital que os seus problemas sejam resolvidos» para acrescentar que o seu partido não pretende «destabilizar as instituições, propondo eleições antecipadas» a menos de um ano das últimas legislativas.

Aproveita o líder do PS para atacar o PCP e o MDP/CDE, os seus «comportamentos antidemocráticos do «Verão quente» de 1975, e a sua proposta de eleições antecipadas por — diz Soares — «comprometer deliberadamente a via democrática, abrindo o País, sem defesa, para toda a espécie de aventuras».

«Como democratas responsáveis», os socialistas entendem — considera ainda Soares — que a AD «deve reconhecer o seu papel e a sua limitação, não só legítima, mas também legítima, para não pôr em perigo o poder do governo».

João Jardim está a banhos em Porto Santo

“Não vou a Lisboa às reuniões do PSD porque não tenho tempo para paleio”

Alberto João Jardim, presidente do Governo regional da Madeira e membro destacado do PSD, está a banhos em Porto Santo. Numa altura em que toda a classe dirigente da AD está metida em reuniões e mais reuniões, em adiamentos e mais adiamentos, ele despiu as calças e de calções e tronco nu diverte-se nas águas límpidas de Porto Santo, «marimbando-se», como ontem garantiu ao «DL» em conversa telefónica, para o que se passa nos bastidores da política em Lisboa.

«Interromper as férias, eu? Nem pensar, meu amigo, nem pensar. Como? As coisas na AD parecem complicadas? Claro que parecem. Mas eu não tenho nada com isso. Não ouço, fale mais alto. Ah, no PSD há reuniões ao mais alto nível? Eu sei, eu sei. Porque é que não vou aí a Lisboa? Era o que faltava. Não tenho tempo para perder com paleio. Sabe uma coisa? As reuniões daí existem porque não se tomaram medidas há um mês atrás como eu tinha proposto. Se isso tivesse sido feito tinha-se resolvido o assunto com eficiência».

«Mas acha que o assunto não está resolvido?»

«Não vejo nada resolvido, se



No banho, em Porto Santo (Telefoto DL)

quer que lhe diga com franqueza.

Não deve ser comigo...

João Jardim, como de resto Mota Amaral, foram ontem criti-

cados publicamente pelo dirigente do CDS da Madeira, Cabral Fernandes, que, em declarações à ANOP, falava de «personalidades das Regiões Autónomas» que parecem mostrar-se «um tanto indiferentes» à

boa continuação da AD.

«O que é que penso disso? Não devo ser comigo. Não me considero uma personalidade. Sou um homem de trabalho e mais nada.»

«OK. O senhor é um homem de trabalho, mas Cabral Fernandes referia-se a si e a Mota Amaral, criticando as vossas posições face à AD. Mota Amaral, por exemplo, chegou a falar da AD como um casamento de conveniência...»

«Está bem. Mas uma coisa é que o Mota Amaral diz e outra é o que eu digo. A AD deve continuar até 84. Agora o que esse senhor do CDS da Madeira diz não tem pés nem cabeça. O Governo Regional da Madeira nunca teve uma posição ambígua sobre o que quer que fosse. Nós não temos nada a ver, nem queremos, com a AD.»

«Mas enquanto dirigente nacional do PSD qual é a sua posição sobre a AD?»

«Nessa qualidade não tenho obstruído a AD, que, como foi definido no Congresso do PSD, é uma coligação que, em princípio, se deve manter até 84. Mas é uma coligação e não um projecto político. Nunca ouvi o dr. Sá Carneiro falar da AD como projecto político. E nós temos o nosso.»

«Mas Cabral Fernandes diz que para o CDS-Madeira o importante é a preservação de um bom relacionamento entre os Governos regionais e o Governo da República, e não o privilégio da República («crime» de que vos acusa...)»

«Já lhe disse que o que ele diz não tem pés nem cabeça. Nós defendemos a existência de boas relações entre todos os órgãos de soberania legitimados pelo sufrágio popular. Portanto só excluímos o Conselho da Revolução. Quanto ao resto, meu caro amigo, não estamos nada preocupados com as afirmações de quem for de quem há aproximação do Governo Regional da Madeira com o Presidente da República. Nós mantemos boas relações com esse órgão de soberania como mantemos com o Governo da República, que é a AD, e com o qual, convém que fique claro, nada temos a ver. Quer num caso, quer noutro, só os criticamos — e sempre o faremos — se os interesses da nossa região forem postos em causa. Entendido?»

«Claro. Entendido. Boas férias.»

«Divirta-se aí por Lisboa.»

R.C.

Primeira Constituição Republicana foi aprovada há 70 anos

A primeira Constituição republicana portuguesa completa amanhã 70 anos.

Elaborada pela Assembleia Constituinte eleita a 25 de Maio de 1911 — quase um ano depois da Revolução de Outubro de 1910 que implantou a República — o texto constitucional republicano teve como principais modelos inspiradores as constituições brasileira, de cariz presidencialista, e a suíça, marcadamente parlamentarista.

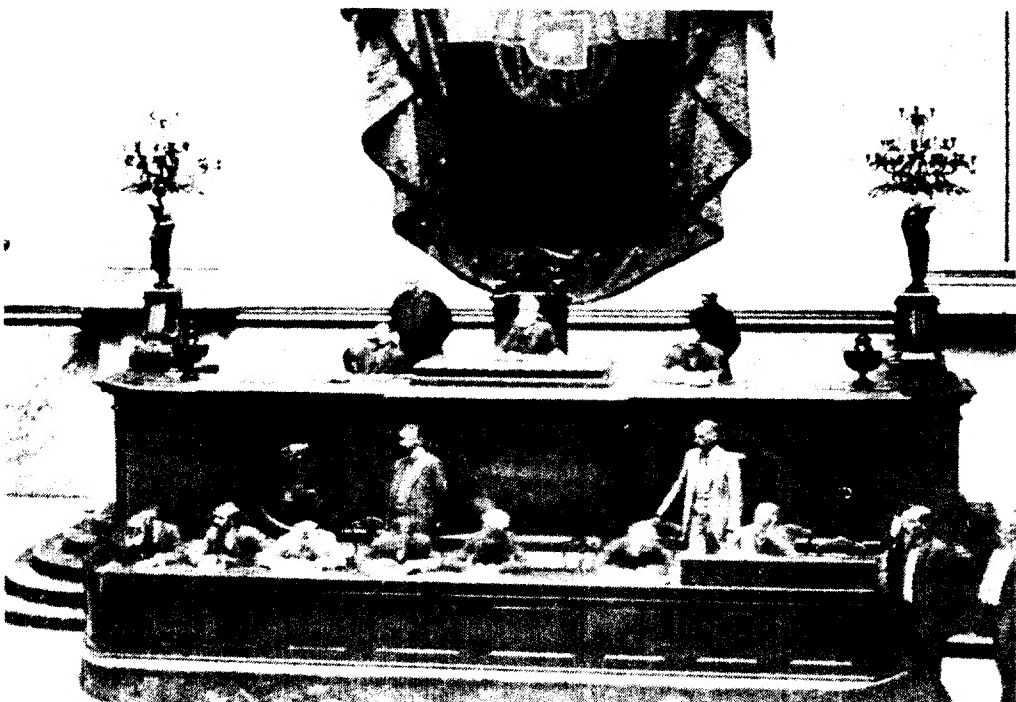
O debate parlamentar acabou por levar à elaboração e aprovação de um texto algo híbrido, parlamentarista na sua essência embora com algumas disposições só compatíveis com o presidencialismo.

A Constituição de 1911 organizava o Estado Português sob a forma de uma República democrática em que a soberania se repartia por três poderes: o Legislativo, o Executivo e o Judicial.

A partilha legalmente independentes e harmónicos entre si, os três poderes constitucionalmente instituídos acabaram por verificar alguma disparidade nas suas competências ficando o Legislativo com a maior parte das responsabilidades na governação do País.

A Câmara dos Deputados e o Senado que eram as duas grandes entidades componentes do Legislativo tinham a seu cargo a nomeação do Executivo, composto pelo Governo e pelo Presidente da República, este eleito pelo conjunto das duas Câmaras (Conselho da República) para um período de quatro anos.

Esta disparidade de poderes foi por diversas vezes motivo para tentativas de reforço do Executivo através de alterações constitucionais mas a instabilidade governativa que



A sessão inaugural do Senado, em Setembro de 1911

o tipo de organização partidária provocara e o sistema facilitava nunca permitiram que esse reforço se concretizasse.

O período de vigência da Constituição de 1911 terminou, na prática, em 1926 com o golpe militar de 28 de Maio, embora se tenha mantido em vigor até 1933.

No período compreendido entre 1926 e 1933 veio tornar praticamente nula a influência da Constituição já que foi o da vigência do movimento insurreccional que implantou a ditadura militar.

O texto constitucional seguinte aparece, em 11 de Abril de 1933 aprovado por plebiscito popular tentando até certo ponto um compromisso entre as correntes que haviam

apoiado o 28 de Maio e se haviam manifestado durante a ditadura.

Empírica e eclética a Constituição de 1933 era uma amálgama de intenções tentando conciliar várias e diversas referências nalguns casos dificilmente conciliáveis.

Fortemente marcada pela experiência do Estado Novo italiano e igualmente inspirada pelo pensamento de André Maurras, a Constituição de 1933 visava reatar a ligação com a tradição anterior à era constitucional e aproveitar ensinamentos sociais da Igreja, ao mesmo tempo que incluía sub-repticiamente a manutenção das fórmulas democráticas e constitucionais.

No fundo elaborado à medida do seu inspirador e tutor, o professor Oliveira Salazar, o texto constitucional do Estado Novo apresenta-se programático no plano do regime político, nacionalista, autoritário e corporativo.

Ao nível do Governo previa um presidencialismo com amplos poderes do executivo, acentuando os poderes do Presidente do Conselho «conforme o modelo tradicional e a experiência da ditadura».

À medida que as circunstâncias políticas foram forçando o regime a um progressivo endurecimento, a Constituição foi sendo alterada visando sempre o reforço dos poderes do Executivo e, con-

sequentemente, do seu presidente.

A primeira alteração verifica-se em 1945 e vem conceder ao Governo «competência legislativa normal» seguindo-se, em 1951, a inserção no texto constitucional das disposições respeitantes ao ultramar até aí constantes do «Acto Colonial».

Finalmente em 1959 — um ano depois da ameaça que significou para o Estado Novo a candidatura à Presidência da República do general Humberto Delgado — a Constituição é alterada modificando o modo de eleição do Chefe de Estado que passou a ser eleito por um colégio eleitoral restrito.

A Constituição de 1933 vigorou até 1974 data em que o Movimento Militar do 25 de Abril veio retirar ao poder o que restava do Estado Novo.

Após um interregno de dois anos foi aprovada pelo Presidente da República a Constituição de 1976 que havia sido preparada entre 2 de Junho de 1975 e 2 de Abril desse ano.

«A história constitucional portuguesa, como a da generalidade dos países latinos, é feita de roturas» afirma o constitucionalista Jorge Miranda.

No caso de Portugal cada uma das cinco constituições pós-revolucionárias (1820, 1836, 1911, 1933 e 1974) vêm consagrar a nova ideia de direito dominante e institucionalizar as mudanças entretanto operadas, acrescenta o mesmo constitucionalista.

Com uma história constitucional de quase dois séculos «seis constituições não são consideradas excessivas para um país latino como Portugal já que a Espanha teve 9 e a França 11 (ou 16 segundo outra contagem)» recorda Jorge Miranda.

PSD mantém pressão

Freitas do Amaral só responde no sábado

Mantêm-se as pressões para garantir a presença de Freitas do Amaral no próximo Governo da Aliança Democrática, mas o líder centrista decidiu reservar a sua posição até ao próximo fim-de-semana, alegadamente para poder ouvir o conselho dos membros da Comissão Política do CDS que reúne no sábado.

A Comissão Directiva do partido terá ontem afirmado por consenso a Freitas do Amaral que a sua presença era necessária como número dois do executivo. E o mesmo fez o vice-presidente do PSD Ângelo Correia, em declarações à ANOP.

Este garantiu que o seu partido não fez quaisquer exigências aos seus parceiros de coligação, para depois recordar que o PSD recebeu e crê que receberá «toda a solidariedade para a obtenção do objectivo comum que é a realização do projecto AD». No entanto, disse também que «pensamos que tal só será obtido através do empenho pessoal de todas as figuras que no presente e no passado consubstanciaram esse espírito».

Ângelo Correia elogiou Freitas do Amaral, «cuja lealdade e capacidade demonstrada, designadamente no Governo presidido pelo dr. Sá Carneiro, são para nós garantia do seu empenho».

A decisão de Freitas do Amaral de participar ou não no Governo, que curiosamente aparece como sendo a grande questão que se coloca na área do poder, será exclusivamente do próprio, como ontem referiu um porta-voz do CDS. E no processo de formação da sua vontade quanto à resposta a dar ao convite de Balsemão para ser vice-primeiro-ministro, Freitas do Amaral tem «desenvolvido uma série de contactos, no âmbito do partido e da AD para recolha de elementos necessários». Esses contactos passam também pelos órgãos próprios do CDS e depois de ontem ter sido ouvida a Comissão Directiva, no sábado será a vez da Comissão Política o órgão intermédio entre o Conselho Nacional e a Comissão Directiva centristas.

Depois Freitas do Amaral, definitivamente, dirá se mantém ou não a promessa assumida antes da morte de Sá Carneiro de não participar em nenhum Governo

enquanto Eanes fosse Presidente da República. Promessa que, aliás, uns dias depois do acidente que vitimou o líder do PSD, Freitas do Amaral admitiu ter já perdido sentido, face às alterações produzidas pela conjugação da derrota eleitoral de Soares Carneiro e a morte de Sá Carneiro.

CDS de Cascais

Entretanto, a Comissão Executiva Concelhia de Cascais divulgou um comunicado em que apoia a participação de Freitas do Amaral no VIII Governo Constitucional.

Depois de reafirmar a sua confiança no presidente do CDS e nos ministros centristas que

estiveram no último Governo Balsemão, aquela estrutura defende «a formação de um Governo competente, coeso e dinâmico e determinado a governar, efectivamente e bem, até ao fim da presente legislatura».

E adiante afirma que «só a participação do prof. Freitas do Amaral no próximo Governo poderá garantir a este eficácia que o eleitorado da AD e os militantes do CDS esperam e desejam e bem assim a indispensável credibilidade do Governo e da AD na opinião pública».

Por isso, os centristas de Cascais solicitam a Freitas do Amaral que reveja a sua posição de não participar no Executivo e ingresse no próximo Governo «nas condições que considerar necessárias».



A saída da Comissão Directiva do CDS (que entretanto prossegue diligência por Basílio Horta): «Estão ali a alinhavar umas colinhas...» — disse aos repórteres



Ribeiro Teles a saída de S. Bento: tudo vai bem...

Meneres Pimentel: uma inesperada visita a Balsemão

Balsemão tem condições para voltar a chefiar Governo

— revelou Ribeiro Telles

O líder do PPM, arquitecto Ribeiro Teles, indicou ontem, à saída da reunião com Pinto Balsemão, estarem «já reunidas as condições» para que o presidente do PSD «aceite chefiar o oitavo Governo».

Ribeiro Teles confirmou ainda, após hora e meia de conversações com Balsemão, as declarações que anteriormente fizera ao «DL» de que «a AD não acabará se Freitas do Amaral não integrar o próximo Executivo». Acrescentou o dirigente monárquico «não ser um problema de

peças mas de políticas a formação do novo Governo».

«Em consonância com Pinto Balsemão», Ribeiro Teles afirmou estar disponível para ocupar um cargo governativo desde que o Executivo a formar tenha como fim a aplicação do programa da AD apresentado ao eleitorado.

Meneres Pimentel

Presente em S. Bento, para reunião com Pinto Balsemão,

logo após a saída de Ribeiro Teles, o ministro da Justiça em exercício Meneres Pimentel, indicou, igualmente, no final, ser possível a formação de um Governo sem a participação de Freitas do Amaral.

É normal que, num Governo de coligação, participem os líderes dessa coligação, mas não é condição *sine qua non* para a formação do próximo Governo — frisou Meneres Pimentel. Acrescentou apenas estar disposto a entrar neste gabinete se ele for presidido por Balsemão.

Freitas do Amaral, em S. Bento, cita Bismarck

“A alcachofra deve ser comida folha a folha”

Freitas do Amaral apenas no sábado anunciará a sua decisão final sobre a sua participação no Governo, após a reunião da Comissão Directiva do seu partido — anunciou o próprio, com ar sério e grave, à saída de um encontro de hora e meia que ontem teve com Pinto Balsemão, em S. Bento, ao princípio da noite.

O professor e líder do CDS, que, antes de falar perante as câmaras da Televisão, os microfones da Rádio e as canetas de dezenas de jornalistas que o esperavam, deu um leve toque de apurmo na sua gravata azul escuro, apertou o casaco cinzento e rapou de um papel onde já trazia a «declaração» que achou por bem fazer «aos representantes da Comunicação Social», admitiu ali da que a reunião da Comissão Política do seu partido pudesse não terminar no sábado, prolongando-se os trabalhos até domingo, por exemplo. O que, adiantou, poderia significar que a sua resposta apenas fosse conhecida nesse dia...

«Mas não acha que a crise se arrasta há muito e o CDS já deveria ter definido uma posição clara quanto à participação dos

seus elementos no futuro Executivo? Não se trata de jogo de empurra, de adiamentos sucessivos entre o CDS e o PSD, sempre a olhar uns para os outros para verem o que hão-de fazer?» — perguntou uma jornalista ao professor Freitas, que ajeitou mais uma vez o casaco, pensou um segundo e respondeu com voz meiga:

«Não minha senhora. Tudo tem o seu tempo próprio. Permito-me até lembrar uma velha frase do chanceler Bismarck que dizia que 'a alcachofra deve ser comida folha a folha'. Boa noite e muito obrigado.»

E o professor Freitas do Amaral, aproveitando o ar galhofeiro dos jornalistas perante tão erudita e gastronómica citação, afastou-se rapidamente para a viatura que o esperava e partiu seguido pelos inevitáveis homens da sua segurança pessoal.

Imposições, não

Freitas do Amaral tinha feito anunciar, ontem, à tarde, ao princípio da reunião da Comissão Directiva do CDS que decorreu no Largo do Caldas, que faria

uma importante declaração em S. Bento, depois de se avistar com Pinto Balsemão. Daí, a natural expectativa com que se aguardava o aparecimento do jovem professor, havendo até quem adivinhasse que ele certamente iria manifestar publicamente o seu apreço pela coragem de Pinto Balsemão aceitar de novo formar Governo — como, de resto, o havia feito quando Balsemão anunciou a sua demissão...

Mas Freitas do Amaral tinha outras intenções. Fundamentalmente quis dizer à população deste País — aproveitando-se naturalmente desses intermediários que são os jornalistas — que qualquer decisão que venha a tomar sobre a sua participação ou não no Governo «será tomada em plena liberdade de consciência e nunca em ambiente de exigência ou imposição venham de onde vierem».

Assim mesmo: na casa do Primeiro-Ministro em exercício, Freitas do Amaral gritou que, com ele, ninguém impõe nada. Nem o próprio Pinto Balsemão que, disse, «nunca fez depender a decisão de aceitar o cargo de

Primeiro-Ministro do novo Governo da imposição de ele próprio entrar para o Executivo».

«O que esteve sempre em causa» — acrescentou — «foi o relançamento da AD, o seu reforço e o empenhamento dos seus líderes nessa tarefa. Ir ou não ir para o Governo é um segundo problema que se põe um pouco mais tarde.»

Sempre lendo o papel dactilografado que tirou do bolso — e trazia já preparado da sede do CDS, porque não consta que o tenha estado a bater à máquina com Pinto Balsemão — Freitas do Amaral lembrou que na primeira reunião tinha com o presidente do PSD haviam concordado «naturalmente e sem esforço» que a AD «deve continuar, em condições para prosseguir e deve ser reforçada e relançada».

«Concordamos ainda na necessidade de rever a orgânica e o funcionamento e os modos de coordenação da AD» — continuou o líder centrista, que revelou igualmente o acordo com Balsemão quanto ao facto de «ser necessário e conveniente, no momento actual, que todas as personalidades de relevo da AD

— nomeadamente os seus três líderes —, assumam uma função mais activa na primeira linha de actuação política da AD».

Esse empenhamento, explicou depois o professor para que não restassem dúvidas, vem na linha do que já havia traçado na sua intervenção televisiva tempos atrás: «Segundo o consenso de todos poderá ser ou no Governo, ou na Assembleia da República, ou nos órgãos coordenadores da AD».

Freitas do Amaral sublinhou também que Pinto Balsemão não lhe fez «qualquer exigência», embora tenha expresso «a preferência pela sua entrada no Governo». Em resposta o líder do CDS garantiu-lhe o «total empenhamento pessoal no reforço e no lançamento da AD», tendo reafirmado também a «disponibilidade para assumir novas responsabilidades quer na AD, quer na Assembleia».

Quanto à hipótese da sua ida para o Executivo o professor Freitas do Amaral olhou para as câmaras e, de cor, disse: «Põe-se-me um problema de consciência muito difícil pelas razões que são conhecidas» e acres-

centou então:

«Não desejo tomar uma posição definitiva sem conhecer a opinião das estruturas locais e da Comissão Política do CDS. Devo deixar claro, no entanto, que qualquer decisão que venha a tomar sobre esse assunto será tomada em plena liberdade de consciência e nunca em ambiente de exigência ou imposição venham de onde vierem.»

Na verdade Freitas do Amaral e o CDS, como Bismarck, querem comer a alcachofra folha a folha.

GITUS

BULGÁRIA
Últimas inscrições
Partida 3/9

PARA MAIS INFORMAÇÃO CONTACTE:
GRUPO INTERMUNICIPAL DE TURISMO SOCIAL
GITUS
Av. da Liberdade, 73 3.º D.º Lisboa
Tels. — 32 05 56 32 06 38 36 43 03

a palavra com...



Mário
Murteira

Confronto Norte-Sul

De vez em quando, por uma questão de pudor e também de higiene mental, convém desviar os olhos da cena política nacional e tentar ver um pouco mais longe, além-fronteiras. A questão Norte-Sul é um dos grandes confrontos do mundo em que vivemos e, tenhamos ou não consciência disso, passa também por aqui, como se viu recentemente, por exemplo, nas posições assumidas por diversas correntes políticas aquando da visita a Portugal, como convidado do PCP, do dirigente angolano Lúcio Lara.

Mas o propósito destas notas, por hoje, é apenas o de introduzir o leitor não especializado nalguns aspectos mais significativos da questão. Duas próximas reuniões internacionais vão assumir particular relevo nesta matéria: em Setembro, terá lugar em Paris uma sessão extraordinária da Assembleia Geral das Nações Unidas para se ocupar dos problemas dos chamados «países menos desenvolvidos», ou seja, os mais pobres do Terceiro Mundo (conhecidos pelas iniciais L. D. C. da expressão inglesa *Least Developed Countries*); em Outubro no México, prosseguirá o «diálogo» (de surdos) Norte-Sul, que pareceu definitivamente comprometido depois da chegada de Reagan ao poder. Num e noutro caso, há natural expectativa sobre a atitude das duas novas administrações — francesa e norte-americana — e sobretudo sobre a resultante das tendências contrárias que virão introduzir na liderança do grupo dos capitalistas desenvolvidos que é ainda — e vamos verificá-lo — o bloco económico mundial mais poderoso.

Mas afinal de que se trata?

Os Quadros I e II dão-nos alguns elementos úteis de resposta. O primeiro descreve a evolução das exportações mundiais, por grandes grupos económicos e regionais, nos últimos trinta anos. O segundo, permite-nos comparar esses grupos nas duas últimas décadas, quanto aos resultados do seu crescimento económico. Colhi os dados em diversas publicações das Nações Unidas.

QUADRO I

Verifica-se que o grupo dos «ricos» (capitalistas desenvolvidos) mantém a parte de leão nas exportações mundiais, ape-

PARTE DOS PRINCIPAIS GRUPOS ECONÓMICOS E REGIONAIS NAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS (em %)

	1950	1960	1970	1974	1979
Países capitalistas desenvolvidos	61.1	66.8	71.3	64.6	65.8
Dos quais: América do Norte	21.7	20.4	18.9	15.6	14.5
Europa	33.4	39.9	43.7	40.2	42.8
Japão	1.4	3.2	6.1	6.6	6.3
Países socialistas da Europa Oriental	6.8	10.1	9.8	7.8	8.3
Países socialistas da Ásia	1.3	1.6	0.8	0.8	0.9
Países e territórios subdesenvolvidos	30.8	21.5	18.1	26.9	25.0
Dos quais:					
Maiores exportadores de petróleo	6.2	6.8	6.2	15.7	13.4
Outros	24.6	14.9	11.7	11.1	11.6
Total mundial	100	100	100	100	100

sar de o aumento do preço do petróleo, a partir de 1973, ter reduzido um pouco essa parte a favor dos países da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), redução, todavia, que tem vindo a ser recuperada. Os países e territórios subdesenvolvidos, em conjunto, e apesar da valorização espec-

tacular do petróleo, não atingem em 1979 a participação de que dispunham em 1950. Porém, os subdesenvolvidos não exportadores de petróleo, têm em 1979, uma participação no comércio mundial inferior à metade daquela que atingiam em 1950. Quanto aos países socialistas, têm uma expressão relativamente reduzida no comércio internacional, inferior à sua participação na produção mundial, uma vez que o seu processo de crescimento económico se orientou sempre mais para dentro — para reforço do potencial económico e militar nacional, numa ordem internacional hostil — do que para os mercados externos. De notar, ainda, a extraordinária trajectória japonesa, pois o Japão mais do que quadruplica a sua participação nas trocas comerciais mundiais no período considerado.

QUADRO II

As desigualdades de desenvolvimento à escala mundial podem ser expressas de diversas formas, mas os números simples constantes do Quadro II dão uma imagem suficientemente expressiva do chamado fosso Norte-Sul.

Assim, os países de mais baixo nível de rendimento (que inclui o grupo dos LDC, de que atrás falei, principalmente países da África subsariana e da Ásia do Sul) que contam para cerca de 30% da população mundial, originam apenas 3% dos bens e serviços produzidos no mundo inteiro. Em contrapartida, os países capitalistas desenvolvidos, 15% da população do planeta, produzem pouco menos de 60% da produção mundial.

Se olharmos agora as disparidades de valores do Produto Nacional Médio por habitante — indicador estatístico grosseiro, mas utilizado correntemente para comparação de níveis de vida — conclui-se que o nível médio de vida do grupo mais pobre é cerca de 40 vezes inferior ao grupo mais rico. E olhando as colunas que indicam o crescimento médio anual, em percentagem, do produto por habitante, verificamos que as disparidades entre aqueles dois grupos se acentuam fortemente nos últimos vinte anos: os países subdesenvolvidos de baixo rendimento aumentaram o nível de vida em média anual, a menos de 2%, enquanto os países capitalistas desenvolvidos cresceram bastante mais rapidamente. E as perspectivas para a actual década vão no mesmo sentido.

É assim compreensível que o relatório publicado o ano passado (entre muitos que se têm produzido ultimamente) elaborado pela chamada Comissão Brandt, composta por personalidades moderadas, na sua maioria de tendência social-democrata, tenha concluído o seguinte:

«No começo dos anos 80, a comunidade internacional enfrenta perigos maiores do que em qualquer outra altura depois da Segunda Guerra Mundial. É claro que a economia mundial funciona hoje tão mal que prejudica os interesses de todas as nações, tanto os imediatos como os a longo prazo. (...)»

«A mudança é inevitável. A questão é saber se a comunidade mundial dará passos deliberados e decisivos para a conseguir ou se a mudança será imposta a todos por acontecimentos sobre os quais a comunidade internacional dispõe de reduzido controlo.»

Se aquilo que está em jogo é tão condicionante (quando não determinante) da evolução de todos, grandes e pequenos, parece que o posicionamento da política externa de qualquer país em relação à questão é elemento decisivo da definição dessa mesma política. Não vou entrar na análise da posição oficial portuguesa na matéria. Ficará para outra vez. Mas quando se procura hoje saber onde está Portugal, entre o Norte e o Sul, fica-se com a impressão de que está ao lado.

QUADRO II

DESIGUALDADES DE DESENVOLVIMENTO À ESCALA MUNDIAL

	População (1980) Milhões de habitantes	Produto por habitante (1980) Em dólares	% média anual de crescimento 1960/70	% média anual de crescimento 1970/80	População Mundial (1980)	% Produto Mundial (1980)
Países subdesenvolvidos	2290	791	3.1	2.9	51.9	16.4
- De rendimento baixo	1310	245	1.7	1.7	29.7	2.9
- De rendimento médio	980	1521	3.4	3.1	22.2	13.5
Exportadores de petróleo com excedente de capital	69	4614	7.3	5.0	1.6	2.9
Países capitalistas desenvolvidos	671	9684	3.9	2.4	15.2	59.0
Países socialistas (Europa e Ásia)	1386	1720	-	3.8	31.4	21.7

EPAC tem 140 mil toneladas à espera dos estivadores

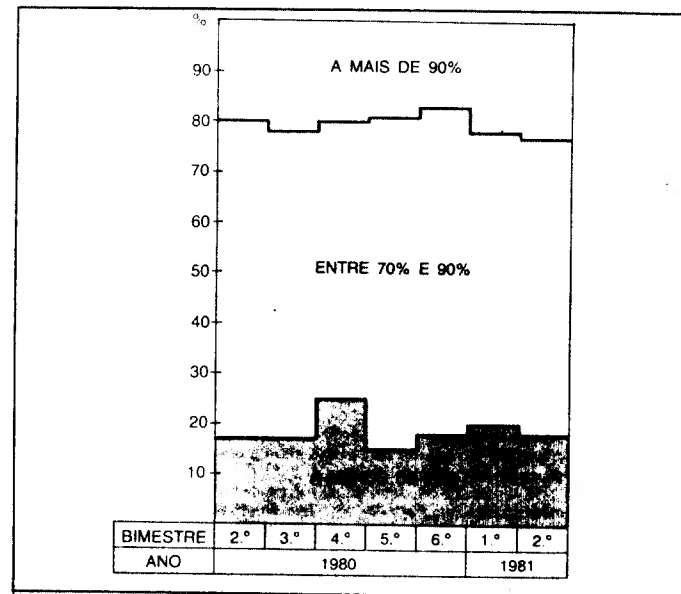
Cento e vinte mil toneladas de milho e vinte mil toneladas de trigo destinados à EPAC aguardam vez nos porões de oito grandes cargueiros para serem descarregados, desde Julho. A demora da operação, ameaçando fazer perigar o próprio abastecimento de cereais, deve-se fundamentalmente à greve dos estivadores do porto de Lisboa, que durante 21 dias de Junho paralisaram a sua actividade.

Os cargueiros «Nacional», «Bragança», «Kassinga», «Rimmine», «Master Petrus» e «Normau Venture», entre outros, dois deles portugueses, portanto, encontram-se ancorados ao largo do Tejo, nas zonas do estuário, áreas de São José, Quatro Ocidental e Cascais, envolvendo cerca de mil contos diários em despesas de manutenção que se poderiam evitar. Além daqueles milhares de toneladas

de cereais, acondicionam também em três dos seus porões mais de duzentas toneladas de carvão com destino à Siderurgia Nacional do Seixal.

A EPAC está a desenvolver todos os seus esforços, de par com os próprios responsáveis do porto de Lisboa, de modo a que aquelas 140 mil toneladas de cereais sejam descarregadas o mais depressa possível, desconhecendo, contudo, quando é

que a operação se poderá concretizar, afirmou ao «DL» um informador da Empresa Pública de Abastecimento de Cereais. Em grande parte, a demora no descarregamento, depois de suspensa a paralisação dos estivadores, fica a dever-se às poucas condições que o porto de Lisboa oferece nestas circunstâncias e, por outro lado, ao facto de não ser fácil recuperar, em poucas semanas, os efeitos de uma paralisação de 21 dias.



Utilização da capacidade de produção na indústria transformadora

Indústria portuguesa: Situação estacionária mas de sinal negativo

É estacionária a conjuntura industrial portuguesa no segundo bimestre deste ano, de acordo com as informações divulgadas pela publicação da CIP «Conjuntura Industrial».

A situação mostra no entanto «sinais ligeiramente agravados em todos os sectores de actividade», situação que deverá manter-se de acordo com as respostas obtidas no inquérito da publicação.

Nas indústrias extractivas a evolução da conjuntura do sector foi negativa, acusando um quarto das empresas inquiridas quebra de facturação (no período anterior não se registou qualquer quebra). Também o nível de utilização da capacidade instalada decresceu, mantendo-se a ausência de dificuldades no escoamento dos «stocks» de produtos acabados, enquanto 14 por cento das empresas os considera próximo da ruptura.

A situação financeira corrente agravou-se, apresentando-se como condicionais deste quadro além desse agravamento, o dos custos da produção, especialmente os derivados da «energia e combustível», baixa de produtividade e escassez de materiais no mercado.

A maioria das empresas das indústrias extractivas tem a carteira de encomendas razoavel-

mente preenchida, prevendo-se o aumento da facturação. Os investidores do sector têm como objectivo principal a aquisição de equipamento novo.

Quanto à indústria transformadora, a situação não regista alterações apreciáveis em relação ao bimestre anterior, mas é também de sinal negativo.

Verificou-se um ligeiro aumento do número de empresas com dificuldades de escoamento (18 por cento no total das respostas). Um quarto das inquiridas continua a considerar a sua situação financeira má, devido a «maus resultados acumulados» e dificuldades de obtenção de crédito.

Os condicionamentos desta situação, apontados pelas empresas são: incidência crescente das dificuldades de aprovisionamento, pressões altistas nos custos de produção e fraco dinamismo da procura interna e externa.

Quanto ao futuro próximo, as empresas apontam na generalidade para a polarização das perspectivas para a estagnação 76 por cento das respostas no que se refere ao nível de utilização da capacidade de produção; 52 por cento e 59 por cento das respostas em relação à facturação e tendência de encomendas respectivamente.



FERNANDA ÁUREA
PEGADO
ROMÃO
DE CARVALHO
FALECFU

Carlota da Silva Pegado Romão, Maria Manuela Saraiva de Carvalho e filhos, Otelo Saraiva de Carvalho, mulher e filhos, Maria Gabriela de Carvalho Rebelo, marido e filhos, Olívia Romão Mendes, marido e filhos, Jorge Pegado Romão e demais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua muito querida filha, mãe, sogra, avó, irmã, cunhada, tia e parente e que o funeral se realiza amanhã às 15.30 horas, saindo da Igreja de Nosa Senhora de Fátima, para o cemitério do Lumiar. Às 11 horas, será celebrada missa de corpo presente.

Agência Magno - Tel. 53 41 67

Câmara de Mafra despreza populações rurais

● Povo da Avesada disposto a cortar estrada da Malveira

A população da Avesada, localidade situada a 4 quilómetros da Malveira, no concelho de Mafra, ameaça cortar a estrada para Lisboa como forma de chamar a atenção dos responsáveis para a situação de extrema degradação em que se encontra em matéria de vias de comunicação.

Desesperada com uma questão que se arrasta há anos e a que a Câmara de Mafra nunca soube dar resposta, apesar das promessas feitas à população de Avesada — uma zona de importante desenvolvimento económico no concelho — está disposta a não mais enviar exposições ou fazer apelos à edilidade, que, até agora, os ignorou sistematicamente.

A estrada que liga Avesada a Malveira encontra-se praticamente intransitável e quando as primeiras chuvas caírem transformar-se-á, a exemplo dos anos anteriores, num autêntico lamaçal onde nenhuma viatura pode entrar.

Para tornar a questão mais grave — e até mais ridícula — um empreiteiro de Sintra andou durante dois anos a «mastigar» o arranjo dos tais 4 quilómetros que ligam Malveira a Avesada com derivações para Vale d'Uge, Quintas, Funchal, Rogel, Santa Eulália e Santo Estevão das Galés (a sede da freguesia) tendo abandonado posterior-

mente as obras, deixando a estrada ainda pior do que estava.

Perante esta situação — a que a Câmara de Mafra, cujo presidente já abandonou o lugar não sabe ou não quer dar resposta — a própria Rodoviária não se arrisca a colocar naquele troço mais carreiras de que a população necessita. E quando chove, não há mesmo carreira, e de táxis nem vale a pena falar.

Com a aproximação do Inverno a angústia da população aumenta e há já quem pense que antes que as primeiras chuvas caiam é preciso, de uma forma eficaz, chamar a atenção para o problema.

De referir que a estrada da Avesada serve uma zona bastante populosa onde existem: uma cerâmica de grande nível de produção e que exporta para numerosos países uma fundição e uma cromagem; o único laboratório do concelho de análise de rações; uma fábrica de móveis

de cozinha virada para a exportação; uma escola de equitação de nível europeu e que é visitada e utilizada por numerosos turistas; uma praça de touros; oficinas especializadas em reparações automóveis e motorizadas; o primeiro posto de leite, com sistema de refrigeração, da freguesia; uma fábrica de fibras sintéticas; diversos aviários; um restaurante típico; serralharia, carpintaria e empreiteiro de construção civil; extensos campos que fornecem produtos hortícolas a Lisboa; uma escola primária que obriga as crianças das aldeias próximas a andar, no Inverno, pelo enorme lameiro em que a «estrada» se transforma.

Se a Câmara não tomar medidas tendentes a pôr fim a esta situação será o povo a chamar a si a iniciativa de lhe por cobr — disseram, de um modo peremptório ao «DL», alguns dos habitantes de Avesada que se deslocaram à nossa Redacção.

Termalismo tem maior procura Campanha de relançamento começa a dar resultados

A campanha de relançamento do termalismo em Portugal iniciada há alguns meses está já a dar resultados, segundo uma nota da Associação Nacional dos Industriais de Águas Minero-

-Medicinais e de Mesa (ANIAMM), que a comprovar a nova situação refere a frequência das principais estâncias durante o mês de Junho, cujo aumento, em relação ao mesmo mês do ano findo, rondou os 20 por cento.

Um dos passos mais significativos dessa campanha foi, ainda segundo a ANIAMM, a realização na Póvoa de Varzim, em Outubro do ano findo, do Congresso Internacional do Termalismo e Climatismo, bem como, mais recentemente, as Jornadas do Termalismo Português em Montfortinho e Vimeiro e o Encontro da Curia, este em Novembro e que reuniu os empresários do termalismo, os quais permitiram uma reformulação

de toda a problemática termal e um novo apontar das linhas mestras do «Programa de Relançamento do Termalismo», linhas essas que «têm vindo a ser escrupulosamente executadas», observa a ANIAMM.

Dentro de todo esse vasto quadro de relançamento, as direcções-gerais, do Turismo, Saúde, Segurança Social, Cultura, Ensino Básico, Desporto e INATEL, bem como a Universidade para a Terceira Idade, a Junta Central das Casas do Povo e a Associação das Escolas Comunitárias, entre outros organismos, promovem neste momento — e até final da presente época termal — um «Projecto-Piloto de Animação Termal» que se insere no programa geral de relançamento do termalismo nacional e tem em vista a ocupação saudável e rejuvenescedora dos tempos livres dos frequentadores das nossas estâncias.

Folhetim artístico

Continuação da pág. 3

amigos «nazarenos» Overbeck e Cornelius encarnavam em Roma. As fantasias românticas do príncipe-consorte que vinha de outros horizontes germânicos, do Sul católico, não podia agradar-lhe, e as relações entre dois homens cultos, isolados no meio português, não foram boas — certamente com prejuízo da cultura artística portuguesa que um e outro pretendia melhorar.

Protector de artistas, Raczyński aconselhou Mettrass e Meneses a irem para Roma em busca da boa doutrina, mas em vão o fez porque outros interesses logo os desviaram da aprendizagem que lhes receitou, e outro foi o destino dos dois românticos que o gosto da cultura francesa modelou, nos meados do século. Felizmente assim aconteceu, podemos agora dizer, pois o sentido que Raczyński observava na «arte moderna» era limitado a uma experiência alemã, então definitivamente provincial, e, a ela presos, não teriam os nossos artistas possibilidade de rumar para horizontes de outro modo modernos.

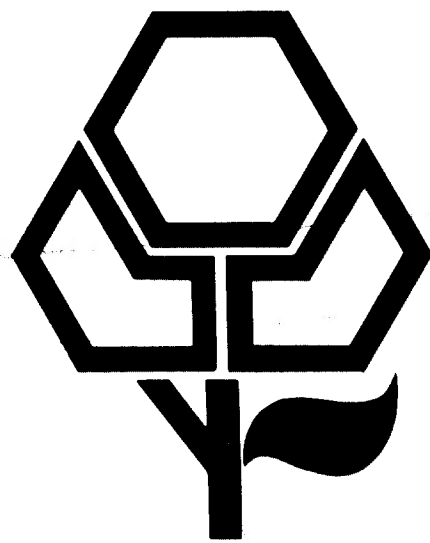
O que, porém, interessa considerar na actividade de Raczyński não é a sua intervenção na actualidade, mas, antes, o seu empenho na investigação do passado que os dois livros publicados largamente atestam, e a ponto de ainda hoje servirem de referência necessária aos estudos portugueses — sobretudo para quem se preocupe pela crítica interna da informação que nas entrelinhas do autor fica muitas vezes esclarecida, com o seu testemunho do estado da mentalidade e do gosto portugueses nesses anos do liberalismo cabralista. Por exemplo, a propósito de colecções, que o conde visitou e de que formou juízo pouco favorável, com mágoa ou ofensa dos proprietários...

Porque Raczyński era, ele próprio, um grande coleccionador, na sua cidade de Poznan, hoje na Polónia, onde, desde os anos 20, ele pretendia construir um palácio-museu para oferecer ao público seguindo nisto o exemplo de seu irmão que dedicara à cidade uma vasta biblioteca. Sem parar de comprar, com enviados aos mercados estrangeiros, Raczyński alterou, porém,

os seus planos e encarou tal construção em Berlim, em pleno centro da Unter den Linden, com projecto trabalhado por Schinkel. Assim veio a fazer, com a monumentalidade requerida, entre 1842 e 44, e alargando o edifício em 1866; mas o rei decidiu edificar no local o Reichstag e o palácio-galeria de Raczyński veio a ser demolido para o efeito, em 1873, um ano antes da morte do conde. Em 1903, Poznan, berço dos Raczyński, conseguiu que as colecções, entregues à guarda do Museu Nacional de Berlim pelo filho do conde Atanazy, viessem para o seu próprio museu — e é o catálogo dessas colecções, recentemente publicado ali pela conservadora Anna Dobrzycka, que serve de pretexto a este folhetim em que, com prazer, recordo a senhora encontrada em congressos internacionais que nos permitiram trocar informações sobre o historiador.

Perto de 190 obras se encontram registadas, italianas, alemãs, francesas, flamengas, espanholas — e portuguesas. Uma trintena de nomes ilustres, em peças bem escolhidas, de Bassano a Canaletto, de Veronese a Luini, de Botticelli a Reni, de Daddi a Monaco, de Domenichino a Bronzino, ou de Baldung a Cranach, de Metsys a Teniers e Snyders, de Rigaud a Mignard, de Velazquez a Zurbaran. Há ainda um admirável desenho de Rubens, esculturas de Thorvaldsen, muitos «modernos» alemães e alguns franceses — e um triptico de «Deposição» possivelmente de Cristóvão de Figueiredo e duas predelas provavelmente de Gregório Lopes, além do retrato de Raczyński por Roquemont, em 1843. E também uma notável janela renascentista geminada que o conde pôde levar da Batalha e foi aplicada numa parede da Câmara Municipal de Poznan.

A lembrança portuguesa de Raczyński ficou assim assinalada, numa cidade polaca, em pinturas e numa bela escultura decorativa, para além dos dois livros cujo papel histórico não deixou de ser considerável na literatura da especialidade. E bem assinaláramos em Portugal a dita lembrança se tratássemos com a Polónia a vinda da colecção até Lisboa...

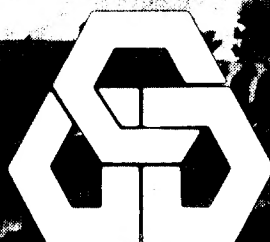


O crédito fértil!

agricultura
pecuária
pescas

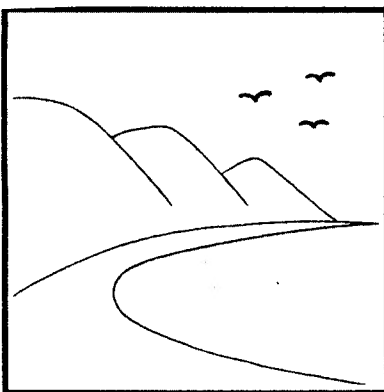
Agora também
a Curto Prazo
juro Bonificado

Em qualquer
balcão da Caixa
Geral de Depósitos



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Informações e folhetos explicativos
em qualquer das nossas dependências.



EVITE

locais pouco
frequentados

de ontem para hoje

Povo de Anta quer presidente do PSD que a AD demitiu

Multas dezenas de habitantes da freguesia de Anta, em Famalicão, concentraram-se, anteontem, frente ao edifício da Junta, ocuparam-na, expulsaram o actual presidente em exercício, tomaram conta do carimbo da autarquia, mudaram as fechaduras das portas e exigiram o regresso do presidente eleito em 1979, Manuel Carvalho (PSD), demitido em Março último pela maioria AD e substituído pelo secretário Alcino Cruz, também do PSD. Tal atitude da maioria AD está ligada à construção de uma estrada e aos interesses ligados aos terrenos por onde a mesma deveria ou não passar. Manuel Carvalho defendeu, então, que a estrada passasse por onde estava projectado, e não — como alguns desejariam — por outros locais. Dai as divergências que levaram a AD a demiti-lo (argumentaram a sua ausência a reuniões) e ainda, a mudar as fechaduras das portas da Junta e a subtrair o respectivo selo branco. Agora, os habitantes (como dissemos) inverteram a situação e querem o regresso de Manuel Carvalho. Mais: reclamam novo acto eleitoral, para ver quem é que o povo escolhe e há-de governar os destinos da Junta de Anta.

I Feira do Melão avança em força em Vila Franca

A I Feira Nacional do Melão e, no mesmo dia (6 de Setembro), a promoção de um Festival Taumático cuja receita reverterá a favor da construção de um monumento ao Campino no Largo do Alegrete, em Vila Franca de Xira, mais uma iniciativa das Tertúlias daquela vila ribatejana às portas de Lisboa, avançam naquele conceito, em toda a lezíria e nos meloais de Vila Franca. Tudo se conjuga para que Vila Franca atraia naquela data milhares de forasteiros e muitos turistas, tendo em conta não só o arrojo que constituirá a realização da I Feira do Melão, produto dos campos vilafraquenses e de Almeirim, como o próprio facto de, no mesmo dia, se processarem duas corridas de touros, uma com a participação apenas de cavaleiros (de manhã), a segunda apenas com «matadores» (à tarde). Três matadores espanhóis, entre outros, prestam a sua colaboração ao espectáculo, à tarde, enquanto Rui Salvador e Zenki são dois dos vários cavaleiros convidados. É muito provável que o Presidente da República visite Vila Franca de Xira naquela data, assistindo mesmo, de manhã, à primeira corrida de touros, antes de se dirigir à I Feira do Melão.

Loja de austríaco assaltada em Lisboa

A loja de um comerciante austríaco de pedras preciosas foi assaltada ontem de madrugada, em Lisboa, ficando despojada de valores na ordem dos dois milhares de contos, em particular safiras, rubis, topázios e outras pedras preciosas. A vítima (Georg Herzfeld) acredita em que a PJ desvende o caso, detenha os assaltantes e recupere os valores agora roubados.

Coimbra-S. Paulo acordo de geminação

Coimbra e S. Paulo (Brasil) poderão celebrar em breve um acordo de geminação, segundo a ANOP. A ideia foi apresentada pelo presidente da Câmara de São Paulo ao Reitor da Universidade de Coimbra, Ferreira Correia, durante uma visita que se efectuou ao Brasil de 3 a 16 de Agosto, à frente de uma delegação de professores da Faculdade de Direito de Coimbra. O Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, António Moreira, disse à ANOP que estava interessado no acordo, mas reservou uma decisão final para meados de Setembro — depois de consultar a vereação.

Ponte de Lanheses abre ao trânsito

A Ponte de Lanheses, sobre o rio Lima, no distrito de Viana do Castelo, vai abrir ao tráfego amanhã — revelou ontem à ANOP a Junta Autónoma das Estradas. A Ponte de Lanheses reduz em cerca de 25 quilómetros o percurso entre as duas margens do Lima. A obra, com uma extensão total de 1.240 metros e um tabuleiro com 11,5 metros de largura, custou aproximadamente 240 mil contos. Existem actualmente 1.280 pontes em Portugal continental, concentradas, sobretudo, nos distritos de Lisboa, Aveiro, Évora, Beja, Viseu e Leiria.

Chamas queimam Serra do Orvalho

A EN que liga a vila de Oleiros a Castelo Branco foi ontem cortada ao trânsito devido ao facto de se ter reacendido o fogo na área de Oleiros, que durante os últimos dias tem devastado uma boa parcela de floresta e lato da freguesia de Vilar Barroco, nomeadamente da serra do Orvalho. As chamas, que anteontem atingiram três frentes distintas e separadas, dispersaram-se ontem por uma grande parte de pinhal de grande porte e de mato com mais de dois metros de altura. Não é muito fácil atacar as chamas na serra do Orvalho, dadas as dificuldades de acesso, disse entretanto à ANOP um bombeiro da corporação de Oleiros.

Chamas queimam Serra do Orvalho

«Governo não se alheou da seca e falta água» — defende-se o MAI

O Ministério da Administração Interna afirmou ontem em comunicado ser falso que o Governo se tenha alheado do problema das secas e das suas consequências, como a falta de água. Num documento emitido no final de uma reunião dos governadores civis de Faro, Beja, Évora, Portalegre, Guarda e Castelo Branco, com o coordenador do MAI para as emergências, sublinha-se que a responsabilidade primária do abastecimento de água às populações compete, nos termos legais, às Câmaras Municipais. Todavia o Governo, através do MAI e do Serviço Nacional de Protecção Civil, «está inteiramente ao dispor das autarquias e das populações para tentar atenuar os condicionamentos actuais, afirma-se no documento».

Guarda acusa EDP de «fazer chantagem»

O presidente da Câmara da Guarda acusou a Electricidade de Portugal (EDP) de «fazer chantagem» sobre obras de iluminação nas redes rurais. Abílio Curto, que falava numa sessão camarária, frisou que aquela empresa «não tem capacidade para satisfazer as solicitações e está a «fazer chantagem» na implantação de redes eléctricas, exigindo pagamentos da edilidade». Referiu que em 1981 foram já atribuídos àquela empresa cerca de 35 milhões de escudos relativos a obras de electrificação. No entanto, afirmou Abílio Curto, «a EDP não está a cumprir os contratos, enquanto a lei não diz que são as Câmaras que têm de pagar a verba em débito pelas obras efectuadas ou a efectuar».

Guarda acusa EDP de «fazer chantagem»

De momento, sabe-se que a divergência que existe entre os membros do Governo surgiu quando alguns ministros, nomeadamente o da Presidência, Pio Cabanillas, se mostraram partidários em estabelecer este direito por decreto, ou seja, por decisão governamental. Por outro lado, Francisco Ordoñez, ministro da Justiça, defende (e encabeça) outra opinião: a Televisão privada deve regulamentar-se através de uma lei discutida no Parlamento. Enquanto no partido do Governo existem divergências quanto à fórmula que dará luz verde à Televisão privada, a oposição respondeu com um «não» à autorização. Assim se comportaram o Partido Comunista e o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE). O dirigente deste último partido, Felipe Gonzalez, mani-

Funchal comemora amanhã 473 anos de existência

O Funchal comemora amanhã 473 anos, sendo a primeira cidade construída por europeus fora do continente. Crescendo rapidamente de importância com o largo desenvolvimento da colonização, não tardou que os seus habitantes aspirassem à elevação da terra a vila, facto que é satisfeito em 1452, por carta foral de D. Afonso V. Mas o natural e sempre crescente desenvolvimento, incrementado por europeus que aí aportam, torna o Funchal um empório comercial e de actividade industrial e mercantil que justifica, 56 anos passados desde o foral de vila, a sua ascensão a cidade.

Funchal — cidade foi medida tomada por D. Manuel em Carta Régia de 1508, antecedida de um alvará que determinou que a Câmara local fosse «regida e governada pela maneira por que se rege a Câmara da nossa cidade de Lisboa».

O crescimento rápido da população impôs a criação de uma diocese. Em 1514, a bula «Pro Excellentia Praeeminentia» estabeleceu a diocese do Funchal. Estes dois factores, elevação de vila a cidade e criação da diocese, irão influenciar o desenvolvimento económico, social e cultural da nova cidade.

Funchal torna-se então vector principal de todo o movimento marítimo e mercantil dos portugueses no Atlântico, avultando a exportação de madeiras de construção, o comércio do açúcar e do vinho, sob a alçada de famílias europeias e principalmente inglesas que acorrem à Madeira. Um grande número de mouros aí fixados deram corpo à agricultura. No Funchal, houve um núcleo importante de mouros (a Mouraria), que daí ainda hoje nome a uma rua da urbe. A vida dos funchalenses foi também, durante séculos, largamente influenciada e dirigida pela igreja. Os religiosos franciscanos e depois os sacerdotes da Ordem de



Cristo, a que o arquipélago pertencia no foro espiritual, foram quem primeiro exerceram funções eclesiásticas. Em 1533, a diocese é elevada a arcebispado, tendo como dioceses os bispados então criados de Angra, Cabo Verde, São Tomé e Goa.

Desde o ano de 1500, flamengos e ingleses contribuíram para o desenvolvimento económico do arquipélago. A colónia flamenga, nos fins do século XVII, desaparece, fundindo-se com a população. A colónia inglesa mantém-se e cresce desde 1640, chegando ao século XIX como elemento preponderante na vida económica da cidade. O domínio castelhano (60 anos), trouxe à Madeira grande número de espanhóis, e quando as tropas inglesas retiraram da ilha, depois de a terem ocupado de 1801 a 1802 e de 1807 a 1814, deixaram ali estabelecidas muitas famílias.

O advento da República é saudado entusiasticamente pela população funchalense que vê

na revolução de 5 de Outubro de 1910 a liberdade possível, libertação económica que aos poucos se vai processando — afastando os ingleses da sua posição. A política dominadora dos governadores-gerais e civis do Terreiro do Paço continuava, sem que os políticos do 5 de Outubro compreendessem a ansia do povo madeirense em traçar o seu próprio destino.

O turismo vai ganhando força e torna-se fonte de divisas. A Grande Guerra eclode e o Funchal transforma-se em refúgio de numerosos estrangeiros.

Maio de 26 é recebido com frieza na ilha. Parecendo indiferente à classe política centralizadora de Lisboa, a cidade não pára de crescer nos seus múltiplos aspectos. Enquanto isto, a oposição, centrada no Funchal, prepara um golpe contra o Estado Novo. Assim, em Abril de 1934, as tropas sublevam-se e ocupam o Palácio de São Lourenço, sede de Poder Central, aguardando a aderência de ou-

tras forças dos Açores e de Portugal Continental, previamente avisadas. A solidariedade não surge e dias depois a Revolução é sufocada por tropas vindas de Lisboa.

Com o 25 de Abril, concretizou-se a autonomia da região.

Presentemente, o turismo é a maior fonte de receitas da Madeira. Os grandes problemas aeroportuários estão em fase de resolução, a serra transforma-se aos poucos em pequenos núcleos preparados para o embate com a cidade, nascem escolas, luz e estradas, a água já não vem só das «levadas», o homem que lavra a terra ou o pescador deixaram de pensar na emigração, etc.

Muitos que estavam fora regressam, felizes. A autonomia é uma palavra que lhes garante confiança e quebra o complexo de insularidade.

Sem negar a mãe pátria a Madeira, autónoma, é senhora do seu progresso e das suas decisões.

comunicação social

Espanha

PSOE e PCE contrários à televisão privada

O tema da autorização de cadeias privadas de Televisão em Espanha está hoje a converter-se num dos centros do actual debate político.

No partido governamental, União do Centro Democrático (UCD), as opiniões dividem-se, não sobre o «sim» à Televisão privada, que todos apoiam, mas sobre o método regulamentador.

Nesse sentido, as discrepâncias centram-se no encontro que os ministros da Justiça e da Presidência efectuaram nas últimas 48 horas. Esse encontro tinha como objectivo chegar a um acordo sobre a forma de aprovação do decreto que permitirá a criação, em Espanha, de canais privados de Televisão.

De momento, sabe-se que a divergência que existe entre os membros do Governo surgiu quando alguns ministros, nomeadamente o da Presidência, Pio Cabanillas, se mostraram partidários em estabelecer este direito por decreto, ou seja, por decisão governamental.

Por outro lado, Francisco Ordoñez, ministro da Justiça, defende (e encabeça) outra opinião: a Televisão privada deve regulamentar-se através de uma lei discutida no Parlamento.

Enquanto no partido do Governo existem divergências quanto à fórmula que dará luz verde à Televisão privada, a oposição respondeu com um «não» à autorização.

Assim se comportaram o Partido Comunista e o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE). O dirigente deste último partido, Felipe Gonzalez, mani-

festou a sua posição «contrária à criação de canais privados de Televisão, porque em países de forte tradição democrática ainda se estuda a possível ingerência estrangeira na soberania nacional através desses mesmos canais privados».

Outra Informação

Há cem anos, a Informação internacional era dominada pelas agências noticiosas de quatro países (Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos) que dividiam o mundo em esferas de influência, onde mantinham o monopólio e distribuição do noticiário. Actualmente, a situação está um pouco alterada, embora dois terços do globo continuem a receber com informação principal a veiculada pelas grandes agências dos países industrializados.

Segundo a UNESCO, o volume de Informação que afliu para os países em vias de desenvolvimento é cem vezes superior ao que circula em sentido contrário. «As agências noticiosas ocidentais implantaram-se no mercado informativo africano de uma forma que se assemelha a uma agressão cultural» — afirma Amadou M'Bow, director-geral da UNESCO.

São principalmente narrativas sobre as vantagens do mundo ocidental. Quando se fala dos países africanos, focam-se sempre as dificuldades e calam-se os êxitos do desenvolvimento socioeconómico desses países.

A opinião pública africana dos Estados que optaram por uma via não capitalista de desenvol-

vimento e especialmente bombardeada pelos meios de comunicação ocidentais. As agências noticiosas exageram as dificuldades, insinuam que esses Estados se encontram à beira da catástrofe económica.

Em muitos casos, a Informação é de tal forma distorcida que os Governos se vêem obrigados a emitir desmentidos oficiais, comunicando esses que não são divulgados pelas mesmas agências.

Foi perante esta situação de verdadeiro colonialismo informativo que nasceu a ideia de criação, pelos países em desenvolvimento, de uma nova ordem informativa. No quadro da UNESCO constituiu-se uma Comissão Internacional para o estudo dos problemas da Comunicação. As actividades desta Comissão repercutiram-se na Conferência Geral da UNESCO, efectuada em finais de 1978, que aprovou, por unanimidade, uma declaração sobre o papel dos meios de comunicação na luta contra o racismo, o belicismo e pela manutenção da paz.

A aprovação desta resolução constitui um factor importante contra a influência da Informação proveniente dos países ocidentais que veicula um conceito de notícia preferencialmente determinado pelo seu valor mercantil ou por intuítos políticos. Durante as discussões muitos jornais levantaram a questão da liberdade de Informação. O «New York Times», nomeadamente, referiu o facto de que se não for dada a palavra também aos defensores da guerra, do

racismo e do «apartheid» não se conseguiria uma Informação equilibrada. Mas no futuro este «liberalismo» não irá contradizer as normas da moral humana e os princípios da cooperação entre os povos...?

Os africanos pretendem uma nova Informação capaz de levantar de uma forma correcta, entre outros, os problemas (também) de uma nova ordem económica. A independência informativa tem um papel fundamental na liquidação do passado colonial destes países, tão importante como a independência económica ou política.

«É impossível superar o atraso socioeconómico sem liquidar a colonização da Informação» — acentua o director da Agência de Informação Pan-Africana (AIPA).

A principal tarefa da AIPA consiste, pois, em fornecer aos povos africanos notícias correctas e objectivas sobre os processos sociais, económicos, culturais e outros que ocorrem no continente africano e no resto do Mundo.

Aliás, encontram-se já em funcionamento várias agências noticiosas dos países não-alinhados, que embora pobres em recursos económicos e humanos, funcionam numa base de troca de Informação, sendo as notícias mais relevantes de cada uma delas transmitidas pelos canais das várias agências. Pouco a pouco, surgem as bases que servirão de corpo à Nova Ordem Informativa Internacional.

Controladores portugueses repudiam "pressões" da ICAO e dos EUA

A greve de dois dias em solidariedade com os controladores aéreos norte-americanos despedidos, realizada pelos seus colegas portugueses foi ontem analisada numa reunião com o ministro dos Transportes e Comunicações.

Na reunião estiveram presentes elementos dos controladores aéreos, da empresa pública de Aeroportos e Navegação Aérea e da Direcção Geral da Aeronáutica Civil.

Uma fonte sindical disse que Viana Baptista se mostrou receptivo à posição tomada pelos controladores aéreos portugueses, advertindo-os, no entanto, das consequências da atitude.

Em discussão esteve também — acrescentou a mesma fonte — a posição assumida pela Organização Internacional da Aviação Civil (ICAO), organismo da ONU, que condenou a recusa de assistência aos voos de e para os Estados Unidos, acusando os controladores portugueses de não terem notificado com antecedência as autoridades das datas da paralisação.

Em comunicado, o Sindicato dos Controladores de Tráfego Aéreo, o Sindicato dos Trabalhadores dos Aeroportos e Aviação e a Associação Portuguesa dos Controladores Aéreos repudiam a atitude da ICAO, considerando-a uma «forma de pressão».

Acusam aquele organismo da ONU de se ter subordinado aos interesses dos Estados Unidos e de pretender criar um conflito entre os controladores e as autoridades portuguesas.

Referem também que a ICAO pretendeu amedrontar os controladores portugueses e conter a sua posição na «Cimeira de Amsterdão», a realizar este fim-de-semana e onde serão discutidas medidas de apoio aos controladores norte-americanos.

A situação nos CTT

FCT anuncia amanhã o endurecimento da luta

O conflito laboral nos CTT, que se arrasta há várias semanas, vai conhecer nova fase a partir de amanhã. Com efeito, a Federação das Comunicações e Telecomunicações (FCT) vai anunciar, em conferência de Imprensa, um calendário de novas paralisações, que correspondem ao endurecimento da luta. Os trabalhadores dos CTT pretendem a revisão das matérias de expressão económica do

acordo colectivo de trabalho (ACT) da empresa.

Entretanto prossegue a recusa às horas extraordinárias e à condução por acumulação, o que torna particularmente grave o funcionamento da empresa, sobretudo na reparação de avarias telefónicas.

A concretizarem-se as novas paralisações, a situação funcional dos CTT vai sofrer um maior agravamento, com as consequências que irá inevi-

tavelmente acarretar ao público. Os trabalhadores, neste momento, garantem que só em Outubro estarão normalizados os serviços.

A FCT responsabiliza a administração dos CTT pelas consequências deste conflito, que só não encontrou ainda solução devido «à intransigência» daquela entidade «ao manter as posições assumidas há longo tempo e ao recusar negociar as propostas dos trabalhadores».

Função Pública

CNS exige o prosseguimento das negociações com o Governo

A Comissão Negociadora Sindical (CNS) da Frente Comum dos Sindicatos da Função Pública decidiu ontem em reunião reafirmar a «necessidade imperiosa» da continuação das negociações com o Governo, justificada com a discussão da «proposta reivindicativa imediata/81, dos trabalhadores da FP, oportunamente apresentada ao secretário de Estado da Reforma Administrativa, e dos salários de 1982.

A CNS acusou o Executivo de

ter imposto unilateralmente o montante do subsídio de refeição para os trabalhadores, aumentando-o em 10 escudos (de 50 para 60 escudos).

A Comissão afirma ainda que «o Governo foi extremamente lesto na publicação da portaria que eleva o preço das refeições nas cantinas, mas ainda não teve tempo para fazer publicar o diploma que eleva o subsídio de refeição».

A CNS diz que os trabalhadores da Função Pública pagam já

nos refeitórios 60 escudos, mas apenas recebem 50 de subsídio.

Esta reunião da CNS surge como resposta a uma reunião havida no dia 31 de Julho com a comissão governamental, durante a qual «o Governo manifestou total desprezo pela vontade dos trabalhadores».

A CNS da Função Pública decidiu ainda «lembrar ao Governo os compromissos assumidos perante os trabalhadores quando da tomada de posse do actual titular da pasta».

SN exige afastamento da AD

Os trabalhadores da Siderurgia Nacional, EP, reunidos ontem em plenário, analisaram a actual crise política que se vive no País, tendo no final aprovado uma moção em que exige o completo afastamento da AD do Governo e advoga o recurso a novas eleições como «solução necessária e inteiramente consti-

tucional» e a formação de um Governo de gestão «que garanta a isenção e seriedade da consulta eleitoral».

O documento afirma que «qualquer solução no quadro da AD apenas significaria o prosseguimento de uma política que já causou profundos sofrimentos

ao povo português e gravíssimos prejuízos ao País».

A moção aprovada termina afirmando que «só uma solução constitucional que abra caminho para uma viragem democrática na política nacional corresponde às aspirações populares e ao interesse nacional poderá constituir alternativa para a crise».

Meio milhão de trabalhadores paralisaram em Julho

Cerca de meio milhão de trabalhadores de 36 empresas e seis sectores estiveram em greve no mês de Julho, segundo um estudo elaborado pela ANOP. Dessas paralisações resultou uma perda de cerca de cinco milhões e 400 mil horas de trabalho.

Estes números, de acordo com a agência noticiosa, baseiam-se em dados recolhidos geralmente de fonte sindical e não têm em conta as percentagens de adesão às greves nem casos em que a interrupção da produção é superior ao tempo de greve.

A greve mais prolongada de Julho foi a das minas da Panasqueira que decorreu durante todo o mês, como já tinha acontecido em Junho. Os 1.071 trabalhadores das minas e lavarias paralisaram três horas nos dias de semana e totalmente aos sábados.

Merecem também relevo as greves na Cimpor e Secil pelos prejuízos que provocaram relativamente ao abastecimento de cimento, conflito entretanto resolvido com a satisfação das aspirações dos trabalhadores nesta empresa os seis dias de greves traduziram-se numa paragem da produção por período muito superior.

As lutas mais importantes foram no entanto as dos têxteis e metalúrgicos pelos respectivos contratos colectivos de trabalho (CCT). Em conjunto mobilizaram cerca de 390 mil trabalhadores e a sua acção grevista fez perder às empresas dos dois sectores mais de 3,7 milhões de horas de trabalho.

Nas 36 empresas que estiveram em greve, a paralisação abrangeu cerca de 55 mil trabalhadores e traduziu-se na perda da quase 1,1 milhão de horas de trabalho.

Os seis sectores que sofreram greves em Julho empregam quase 430 mil trabalhadores e a sua paralisação envolveu a perda de perto de 4,3 milhões de horas de trabalho.

Os principais conflitos de sectores em luta pela contratação foram resolvidos durante o mês de Julho, registando-se igualmente a desconvoação de greves em várias empresas.

A maioria das greves relacionou-se com as divergências entre trabalhadores e patronato quanto a cadernos reivindicativos ou contratação colectiva, verificando-se também casos de luta contra despedimentos, pagamento de salários atrasados ou cumprimento de acordos estabelecidos, assim como pela garantia dos direitos sindicais.

Nos cadernos reivindicativos em vários casos foram ultrapassados os aspectos meramente económicos, versando outras questões, particularmente a questão dos contratos a prazo.

Nalguns casos as lutas passaram por concentrações de rua e recusa às horas extraordinárias.

Continuou a registar-se uma percentagem significativa de casos em que as greves não abrangeram todos os trabalhadores das empresas não sendo subscritas por parte dos sindicatos representativos, nomeadamente de escritórios e/ou quadros.

Greve no Casino Estoril afectou as salas de jogos

A greve de 48 horas dos trabalhadores dos sectores de jogos do Casino Estoril, que hoje terminou, teve uma adesão da ordem dos 90 por cento, segundo informou uma fonte sindical.

O sindicato do sector diz, em comunicado, que o funcionamento normal das salas de jogos do Casino foi «grandemente afectado».

Das 22 mesas de jogos que

normalmente funcionam «apenas sete estiveram abertas desde ontem» e ainda assim «apenas com dois profissionais para cada uma delas quando, normalmente, são em número de três ou quatro», salienta.

O Sindicato dos Empregados das Salas de Jogos dos Casinos pretendeu com esta greve pressionar a empresa a cumprir o contrato colectivo e a admitir com carácter efectivo os trabalhadores a prazo.

Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Condeixa-a-Nova

Conc. Público para arrematação da empreitada de Quartel dos Bombeiros Voluntários de Condeixa-a-Nova.

Preço base: 14 925 502\$00
Caução Provisória: 373 138\$00

Alvarás exigido — 1.ª categoria: Construção civil ou as 1.ªs, 3.ªs, 9.ªs, 10.ªs e 11.ªs subcategorias da 1.ª categoria.

Place correspondente ao valor da proposta. Local dia e hora limite para entrega das propostas.

Local — sede da Associação dos Bombeiros Voluntários de Condeixa-a-Nova.

Último dia e hora em 11 de Setembro de 1981 até às 15 horas.

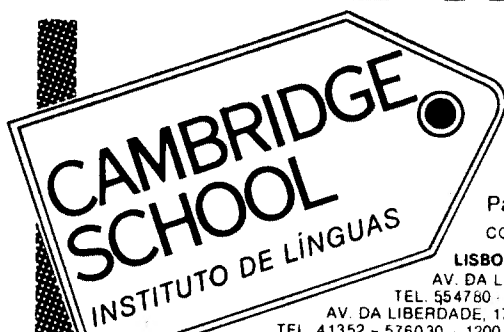
Local do acto público do concurso. Terá lugar na sede da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Condeixa-a-Nova pelas 15 horas no dia 14 de Setembro de 1981.

O Processo desta empreitada pode ser examinado durante as horas de expediente dos serviços públicos na sede da Associação Humanitária dos Bombeiros de Condeixa-a-Nova e da direcção do equipamento do distrito de Coimbra.

Condeixa-a-Nova, 31 de Julho de 1981

O Presidente da Direcção
Artur Rodrigues Dinis

CURSOS DE VERÃO EM PORTUGAL E INGLATERRA



LISBOA:
AV. DA LIBERDADE, 173-1º
TEL. 554780 - 554789 - 1200, LISBOA
AV. DA LIBERDADE, 173-4º
TEL. 41352 - 576030 - 1200, LISBOA
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-1º DIR. — TEL. 884544 - 899601 - 1000, LISBOA
BENFICA:
EST. DE BENFICA, 729-5º DIR. — TEL. 704329 - 703638 - 1500, LISBOA
ALMADA:
PRAÇA DO M.F.A., 12-1º TEL. 2760234 - 2753218 - 2800 ALMADA
PORTO:
RUA DUQUE DA TERCEIRA, 381-1º — TEL. 560380 - 561130 - 4000, PORTO

As Secretarias funcionam ininterruptamente das 9 às 21 horas.

Verão é o tempo de férias e de descanso!
É a melhor altura para passar algumas horas do dia a aprender ou a aperfeiçoar o seu Inglês, Francês ou Alemão.

- Cursos Intensivos mensais em Julho, Agosto e Setembro.
- 24 ou 40 aulas por mês.
- Aulas de 50 minutos.
- Horários a escolher de manhã, à tarde e à noite.
- Grupos para adultos, estudantes e crianças
- Lisboa, Benfica, Almada e Porto.
- Inscrições limitadas.

A Cambridge School também lhe oferece a oportunidade de passar algumas semanas na Universidade de Kent, em Canterbury, onde Linguarama/Cambridge organiza cursos intensivos de Inglês numa agradável atmosfera internacional.

Para inscrições e mais informações contacte-nos já, para:



Preço único é possível

O barril do petróleo ficará em 35 dólares

Um compromisso sobre a reunificação do preço do petróleo poderia ser encontrado pelos países da OEP, na base de um preço único de referência de 35 dólares o barril de petróleo bruto («Arabian Light»), declarou quarta-feira à noite em Genebra, o ministro iraquiano do Petróleo Tayeb Abdel Karim.

O facto de a reunião consultiva dos ministros do Petróleo da Organização dos Países Exportadores de Petróleo prosseguir hoje em Genebra parece indicar que o compromisso é possível.

«O princípio de unificação dos preços é unanimemente aceite», declarou quarta-feira o professor Subroto, ministro indonésiano do Petróleo e presidente em exercício da OPEP.

No entanto, entre a Arábia

Saudita, que afirma não querer ultrapassar os 34 dólares o barril, e os «duros» (Argélia e Líbia conjuntamente com a Venezuela), que mantêm em 36 dólares o barril, as posições parecem inconciliáveis.

Enquanto isto, estatísticas da CEE sobre o primeiro semestre deste ano, publicadas ontem em Bruxelas, revelam que as compras do petróleo líbio contam para cerca de 9 por cento das importações do bruto para a CEE.

Conferência sobre a água

«O mundo dispõe de grandes possibilidades para eliminar

cada vez maiores perigos de inundações e secas. Na luta por maiores quantidades de água e pela sua utilização racional devem integrar-se todas as pessoas e instituições interessadas no problema», afirmou o director-geral da UNESCO, Amadu M'Bow, em declarações produzidas na Segunda Conferência Mundial sobre Água, que, desde o dia 18 está reunida em Paris.

M'Bow sublinhou que quase metade dos países sofre de carência de água. Por outro lado, as secas — que afectam cada vez mais a África, Ásia e América Latina — juntamente com a utilização irracional da água poderão levar a que até ao ano 2000, 60% dos países do globo sejam afectados pela falta de água.

Já são muitos os «desastres»

Suspeitas acerca das mortes de dirigentes latino-americanos

Na chuvosa noite do último dia de Julho passado, o avião em que viajava o general Omar Torrijos despenhou-se contra uma montanha em plena selva do Panamá.

A notícia estremeceu o mundo e, nomeadamente, a América Latina.

Apenas dez semanas antes, também num desastre aéreo, havia morrido outro importante líder centro-americano: Jaime Roldós, presidente do Equador.

A medida que os dias passam, aumentam as especulações relativas a que dois acidentes desta natureza não podem ser obra da simples casualidade.

Quando Fidel Castro teve de viajar, no dia 8 do corrente mês para o México, fê-lo por mar, e fortemente escoltado.

A TASS, agência soviética de notícias, foi a primeira a insinuar que, por detrás da morte de Torrijos, poderia encontrar-se a CIA.

Por seu turno, o escritor Gabriel Garcia Marquez publicou o seguinte comentário: «Torrijos dava tantas oportunidades à fatalidade como aos seus inimigos. Qualquer dos dois pode ter-lhe causado a morte. Mas é impossível não relacionar esta catástrofe com outras semelhantes ocorridas em pouco mais de um ano.

Em Junho de 1980, o avião em que viajava o Vice-presidente eleito da Bolívia, Jaime Paz Zamora, precipitou-se no solo, envolto em chamas. Pensou-se, na altura, embora não pudesse provar-se, que tinham deitado acúcar no depósito de gasolina do seu avião.

«Depois foi a tragédia do Equador, com a morte, em idênticas circunstâncias, de Jaime Roldós. Mais tarde, a do chefe do estado maior do Peru, general Luis Hoyos Rubio, e agora a do general Omar Torrijos.

«Quatro personalidades progressistas, cujo desaparecimento poderá favorecer as tendências mais tenebrosas das Américas. Não é fácil acreditar que tantos desastres sucessivos sejam casuais, porque o índice da morte não é tão selectivo e até as próprias casualidades têm as suas inexoráveis leis...»

Por sua vez, o ex-candidato presidencial e ex-reitor universitário salvadoreño Fabio Castillo declarou a uma publicação mexicana: «As mortes de Roldós e Torrijos podem estar relacionadas e terem sido produzidas pela mesma mão criminosa.

E Castillo acrescenta: «Tanto Roldós como Torrijos tinham

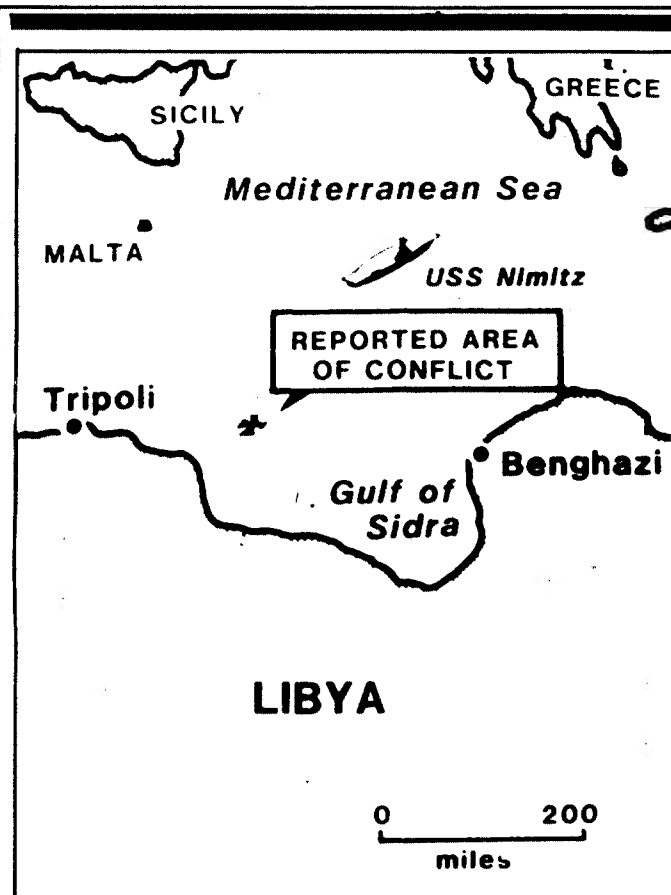
uma posição política progressista, com pontos em comum, e ambos morreram com pouco tempo de diferença, possivelmente ao explodirem os aviões em que viajavam.

«Uma análise matemática das possibilidades de que dois chefes de Estado pereçam num período de quatro meses, em acidentes semelhantes, acabaria por considerar o acontecimento muito remoto, o que indica a existência de uma mesma mão criminosa em ambos os casos».

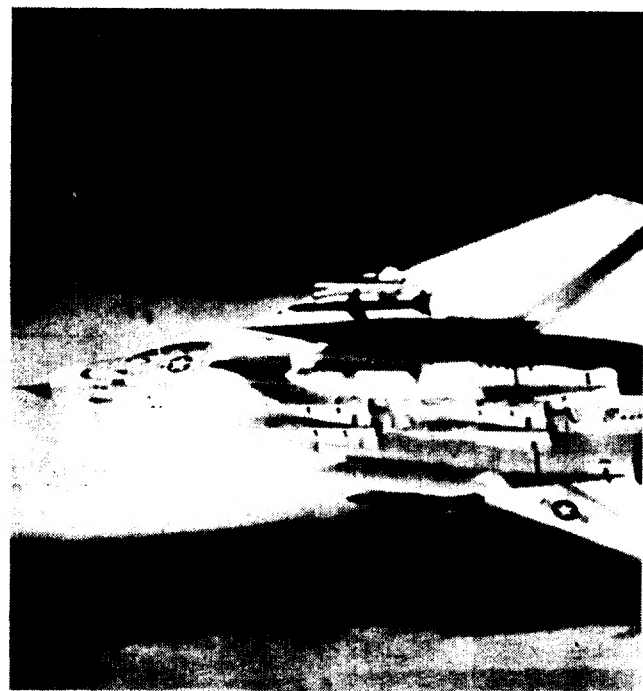
Segundo Fabio Castillo, Torrijos apoiava um projecto de solução para a problemática centro-americana que era «independente», que «diferia em algo importante do projecto norte-americano».

E concluiu: «Há em tudo isto uma força muito obscura e poderosa que tem capacidade para realizar este tipo de atentados, a agência Central de Informações (CIA), ou algo semelhante».

O presidente mexicano, José Lopez Portillo disse: «Falei com Torrijos em momentos críticos, culminantes da sua luta exemplar. Era um homem que tinha ainda muito para dar à luta contra o colonialismo que caracteriza a nossa História». (Por Manuel Buendía, da IPS).



Mapa que mostra o local onde ocorreu o incidente entre os EUA e a Líbia



Caça F-14 Tomcat, similar aos que abateram os aviões líbios no Mediterrâneo

Depois do Gove convida a aband

A Secretaria norte-americana de alertou ontem os seus cidadãos para rem a Líbia na sequência da escalada aérea sobre o Mediterrâneo em que duas F-14 dos Estados Unidos abateram SU-22 líbios.

Cerca de 2500 norte-americanos lham na Líbia, a maioria ao serviço de suas petrolíferas.

A Secretaria de Estado referiu «a deterioração das relações» entre Washington e para justificar o seu aviso, o segundo tipo no espaço de três meses.

O primeiro apelo aconteceu depois pulsão dos diplomatas líbios dos E Unidos, em 6 de Maio, por entre acusações que o regime de Moammar Gaddafi apoiava o terrorismo internacional.

Os Estados Unidos já tinham retirado a Líbia os seus diplomatas, depois do sa sua Embaixada em Tripoli por manifestantes durante a crise dos reféns em Teerão.

O Pentágono disse que os dois caças «Tomcat» responderam a disparos que tinham provocado, quando abateram dois aviões líbios, utilizando para tal mísseis winder». O piloto de um dos aviões foi lançado-se de pára-quedas sobre o mar, agência líbia noticiou mais tarde que foram salvos e entrevistados.

Os Estados Unidos situaram o acidente numa base de «dois contra dois», mas disse que oito caças norte-americanos veram envolvidos na luta e que um foi abatido.

O Pentágono disse que o incidente ocorreu em espaço aéreo internacional, sobre o Mediterrâneo sul, ao passo que Tripoli declarou que os norte-americanos violaram o espaço aéreo.

A Líbia reivindica um limite territorial e marítimo de 200 milhas, enquanto os Estados Unidos só reconhecem as tradicionais 12 milhas.

Os norte-americanos protestaram junto à Líbia através de canais diplomáticos e informaram os aliados do incidente reunião especial do Conselho da NA em Bruxelas. Também comunicaram o acidente às Nações Unidas e à União Soviética.

A televisão soviética declarou tratar-se de um acto norte-americano de pirataria «provocou uma tempestade de indignação através do mundo».

Os aliados da Líbia mais radicais — Síria e palestinos — pediram um embargo petrolífero contra os Estados Unidos e medidas retaliatórias. Os parceiros da administração norte-americana agradeceram à Administração norte-

Ainda o caso da «Tabarzin»

Nova advertência do Irão à França

O presidente do Parlamento iraniano, Ali Akbar Hachemi Rafsanjani dirigiu hoje uma nova advertência à França, que «resiste ao justo pedido iraniano de entrega dos piratas», autores do desvio da vedeta «Tabarzin».

«Nenhuma lei do Mundo pode justificar que se conceda o asilo político a piratas», afirmou Rafsanjani aos deputados.

«Se o desvio de uma vedeta não é um acto de pirataria, então que nome se pode dar a isso?» — perguntou o presidente do «Majlis».

Rafsanjani deu a entender que os membros do comando que roubaram o barco eram já objecto de uma acção judicial da parte do Irão, por desvio de fundos.

A França «deve responder. E da sua resposta depende a sua

própria segurança», afirmou ainda Rafsanjani.

Se a França não der uma resposta positiva ao pedido iraniano, acrescentou, «qualquer Estado, qualquer país, pode, a partir de agora, criar uma nova legislação, permitindo-lhe conceder asilo político a piratas de outros países».

«Como podereis então protestar contra nós, se os vossos barcos ou aviões forem alvo dum acto de pirataria nas águas do golfo Pérsico e decidirmos proteger os piratas?» — perguntou, por último, o presidente do «Majlis».

Espanha medianeira?

Um enviado especial do Irão a Madrid foi ontem recebido pelo secretário espanhol dos Negócios Estrangeiros a quem solici-

tou mediação para recuperar a vedeta iraniana sequestrada em águas territoriais espanholas.

A embarcação iraniana, recorde-se, foi dominada no passado dia 13 em Algeciras (Cadiz) por elementos anti-khomeinistas e levada posteriormente para o porto de Marselha, onde os assaltantes se renderam às autoridades francesas.

O enviado especial iraniano, Abbas Sorosh, pediu também ao secretário de Estado espanhol, Robles Piquer, a intervenção do seu Governo junto da França, para que sejam extraditados os autores do sequestro.

O Governo espanhol está a estudar o pedido iraniano.

«Piratas» poderão ser julgados em França

Os membros do «comando anti-khomeinista», assim de-



Mudança de comandos no Panamá: o coronel Florencio Florez (ao centro) passa a dirigir a Guarda Nacional, ocupando o cargo deixado vago pelo falecimento de Omar Torrijos (Telefoto UPI-ANOP-DL)

Liga Árabe condena

A Liga Árabe, em comunicado divulgado no dia 18 em Tunis (Tunísia), condenou o presidente dos EUA, Ronald Reagan, por ter levantado o embargo de aviões de guerra contra Israel. Segundo a Liga Árabe, o embargo foi uma

simples «aventura passageira», destinada a confundir a nação árabe. Também os jornais do mundo árabe condenam esta decisão norte-americana, e consideram-na uma forma de encorajar Israel a lançar novos

ataques contra os países árabes.

Enquanto isto, o primeiro-ministro israelita, Menahem Begin, rejeitou ontem formalmente em Jerusalém, a proposta de inclusão da Organização da

do incidente no Mediterrâneo governo dos EUA a os seus cidadãos ndonarem a Líbia

de Estado
para deixa-
escaramuça
que dois ca-
ateram dois
anos traba-
de empre-
a deteriora-
on e Trípoli,
undo deste

pois da ex-
os Estados
cusações de
afi estava a

retirado da
do saque da
manifestantes,
serão.
caças F-14
os que não
ram os avi-
seis «Side-
s foi visto a
mar, mas a
que ambos

o combate
mas a Líbia
canos esti-
m deles foi
nte ocorreu
sobre águas
sul-central,
e os caças
seu espaço

torial aéreo
nto os Esta-
tradicionais

em junto da
os belgas e
ente numa
NATO em
o combate
o Soviética.
tratar-se de
ratária, que
indignação

cais — Irão,
m embargo
os e outras
os da NATO
orte-ameri-

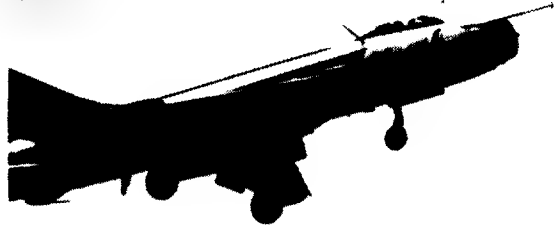


Foto de arquivo dum caça SU-22, de fabrico soviético, do tipo dos dois aparelhos líbios, abatidos pelos EUA

cana por os ter informado rapidamente do sucedido e poucos mais comentários fizeram.

Mas o ministro italiano dos Negócios Estrangeiros indicou que a Líbia provocara o incidente e criticou os «desígnios expansionistas dos líbios».

Os Estados Unidos importam da Líbia cerca de 8% dos 6,2 milhões de barris de petróleo que recebe diariamente, mas analistas industriais afirmam que poderiam ser facilmente substituídos em caso de embargo.

Enquanto os Estados Unidos consideram encerrado este incidente ocorrido no Mediterrâneo, a Líbia mantém-se silenciosa — pelo menos até à hora do fecho da nossa edição não há notícia de nenhuma reacção de Trípoli, a não ser o comunicado oficial de ontem. Nesse texto, a Líbia comunicava que aviões norte-americanos haviam interceptado e aberto fogo sobre dois aparelhos líbios, que «procediam a uma operação de rotina». Para a Líbia, o incidente insere-se na «escalada americana contra o povo líbio e contra a revolução», afirmando que desde segunda-feira passada se têm registado «sucessivas e provocadoras violações do espaço aéreo líbio e das suas águas territoriais no Golfo de Syrte, por parte da aviação americana».

Não há também indicação de que Gaddafi tenha desistido da sua programada viagem à Etiópia, que hoje se deve iniciar. Quando o incidente ocorreu, o dirigente líbio encontrava-se em Aden, onde assinou um tratado com o Iemen do Sul e a Etiópia, no âmbito da Frente de Rejeição contra os acordos de Camp David. Na ocasião, Gaddafi convidou a nação árabe a mobilizar-se contra os EUA, afirmando que só a aliança com todas as forças progressistas do mundo poderá dissuadir os intuitos agressores norte-americanos».

PC brasileiro em luta pela legalidade

O dirigente do Partido Comunista Brasileiro, Hércules Correia anunciou ontem, no Rio de Janeiro, que o seu partido vai retomar a luta pela legalidade.

Tal luta será feita por meio de uma campanha de mobilização popular que possa levar o Governo ou o Congresso a alterar o texto constitucional, de modo a que o partido possa funcionar.

Esta decisão foi tomada «depois do porta-voz do Governo, Carlos Átila, ter declarado, na passada terça-feira, que o Executivo é radicalmente contrário à legalização do PCB e que, para isso, seria necessária uma revisão constitucional», disse Hércules Correia.

Aludindo à afirmação de Átila, segundo a qual o comunismo postula a constituição de um partido único, Correia rebateu que, já na Constituição de 1946, o PCB defendeu o pluralismo.

Dois soldados de Pretória morreram em Angola

Os jornais de Londres publicaram ontem declarações do ministro sul-africano da Defesa, confirmando a morte, em território de Angola de dois soldados do Exército de Pretória.

A agência ANGOP disse, por sua vez, que tais declarações confirmam o teor de um comunicado distribuído em Luanda, no passado dia 17, sobre os combates que as FAPLA travaram contra tropas racistas invasoras entre Xangongo e Cahama, no sul de Angola. Os sul-africanos foram obrigados a retirar, deixando no terreno um morto e algum material de guerra. A fotografia desse soldado de Pretória, que era branco mas tinha o rosto pintado de negro, foi publicada pelo «Jornal de Angola».

Da publicação da fotografia, a agência ANGOP retira a conclusão de que ela «desmente alegações sul-africanas segundo as quais nenhum soldado da África do Sul se encontraria em território angolano».

Luto no Ulster

Michael Devine morreu hoje após 60 dias de greve de fome

Morreu hoje de manhã, às 7h50m de Lisboa, o décimo militante irlandês em greve de fome. Michael Devine, encontrava-se em estado de coma, sem ver e quase sem poder falar. A sua família já ontem tinha anunciado o previsível desfecho, considerando que «Mickey» «viveu já mais tempo do que os médicos previam».

Devine de 27 anos, era natural do bairro católico de Greggans, em Derry, noroeste do Ulster. A sua adesão à causa irlandesa, data de 1972, do domingo sangrento, quando o exército britânico matou doze pessoas em Derry, abrindo fogo sobre manifestantes católicos. Então Devine adere aos «clubes republicanos» do IRA oficial, para depois se filiar no IRSP, Partido Socialista Republicano Irlandês.



A senhora Thatcher comenta: «Vai havendo cada vez menos terroristas irlandeses nas nossas prisões!» (Desenho de Konk, publicado no jornal «Le Monde»)

Detido em Greggans, em Setembro de 1976, na sequência de um ataque armado, é julgado e con-

denado, por posse ilegal de armas, a 12 anos de prisão. Em 1979, foi um dos militantes irlandeses detidos em Long Kesh, que iniciou a greve de uniforme, para obter o estatuto de preso político.

A morte de Devine ocorreu cinquenta minutos depois da abertura das estações de voto para a eleição de um deputado norte-irlandês para a Câmara dos Comuns, em substituição do primeiro militante do IRA a morrer de greve de fome em Maze, Bobby Sands. Depois da proibição pelo Parlamento inglês das candidaturas de guerrilheiros condenados, os nacionalistas irlandeses designaram o representante político de Sands, Owen Carron, como candidato a um lugar na Câmara dos Comuns.

Na Polónia

Comité Central do POUP vai debater autogestão

O Comité Central do Partido Comunista Polaco terá uma nova reunião nos finais deste mês para debater a autogestão operária, segundo anunciou a agência PAP.

O comité central, eleito em Julho, ocupar-se-á das «tarefas do partido na introdução da autogestão operária em empresas socialistas, no âmbito da reforma económica».

Inquéritos ao Solidariedade

O ministério público abriu um inquérito contra a secção do «Solidariedade» de Olsztyn (norte da Polónia) devido à acção dos piquetes de greve da Imprensa, que impediram de trabalhar uma parte dos tipógrafos que se tinham pronunciado contra a greve, segundo anunciou

quarta-feira um comunicado do ministério público difundido pela agência PAP. O comunicado sublinha que «o direito de greve não significa a possibilidade de reduzir os direitos daqueles que querem trabalhar».

Por outro lado, a rádio anunciou ao fim da tarde, que um outro inquérito foi aberto em Białystok, igualmente contra a secção local do «Solidariedade».

Entretanto, foram libertados, ao princípio da noite de ontem, os três militantes do «Solidariedade» que desde quarta-feira de manhã se encontravam presos e incommunicáveis em Chelm, revelaram fontes sindicais polacas.

Imediatamente após a sua libertação, a secção local do «Solidariedade» anulou a ordem de greve ilimitada que marcara para hoje.

Alimentos da CEE

A comunidade económica europeia decidiu acelerar a entrega à Polónia de todos os produtos alimentares que se comprometeu a ceder-lhe no fim do ano passado.

Um grupo de peritos agrícolas da CEE fez um balanço do ritmo e volume de entrega do auxílio alimentar que, segundo assinaram, é dificultado por problemas de crédito e financiamento.

Até agora foram entregues à Polónia mil toneladas de carne, 40 mil de leite, 50 mil de açúcar e 400 mil de cereais, informaram os técnicos da comunidade europeia.

A Grã-Bretanha, que assumiu a presidência semestral da CEE em 1 de Julho último, anunciou a sua intenção de acelerar ao máximo a entrega de alimentos à Polónia.

Na RFA

Chefe neo-nazi acusado de duplo assassínio

O Ministério Público de Nuremberga passou um mandato de captura, no âmbito do caso do assassinio do editor judeu Sholmo Levin e da sua companheira, contra Karl Heinz Hoffmann, antigo chefe da organização neonazi dissolvida, «Grupo Paramilitar Desportivo Hoffmann».

Karl Heinz Hoffmann, de 43 anos, e a sua companheira Franziska Birkmann, de 31, encontram-se em detenção preventiva em Nuremberga desde Junho último.

O duplo assassinio data de 19 de Dezembro de 1980. Nesse dia, Sholmo Levin e Frida Poeschke, viúva do antigo presidente do Município de Erlangen, tinham sido mortos a tiro em casa do editor.

Entretanto, prossegue a recuperação histórica da Prússia em uma exposição recentemente inaugurada em Berlim Ocidental.

A Exposição procura objectivar a complexa realidade desse passado mas está a gerar polémica porque uns atribuem à Prússia virtudes como a disciplina, a perseverança, a obediência e o respeito pela ordem estabelecida e outros falam de alheamento da realidade, nacionalismo extremo, militarismo, culto da força e ambição de poder.

Posição (não oficial) do Vaticano

Críticas acerbas à bomba de neutrões

«A iniciativa americana a respeito da bomba de neutrões significa um enorme salto em frente na corrida aos armamentos», escreve o padre jesuíta Giuseppe de Rosa, colaborador da revista «Civiltà Cattolica» num artigo ontem publicado pelo «Corriere Della Sera», de Roma.

A Rádio Vaticano abordou também o mesmo problema, no dia anterior, em termos bastante gerais, e insistindo na necessidade de «substituir a civilização actual, de vexação e violência por uma civilização baseada na fraternidade e no amor».

Não houve comunicado oficial do Vaticano quanto à posição do Soberano Pontífice sobre a decisão americana. Mas o artigo do padre Giuseppe de Rosa que, no Vaticano, é conselheiro do Secretariado para os Não-Crentes, exprime sobre essa decisão uma opinião muito desfavorável: deita por terra os argumentos militares e políticos a que se recorreu para a justificar e considera-a «grave do ponto de vista moral».

A corrida aos armamentos, com efeito, é para ele «um pecado contra Deus». «Como homem e como cristão, terei que ficar preocupado com a sombra trágica que a actual corrida aos armamentos — de que a decisão

americana e apenas um elemento — projecta sobre o futuro», conclui o padre Rosa.

Por sua vez, o presidente do Partido Social Democrático da Suécia Olof Palme, considerou «muito sinistra» a decisão do Governo norte-americano de produzir a bomba de neutrões — segundo anunciou ontem a Imprensa de Estocolmo.

A utilização de uma arma nuclear táctica ou da bomba de neutrões — disse o chefe da oposição sueca — pode conduzir rapidamente a uma guerra global, com uso de armas nucleares estratégicas.

«Tudo pode ir pelos ares»

Cientistas participantes num seminário realizado em Erice (Itália) chegaram ontem à conclusão de que «dormimos sobre um barril de pólvora e em qualquer momento tudo pode ir pelos ares».

O seminário prolongou-se por três dias e teve a participação de

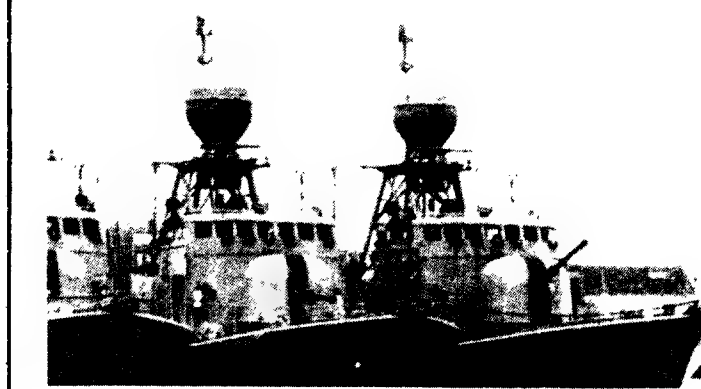
cientistas e peritos em assuntos nucleares, alguns deles detentores de Prémios Nobel.

Jack Ruina, professor do Massachusetts Institute of Technology, defendeu a tese de que existe um equilíbrio de forças entre os Estados Unidos e a União Soviética e referiu que ambos os países dispõem de uma capacidade destrutiva equivalente a cinco mil megatonas (potencial equivalente a 250 mil bombas como a lançada sobre Hiroxima).

Richard Garwin, director de investigações da IBM, disse que, a verificar-se uma agressão nuclear, não haverá sistema de defesa civil capaz de assegurar a sobrevivência das pessoas.

O físico italiano Antonino Zichini disse: «Estamos a dormir sobre um gigantesco barril de pólvora e não nos damos conta disso», o qual acrescentou que «os sistemas defensivos são tão complicados que a guerra pode desencadear-se a qualquer momento, por um cálculo mal feito ou um simples erro humano».

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina



Estas são as três vedetas lança-mísseis encomendadas pelo Irão aos estaleiros franceses de Cherburgo. Uma delas é a «Tabarzin».

signa a France Presse os assassinos da «Tabarzin», que não escondem as saudades que têm da dinastia Pahlevi, foram transferidos na noite passada de Hyères (Sul da França) para os arredores de Paris.

Um comunicado do Eliseu, dá a entender que lhes poderá ser concedido asilo político, mas que não está posta de parte a possibilidade de virem a ser julgados por um tribunal francês. Os tripulantes da vedeta, que manifesta-

ram o desejo de regressar ao Irão, foram entretanto postos em contacto com o encarregado de negócios daquele país na capital francesa.

Pierre Berégovoy, secretário-geral da Presidência da República, Charles Hernu, ministro da Defesa, e Claude Chysson, ministro dos Negócios Estrangeiros, continuam a seguir o caso a par e passo, precisou ainda o porta-voz da Presidência da República francesa.

Reagan

Libertação da Palestina (OLP) nas conversações israelo-egípcias, proposta essa apresentada pelo presidente egípcio na sua recente viagem aos EUA.

Por último, um alto funcionário

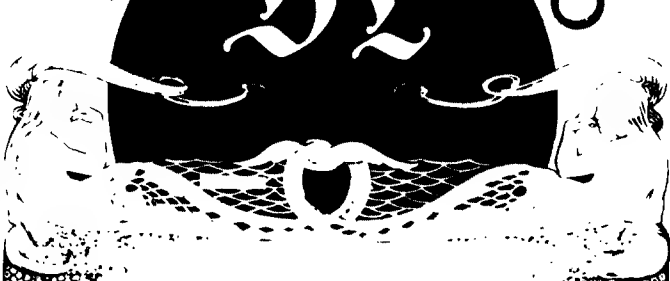
francês afirmou ontem em Paris que o governo do seu país concordou, em princípio, em reconstruir o reactor nuclear ira-

quiano, destruído por um bombardeamento sionista.

CONSTRUÇÕES

RUIVO DO MONTE

UMA CASA À MEDIDA DA SUA BOLSA

CONSULTE-NOS JA PELO TEL. 24128 - SETUBAL. VENDAS
TODOS OS DIAS: RUA CIDADE DA BEIRA, LOTE 58-A EM
SETUBAL, RUA DO EITO, N.º 28, 2900 SETUBALNAS SUAS FÉRIAS
PODE COMPRAR O

LITORAL AO SUL DO TEJO

- SESIMBRA Tab. Gonçalves
Pedro Baptista Cardoso
- PORTINHO DA ARRÁBIDA Quiosque Arrábida
- Rest. Vela d'Ouro
- Centro Comercial Sines
- VILA NOVA DE MILFONTES Café Mira Mar
- PORTO COVO Augusto António Vilhena

LITORAL NORTE

- BARCELOS Casa Pedro
- ESPINHO Quiosque Reis
Pap. Ratoril
Aires Moreira Rocha
- PÓVOA DE VARZIM Albino Ferreira Lima
Clarisse Gonçalves
- VILA DO CONDE Altino Lopes Martins
- VILA PRAIA ÂNCORA Pap. Arcada
- VIANA DO CASTELO José Aires
Tab. Siso

Aceitam-se assinaturas de férias
pelo período de 10 dias, ao preço de
15\$00 por exemplar
Pagamento antecipado através de
cheque ou vale de correio

Remete para "Diário de Lisboa" - Assinaturas
R. Castilho, 185-1.
1200 LISBOA

ALGARVE

TERRENOS RÚSTICOS

Perto da praia, junto à Estrada Nacional, água e luz. Desde 80 000\$00. Telefone 364651 ou contactar com o sr. Rocha, Figueira, V. Bispo (das 17 às 21 horas).

PART-TIME — 2 HORAS
3.300\$00/SEMANA

Firma Inglesa, para preenchimento dos seus quadros (só os de férias), admite com urgência 5 estudantes, dos 16/19 anos. Compareça na Rua Duque de Palmela, 30-5.º B, só amanhã, às 12.30 horas.

«NUNES & PEREIRA, LIMITADA»

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 20 de Julho corrente, lavrada de fls. 52 v.º a 54 do livro de notas para escrituras diversas n.º 152-D, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Lic. Lúcia Rodrigues Maia Devesa, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a firma em epígrafe e sede no concelho do Seixal, a qual ficou a reger-se pelo pacto social constante da fotocópia anexa que, com esta, se compõe de quatro folhas e vai conforme o original. Lisboa, vinte e um de Julho de mil novecentos e oitenta e um.

o 2.º Ajudante,
(José Fernando Pereira Pires)

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «NUNES & PEREIRA, LIMITADA».

SEGUNDO — A sua sede é na Rua D. Branca Saraiva de Carvalho, número vinte e cinco, rés do chão, esquerdo, no lugar e freguesia de Amora, concelho de Seixal.

TERCEIRO — A duração da sociedade é por tempo indeterminado, a partir de hoje.

QUARTO — O objecto da sociedade é o da construção civil e obras públicas, a compra e venda de bens imóveis, podendo, todavia, dedicar-se a quaisquer outros ramos do comércio ou indústria, permitidos por lei, que a assembleia geral deliberar.

QUINTO — O capital social é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, está integralmente realizado em dinheiro, e corresponde à soma de duas quotas iguais de duzentos mil escudos cada, uma do sócio António Vicente Nunes Santana e a outra do sócio António Lopes Pereira.

SEXTO — Ficam livremente permitidas as cessões de quotas entre os sócios, no todo ou em parte.

Parágrafo Primeiro — Nas cessões a estranhos têm direito de preferência em primeiro lugar o sócio ou sócios não cedentes e em segundo lugar a sociedade.

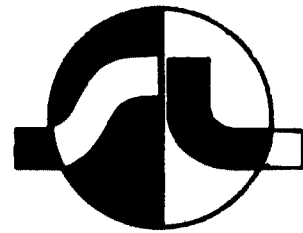
Parágrafo Segundo — No caso de morte de qualquer dos sócios, a respectiva quota poderá ser amortizada pela sociedade, de acordo com o valor apurado no último balanço, sempre que seja adjudicada a um herdeiro que não seja o cônjuge, descendente ou ascendente do falecido.

Parágrafo Terceiro — No caso de morte de algum dos sócios os seus herdeiros designarão quem representa a respectiva quota enquanto esta permanecer indivisa e caso não seja amortizada.

OITAVO — A gerência da Sociedade, com dispensa de caução e com a remuneração que lhe vier a ser atribuída, fica a cargo de ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, e a representação da sociedade em juízo ou fora dele cabe sempre, excepto em actos de mero expediente, da assinatura dos dois sócios.

NONO. Os lucros líquidos apurados no balanço serão, após dedução da percentagem de cinco por cento para fundo de reserva legal, distribuídos em igual montante pelos sócios, salvo se outra distribuição for aprovada por todos os sócios.

DÉCIMO — As assembleias gerais, salvo os casos em que a lei imperativamente exija outros prazos ou formalidades, serão convocadas por meio de cartas registadas enviadas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

Supermercado de
ALCATIFAS

R. Capitão Leirão, 87-D
Telefs. 2752114-2750993

2800 ALMADA

- ALCATIFAS
- CARPETES
- TAPETES
- PASSADEIRAS
- PAPEL DECORATIVO
- etc... etc...

IVO F. LOPES, LDA.

Não compre sem nos consultar
PREÇOS INACREDITAVEIS

CÂMARA MUNICIPAL
DO CONCELHO
DE LOURES

AVISO

«CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO
POR VENDA, DE HABITAÇÕES
EM SANTO ANTÓNIO
DOS CAVALEIROS»

Avisam-se todos os interessados na atribuição de fogos em Santo António dos Cavaleiros, que devem comparecer na Sala das Sessões do Edifício dos Paços do Concelho de Loures, no próximo dia 21/8/81, às 14 horas, a fim de se proceder à escolha do piso e fracção do fogo do Tipo T2 ou T3 com que foi premiado no Sorteio do Concurso em epígrafe.

Mais se informa que, na falta de comparência à dita reunião, perderá o direito de escolha que lhe cabe, de acordo com a ordem do respectivo sorteio.

Loures, 14 de Agosto de 1981
O PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA,
António Augusto Simenta Mordido

CONCURSO PARA A CRIAÇÃO
DA IMAGEM VISUAL DO
GABINETE DA ÁREA DE SINES

APURAMENTO DE RESULTADOS

Aos 27 dias do mês de Julho do ano de 1981, o Júri do Concurso para a Criação da Imagem Visual do Gabinete da Área de Sines decidiu atribuir os prémios previstos no respectivo regulamento aos concorrentes abaixo referenciados:

- 1.º PRÉMIO A 2899205
2.º PRÉMIOS T 8960896
J 2297758
T 1928537

O G.A.S. dá público conhecimento de que procederá à exposição dos trabalhos dos concorrentes em Lisboa, Rua de S. Bento, n.º 347/353, r/c., de 12 a 16 de Outubro, e nas instalações do Gabinete da Área de Sines, de 26 a 31 de Outubro.

publicit



Não queremos que se prive nas férias
dos seus momentos de diversão!
Mas sabemos que certamente vai ter alguns tempos livres
que não saberá o que fazer...
Então porque não os aproveitar?
Faça algo que lhe proporcione benefícios seguros:

Invista algum do tempo feliz de férias pensando no Inverno...

Este Verão aprenda
uma profissão de futuro!

OS NOSSOS CURSOS:
ELECTRONICA, RADIO E TV
DES. TÉCNICO
TELEVISÃO, TRANSISTORES
CONTABILIDADE
ORG. ADM. EMPRESAS
PROGRAMAÇÃO COBOL
INGLÊS, FRANCÊS
CORTE E CONFECÇÃO
C. GERAL

É hoje, já que você tem que acautelar o futuro e nada o ajudará mais do que uma profissão rendosa e considerada.

Num dos cursos que lhe propomos você encontrará a solução que mais lhe convier.
Facilmente, ocupando apenas alguns dos seus tempos livres, depois você pode aguardar o Inverno com conforto e segurança.

Ainda hoje preencha destaque e envie este cupão. Gratia e sem compromisso enviaremos-lhe informação completa sobre o curso que indicou. Urgente, por favor, as fendas estão à porta.

Curso: _____
NOME: _____
END. EMPREGO: _____
MORADA: _____ LOCALIDADE: _____
CENTRO DE INSTRUÇÃO TÉCNICA
ENSINO TÉCNICO A DISTÂNCIA
R D ESTEFÂNIA, 32 LISBOA 1



NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS



DESPORTO

Esta justiça que temos!

Verdadeiramente curioso o modo como se faz justiça no Conselho de Disciplina da Federação de Futebol: Romeu, o portista que foi expulso nas Antas por ter agredido um jogador do Vasco da Gama, foi castigado com uma simples «advertência», precisamente a mesma penalidade que bateu à porta dos belenenses Alinho e Tó Zé, que viram cartão amarelo no jogo entre o União de Leiria e os «azuis». Será porque Romeu faz falta ao Porto para o jogo com o Benfica ou foi um mero, puro e simples gesto de boa vontade dos ilustres federativos da Alegria?

Alemanha Federal
contra violência
no futebol

O futebol alemão federal é demasiado violento e a Federação quer castigar com mais dureza as faltas pessoais cometidas em situações em que seja evidente a impossibilidade de alcançar a bola. Foi o próprio presidente da Federação germânica, Hermann Neuberger, que o afirmou em entrevista à Agência DPA, referindo-se à jornada de sábado da Liga Alemã, em que choveram grandes penalidades e cartões amarelos.

«Não quero generalizar, mas apenas deixar claro que devemos castigar mais duramente o jogo violento do nosso futebol, quando evidentemente não houver possibilidade alguma de disputar a bola» — disse Neuberger. «Os nossos árbitros terão que ser mais duros» — afirmou.

A Federação germânica opõe-se também à transmissão dos jogos pela televisão e Neuberger tenciona suspender as, não por uma questão financeira, mas devido à diminuição das assistências. Neuberger propõe que as transmissões directas de jogos de futebol comecem apenas depois do intervalo, para não prejudicar os clubes.

O dirigente fez uma referência ao jovem «internacional» Bernd Schuster, actualmente ao serviço do Barcelona (Espanha) afirmando acreditar no seu regresso à selecção germânica. «Ofereci-lhe uma entrevista comigo e, apesar das tensões entre nós, vou escrever-lhe» — disse Neuberger, que contestou a ideia de que o seleccionador Jupp Derwall perdeu autoridade com o regresso de Paul Breitner à equipa nacional.

Taças

O Politehnica Timisoara (Roménia) derrotou em casa o Lokomotiv Leipzig (RDA) por 2-0 na eliminatória preliminar da «Taça dos Vencedores das Taças» de futebol. Os golos foram marcados por Anghel e Nedelcu, aos 19 e 27 minutos, respectivamente.

O encontro da segunda «mão» disputa-se dia 26, em Leipzig. O vencedor defronta o Swansea (País de Gales) na 1.ª eliminatória da competição.

Campeonato da Bélgica

Os encontros da 1.ª jornada do campeonato de futebol da 1.ª divisão, belga forneceram os seguintes resultados: Standard - Cercle Bruges, 2-2; Anderlecht - Antwerp, 1-1; Lokeren - Waregem, 1-1; Courtrai - Beveren, 0-2; Lierse - La Gantoise, 3-1; FC Brugois - FC Liegeois, 4-1; Winterslag - Waterschei, 3-1 e Tongres - FC Malinois, 2-1.

Campeonato holandês

O PSV Eindhoven isolou-se no comando do campeonato holandês da 1.ª divisão ao derrotar o Utrecht por 3-1, em jogo da segunda jornada disputada ontem à noite. O PSV é a única equipa com duas vitórias e soma mais um ponto que o Ajax, AZ 67 (actual campeão) Feyenoord e Nec

Os resultados da jornada foram os seguintes: Go Ahead Eagles Deventer - MVV Maas-tricht, 4-1; PSV Eindhoven - Utrecht, 3-1; Nac Breda - Roda JC Kerkrade, 3-1; Sparta de Roterdão - AZ 67 Alkmaar, 2-2; Groningen - Haarlem, 1-1; Den Haag - Nec Nijmegen, 0-1; Ajax de Amsterdão - Feyenoord de Roterdão, 1-1; De Graafschap Doetinchem - Willem II Tilburg, 0-0 e Twente Enschede - Pec Zwolle, 2-0. Classificação: 1. PSV, 4 pontos; 2. Ajax, AZ 67, Feyenoord, e Nec, 3; 6. Eagles, Utrecht, Twente, Sparta, Haarlem, Groningen, Pec, MVV e Nec, 2; 15. De Graafschap e Willem II, 1; 17. Den Haag e Roda, 0.

Vasco da Gama
vence em Barcelona

O Vasco da Gama (Brasil) derrotou o Ipswich Town (GB) por 2-1 no jogo de apuramento para os 3.º e 4.º lugares disputado ontem à noite no quadro do torneio de futebol de Barcelona (trophée «Juan Gamper»). Roberto e Amauri marcaram os golos do Vasco da Gama e Mariner o do Ipswich.

Barcelona derrotado

O Colonia, da 1.ª divisão da RFA, conquistou o troféu «Juan Gamper» ao derrotar ontem, à noite, o Barcelona (Espanha) por 4-0. Cerca de 90 mil pessoas assistiram ao domínio total da equipa germânica sobre a formação catalã, organizadora do torneio.

Os golos foram apontados por Klaus Allofs (45 minutos), Pierre Littbarski (47), Rainer Bonhof (51), de grande penalidade e Tony Woodcock (72).

Jogos da África Central

A selecção angolana de futebol (os «Palancas Negras») defronta amanhã, em Luanda, a congénere do Zaire, (os «Leopardos») no desafio inaugural do torneio de futebol dos jogos da África Central. As seis equipas que participaram no torneio foram distribuídas em duas séries. A série «A» será disputada em Luanda e compreende as seleções de Angola, Zaire e Gabão, enquanto que a «B» se realiza no Huambo e envolverá as equipas camaronesa, centro-africana e congolesa. No jogo inaugural do Huambo defrontam-se as equipas camaronesa e congolesa. A final do torneio de futebol disputa-se, dia 29, em Luanda.

Salinas no Málaga

A equipa espanhola do Málaga adquiriu o «passe» do futebolista argentino Carlos Salinas do Argentinos Juniors. Salinas foi o autor do golo que salvou (no sábado) o Argentinos Juniors de descer para a 2.ª Divisão num jogo frente ao San Lorenzo de Almagro. O futebolista iniciou a carreira nas fileiras do Boca Juniors, recente vencedor do campeonato argentino de futebol da 1.ª Divisão

O Vitória de Setúbal qualificou-se para a final do «Torneio de Zamora» ao derrotar ontem, à noite, o Salamanca, por 3-1, o seu primeiro triunfo desta temporada. O Vitória ganhava por 1-0 ao intervalo, com um tento de Chico Gordo, a cruzamento de Octávio, aos 42 minutos. Corchado restabeleceu a igualdade (aos 48 minutos) mas onze minutos depois Chico Gordo voltou a colocar os sadinos em vantagem, na transformação de uma grande penalidade, a castigar mão de Tomé a um remate de Victor Madeira. Mota fechou a contagem, a quatro minutos do fim, em jogada individual.

O Vitória de Setúbal mostrou-se superior tecnicamente e foi sempre perigoso no contra-ataque, apesar do maior domínio territorial do Salamanca. Octávio, Mota e Chico Gordo foram os elementos em foco na equipa portuguesa.

Sob arbitragem de Hernandez Velasquez (Valladolid), que mostrou cartões amarelos a Chico Silva e Mota, alinharam: Vitória de Setúbal: Amaral; Sobrinho, Duda, Chico Silva e Cicero; Cerdeira, Octávio e Mota (Reis); Chico Gordo, Victor Madeira e Dário (Jesus).

Salamanca: Antoni; Pedraza, Adam (Tomé), Pazares (Herrera), Miguel Angel; Enrique, Corchado e Pepe; Orejuela, Tapia e Garcia Murcia.

O Vitória defronta amanhã o Zamora, na final.

Entretanto, movimento de futebolistas na turma setubalense: Martin foi para o Sporting de Espinho, Teixeira retornou ao F.C. Porto mas foi contratado o ex-portimonense João Cardoso enquanto o brasileiro Eloisio (defesa central) vem ao Bonfim à experiência.

Porto vence entre assobios
O FC Porto venceu o Leixões

Futebol à porta dos campeonatos

Setúbal bate o Salamanca



Treino sportinguista para receber o Belenenses: Caeiro, Fidalgo, José Eduardo e Zezinho, ou nem tudo o que parece é

por 1-0, em jogo particular de futebol, mas os seus jogadores foram vaiados pelos cerca de oito mil adeptos no final da partida. Romeu, que se cotou como melhor jogador em campo, apontou o único golo (aos 28 minutos) concluindo com remate forte um cruzamento de Costa.

O FC Porto, que defronta no sábado o campeão (Benfica) na 1.ª jornada, decepcionou, jogando com lentidão perante uma equipa de grande sentido colectivo.

O jogo disputou-se no Estádio das Antas, mas a receita reverteu para o Leixões nos termos da transferência do jogador Pentead, ex-«goleador» da equipa de Matosinhos, que disputa o campeonato nacional da 2.ª divisão.

O Leixões fez a apresentação de quatro novos jogadores brasileiros: Ricardo e Celso (ex-Santos), Tónhão (ex-internacional de Porto Alegre) e Bira (ex-Javacuará).

Sob arbitragem de Manuel Santos (Porto) alinharam: FC Porto: Tibi; Gabriel, Fer-

nando (Simões, 45), Freitas e Teixeira; Rodolfo, Jaime II e Sousa (Albertino 45); Jacques, Romeu e Costa (Júlio 84).

Leixões: Lúcio; Eliseu, Licínio, Ricardo (Carvalho, 82), e Tónhão (Paquete, 73), Bira (Pato 71), Azevedo e Gomes (Maga-lão, 45); Índio, Sérgio (Celso 76) e António Manuel.

Início portista

Para o «Torneio Início» da Associação do Porto, o Rio Ave bateu o Vilanovense por 1-0.

Alder Dante

internacional

Sete árbitros portugueses figuram na lista divulgada em Zurique pela União Europeia de Futebol para dirigirem jogos das competições europeias da modalidade. A substituição de Inácio de Almeida por Alder Dante constitui a única alteração em relação à lista anunciada em 1980, pois os restantes seis mantêm-se. São eles António Garrido, César Correia, Mário Luis, Raul Nazaré, Graça Oliva, e Marques Pires.

Marítimo

ainda escolhe

Depois de ter rescindido contrato com o dianteiro Mória, o Marítimo funchalense aceita um britânico (Meekang, avançado do Orient F. Club, da 2.ª divisão londrina) para fazer um teste nos Barreiros

Cambalhota

no Amora

Inesperadamente, o brasileiro Caio Cambalhota (que parecia ir para o Bessa) acaba de assinar pelo Amora, por uma época.

Sesimbra ataca

Sesimbra apronta a nova temporada futebolística: Francisco

Mário regressa, como jogador-treinador) e há também outras contratações, nomeadamente Vítor Formiga (ex-Vitória de Setúbal), Fichadas (ex-Montijo), António Simões, Luis Emídio e Francisco Manuel (que estavam no Seixal) e Manuel Correia (que defendia as cores do Belenenses).

Canadianos
fraquinhos

O União de Leiria derrotou a equipa luso-canadiana do Lusitano Stars, por 6-0, num encontro particular disputado no «Estádio Magalhães Pessoa», em Leiria. Nhabola (24 m), Freitas (32), Aguiar (34), Varela (66), Cruz (68) e Rogério (83), marcaram os golos da turma leiriense.

O jogo teve um fraco nível técnico e o União de Leiria não teve dificuldades em golear uma equipa amadora.

Sob direcção do árbitro Jorge Fachada, as equipas alinharam: União de Leiria: Alvaro; Dinis, Germano, Amândio e Martinho; Freitas, Cruz e Varela; Aguiar, Nhabola e Vítor Manuel.

Lusitano Stars: Miraldo; Elias, Steve, Albano e Dino; Gin, Elias e José Manuel; Brian, Nigel e Gogy.

Mais jogos
particulares

O Sporting de Espinho empatou sem golos com o Lusitano de Lourosa (3.ª divisão) em jogo particular.

O Olhanense venceu o Esperança de Lagos (1-0) e o Nazarenos derrotou o União de Santarém (2-1).

O Juventude de Évora derrotou o Elvas por 3-0, em encontro realizado no «Estádio Sanches de Miranda» (Évora). Ao intervalo, os eborenenses venciam por 1-0, golo de Zéinho aos 42 minutos. Zéinho voltou a marcar aos 62 minutos e Marco Aurelio fixou o marcador cinco minutos depois.

O Varzim derrotou uma selecção da Galiza (Espanha) por 4-3 em jogo particular efectuado na Póvoa do Varzim. Ao intervalo, os varzistas, que esta temporada vão disputar o campeonato da 2.ª divisão, venciam por 2-0 (golos do ex-portista Quinho, aos 30 minutos, e de André, aos 35). André voltou a marcar aos 53 e 63, os espanhóis reduziram para 3-4, por Vava (65 e 84) e Tabito (70) mas Vilaça fechou a contagem no último minuto, na transformação de uma grande penalidade.

Basquetebol português:
amadorismo milionário

De fonte normalmente bem informada: o Benfica ofereceu a Carlos Lisboa (a astronómica) quantia de 3400 contos, mas o jogador, em princípio, não aceitou, porque o Sporting recomendou um tempo de espera ao seu valoroso basquetebolista para decidir o futuro da secção na modalidade. Aliás, o Benfica entrou no «namoro» após se saber que o Sporting não estava muito pelos ajustes (como foi noticiado) em despendar milhares de contos com a sua primeira categoria de basquetebol.

Efectivamente, o Benfica vai «investir largo» nas modalidades (grosseiramente denominadas) «amadoras». O basquetebol é das modalidades «amadoras» do clube da Luz com preferências de «cobertura financeira», mas daí a oferecer-se três mil e quatrocentas notas de conto de réis por duas épocas a um jogador amador de basquete, mesmo tratando-se do melhor praticante nacional, custa a «enxessar».

Parece, simultaneamente, que o Sporting saiu de uma certa passividade com vista ao futuro da sua secção de basquetebol. Para além da dupla técnica (Baganha/ Nelson) e de Paiva (para o Académico de Coimbra) ninguém mais sairá. Inclusive, os «leões», incluindo (evidentemente) Carlos Lisboa, diligenciam renovar contrato com o americano Fultz (que o Benfica também cobiça). Assim, vai ganhando corpo a notícia de que o clube de Alvalade (de grande prestígio na modalidade) participará no próximo nacional para «defender o seu título» e terá já fechado contrato com os seus ex-jogadores Mário Albuquerque e Tomané para o comando técnico dos campeões nacionais.

DESPORTO

MICROSEPIO

Almoço sem Idalino

Afinal, por motivos familiares, Idalino de Freitas não poderá estar presente na almoçada que a «Tertúlia da Amizade» (liderada pelo repórter fotográfico António Capela) promove no próximo sábado, no restaurante do Estádio da Luz. A falta do conhecido antigo dirigente benfiquista não irá obstar, porém, a que vários homens da informação estejam em convívio à mesma mesa.

Ginastas no «Mundial»

Maria João Falcão, Cristina Lebre, Elsa Lebre e Helena Santos são as ginastas pré-seleccionadas com vista ao Campeonato do Mundo de Ginástica, que se realizará em Munique, de 21 a 24 de Outubro próximo. Destas quatro atletas uma delas não seguirá viagem, pois a federação apenas seleccionará três. Todas elas estão a cumprir um programa de treinos intenso, no ISEF, com o horário das 9 e 30 às 20 e 30, sob a orientação dos professores Jenny e Hermenegildo Can-deias.

É possível que as quatro ginastas participem, nos dias 5 a 9 de Setembro próximo, em encontros-treino com a Grécia e a Espanha, no âmbito da planificação de treinos.

Vela no Atlântico

Cerca de 20 embarcações da classe «cruzeiro», portuguesas e estrangeiras, vão participar na segunda regata Las Palmas-Funchal, com início marcado para 3 de Setembro. A regata é organizada pelo Clube Naval do Funchal.

O Governo Regional da Madeira ofereceu 900 contos para esta regata.

A primeira edição da prova, disputada em 1978, foi ganha pelo barco «La Calandria», das Canárias.

Andebol com madeirenses

Certa euforia nos meios andebolísticos madeirenses: Luís Araújo e Gil Silva foram escolhidos para a selecção nacional de esperanças.

Motonáutica: regata internacional

Três equipas espanholas participam no domingo na Primeira Regata Internacional da Caniçada, prova a contar para o campeonato nacional de motonáutica. As equipas espanholas pertencem a uma escuderia de Madrid.

Golfe algarvio

O Clube Dom Pedro (em Vilamoura) levou a efeito um campeonato de golfe para jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos, no qual participaram mais de 25 jovens tendo os respectivos pais auxiliado como «caddies». Os vencedores: Rapazes, dos 9 aos 12 anos: 1.º Johnson Cook; 2.º Paulo Barnabé. Dos 12 aos 16 anos: 1.º Paulo Jorge; 2.º Miguel da Luz. Raparigas, dos 9 aos 12 anos: 1.º Beverly Newbegging; 2.º Raquel Barnabé. Dos 12 aos 16 anos: 1.º Verónica Silva; 2.º Sónia Barnabé.

O Clube Dom Pedro, além destes campeonatos, levará também a efeito (de 26 a 28 de Dezembro) o Torneio Internacional Infantil para o qual se esperam mais de 150 jovens de todas as nacionalidades.

Transferência rica

O futebolista inglês Jimmy Case (do Liverpool) foi cedido ao Brighton, da 1.ª Divisão inglesa, por 350 mil libras (cerca de 42 milhões e 250 mil escudos). A transferência de Case exige ainda em troca o «passe» do «internacional» irlandês Mark Lawrenson que assinara há tempos pelo Brighton.

5000 metros: Mamede perde liderança europeia

O norte-americano Renaldo Nehemiah e o inglês Sebastian Coe estabeleceram ontem dois recordos mundiais de atletismo no Estádio Letzigrund (Suíça) tornando-se as vedetas desta temporada. Nehemiah melhorou o seu próprio recorde nos 110 metros barreiras e foi o primeiro homem na história do atletismo a baixar dos treze segundos, conseguindo o tempo de 12,93 segundos. O anterior pertencia-lhe com 13,00 segundos desde 6 de Maio de 1979, em Los Angeles. Coe, correndo a sua primeira prova da milha desde o seu recorde mundial em Oslo em 1979 (3.49,0), fez o tempo de 3.48,53 minutos, contra os 3.48,8 minutos do seu compatriota Steve Ovett, em Oslo, o ano passado. Campeão Olímpico dos 1500 metros, Coe é agora recordista mundial dos 800 (1.41,72), dos 1000 (2.12,18) e da milha, possuindo o segundo melhor tempo de sempre nos 1500 (3.31,95).

O «meeting» de Zurique foi ainda dominado pela corrida dos 5000 metros, em que o irlandês Eamon Coghlan bateu o recorde do seu país com 13.19,13 minutos, melhor resultado da Europa este ano. Coghlan, que representará a selecção da Europa na Terceira Taça do Mundo, fez menos um décimo de segundo que o português Fernando Mamede (13.19,2).

O norte-americano Edwin Moses evidenciou o seu talento ao manter-se imbatível nos 400 metros barreiras, desde 1977, conseguindo o tempo de 47,64 segundos: o recorde mundial pertence-lhe com 47,13 segundos, desde o ano passado.

O seu compatriota Carl Lewis fez o 3.º melhor salto em comprimento de sempre com 8,52 metros, contra os seus 8,62 metros alcançados já este ano e o recorde de Bob Beamon, 8,90.

Coe na sua corrida da milha (1609 metros) tentou também o recorde mundial dos 1500 metros, à passagem por esta distância, mas não o conseguiu (3.33,00 face aos 3.31,36 de Ovett).

«Karts» em Matosinhos

O Estrela e Vigorosa Sport organiza a 19 e 20 de Setembro o primeiro «Rally Internacional Douro Sul» na Zona de Lamego. É o renascer do «Rally da Montanha» — afirmou o director da prova, Ferreira Alves, adiantando que, desde 1972, o Vigoroso foi obrigado a parar com os «rallies» por restrições impostas pelo Governo da altura.

Esta prova, orçada em cerca de 1,2 milhões de escudos, conta com o apoio da Câmara Municipal de Lamego, que subsidiará metade das despesas. Estarão presentes, para além dos melhores concorrentes nacionais (já confirmada a inscrição da «Diabolique»), a formação espanhola das Rias Baixas. A razão da ausência de mais equipas estrangeiras deve-se ao facto (segundo Ferreira Alves) de as mesmas não gostarem de correr em terra batida, já que habitualmente o fazem em asfalto.

«Não é um «Rally» para partir carros» — diz aquele director, sublinhando que o mesmo «é económico, fácil para treinar, com uma grande sequência de bons pisos».

Esta prova é pontuável para o «campeonato Nacional de Rallies» e terá a extensão de 451,200 quilómetros, divididos por duas etapas corridas no sábado, e uma extra, de «slalom», no parque de jogos do Liceu de Lamego (domingo).

Estava convencido que faria os dois recordes, mas depois dos 1000 metros del todo o que tinha e conseguiu recuperar o recorde da milha disse Coe.

O seu pai e treinador, Peter Coe, afirmou que Sebastian ainda continua a ter problemas com uma bolha num pé.

A final dos 100 metros também proporcionou um momento de «suspense» quando o norte-americano Mel Lattany cortou a meta em 10,09 segundos. Em contrapartida, a prova do salto com vara decepcionou os 25 mil espectadores. O francês Thierry Vigneron venceu com 5,71 metros, mas outros saltadores de nomeada desiludiram, como foi o caso do polaco Wladislaw Kozakiewicz, 9.º classificado com 5,45 metros.

Sena: triunfo

Cerca de duas dezenas de atletas portugueses concorreram em Pontevedra, no Estádio de La Juventud, ao 20.º Torneio Internacional La Peregrina com os seguintes resultados:

MASCULINOS — 100 metros: 1.º Fernando Pinto (FC Porto), 11,2; 2.º, Silvío Rafael (CDUP), 11,4; 3.º, Leôncio Barato (CGP), 11,5. **400 metros:** 1.º, Silvío Rafael, (CDUP), 53,3; 2.º, Fernando Gomes (CDUP), 55,5. **1500 metros:** Luis Pinhal (FC Porto), 3.50,2; 2.º, José Mendez (Marathon), 3.58,8; 3.º, Fernando Marinho (FC Porto), 3.59,00. **5000 metros:** 1.º, José Sena (FC Porto), 14.36,9; 2.º, Herminio Martins (FC Porto), 14.44,9; 3.º, Gomez Aparicio (Canguru), 14.46,6. **Comprimento:** 1.º, Artur Castro (FC Porto), 6,78; 2.º, Pedro Valente (Mortalez), 6,26.

FEMININOS — 100 metros: 1.ª Maria João Maia (Foz), 13 s; 2.ª Maria Espina (CGP), 13,2. **400 metros:** 1.ª, Clarinda Faria (FC Porto), 1.01,6; 2.ª Maria Viegas (CSG), 1.03,3. **1500 metros:** 1.ª, Rosa Mota (CAP), 4.31,9; 2.ª, Alice Silva (Foz), 4.32,5; 3.ª, Estrela Barreiro (RC Celta), 4.40,00.

Olimpismo em debate

O presidente do Comité Olímpico Português chefiará a representação oficial portuguesa ao Congresso Olímpico, que se efectuará em Baden-Baden (Alemanha Federal) de 20 de Setembro a 2 de Outubro.

Os dirigentes olímpicos portugueses vão apresentar um «dossier» preliminar da terceira Assembleia da Associação dos Comitês Nacionais, prevista para Lisboa (de 13 a 15 de Abril de 1983) como ficou estabelecido na Assembleia do ACNO, em Milão, no dia 1.

Tencionam ainda intervir em

Juniões no Europeu

Uma equipa portuguesa de juniores masculinos participa, a partir de hoje, nos Campeonatos da Europa da categoria, que se realizam em Utrecht, na Holanda. Programa (dia e hora) das provas sem que participem os portugueses:

Hoje: 17 e 40, 100 metros (Luis Fernandes) 18 e 10, 1500 metros (Regina Gonçalves) — eliminatórias; 18 horas, comprimento (Ana Oliveira); 17 e 50, 1500 metros (Rui Saldanha) — eliminatórias; 19 e 25, 2000 metros-obstáculos (Henrique Crisóstomo e António Rodrigues) — eliminatórias; 20 e 05, 100 metros-final. **Amanhã** — 11 horas, 100 metros-barreiras — meia-final; 17 e 05, 3000 metros (Cipriano Lucas e Mário Costa) — eliminatórias; 18 e 50, 100 metros-barreiras — final; 19 e 15, 3000 metros (Regina Gonçalves, caso seja eliminada nos 1500 metros) — eliminatórias; 19 e 45, 1500 metros (masculinos) — final.

Sábado — 10 horas, salto com vara (João Rodrigues) — qualificação; 10 e 30, 200 metros (Luis Fernandes) — eliminatórias; 14 e 45, 200 metros — meias-finais; 16 e 30, 2000 metros-obstáculos — final; 17 e 15, 1500 metros (femininos) — final. **Domingo** — 12 e 30, salto com vara — final; 14 e 45, 200 metros — final; 15 e 30, 3000 metros (masculinos) — final; 16 horas, 3000 metros; femininos) — final.

Rodgers portentoso

O norte-americano Bill Rodgers venceu folgadoamente a maratona de Estocolmo, na qual participou pela 1.ª vez. Rodgers, quatro vezes vencedor das maratonas de Boston e Nova Iorque, distanciou-se do seu compatriota Dick Beardsly, a meio de percurso, e concluiu os 42,1 quilómetros da corrida em duas horas, 13 minutos e 26 segundos. A marca de Rodgers melhorou em mais de dois minutos o recorde da prova, estabelecido em 1980 pelo texano Jeff Wells, com 2.15,49.

outros pontos da agenda e pensam manter contactos especiais com os comités do Brasil, de Moçambique e de Angola, e têm marcada uma reunião de trabalho com o presidente da ACNO (Mário Vasquez Rana) sobre a Assembleia de Lisboa.

Além de Lima Belo integram a delegação o vice-presidente Fernando Machado e o secretário geral David. O representante do Comité Internacional em Portugal (Pereira de Castro) desloca-se igualmente a Baden-Baden, por inerência do cargo.

Bibliografia desportiva teve prémios

No âmbito do apoio à promoção literária, a Direcção-Geral dos Desportos atribuiu particular importância ao desenvolvimento de estudos e pesquisa no domínio do desporto através de obras editadas por autores portugueses, pelo que se impunha a criação de critérios de apoio sobre temas desportivos no sentido de introduzir uma nova perspectiva.

No seguimento da definição desses critérios feitos por despacho do secretário de Estado dos Desportos de 22 de Abril, uma Comissão constituída pelo Director-Geral dos Desportos (prof. Lopes Marques), Director

do IND (prof. Boa de Jesus) e Chefe de Divisão de Documentação e Informação (eng. Victor Godinho) apreciou um largo conjunto de trabalhos de autores portugueses.

De entre os trabalhos analisados, mereceram destaque especial as obras «Ser Campeão» (da autoria do prof. Jorge Araújo) e «Carlos Lopes e a Escola Portuguesa de Meio Fundo», (da responsabilidade do prof. Moniz Pereira), tendo a referida Comissão proposto e o secretário de Estado dos Desportos deliberado, a atribuição de um prémio de 40 000\$00 a cada uma.

PRÉMIO ESPECIAL JN



«Prémio especial JN» amanhã na estrada

Vai amanhã para a estrada o «Prémio Especial JN», em ciclismo, destinado a corredores seniores A e B. Logo no primeiro dia, duas etapas figuram no cartaz: Vila Meã-Cabeceiras de Basto, na distância de 76 quilómetros (partida dos seniores B às 9 e 30 e largada dos AA meia hora depois) e Cabeceiras de Basto-Terras do Bouro, 61 quilómetros (abalada de BB pelas 16 e 30 e dos AA às 17). Como vem sendo habitual, o nosso colega «Jornal de Notícias» esmerou-se na realização de mais esta competição ofertada ao ciclismo português, rodeando-a de garantias de organização perfeitas e idóneas e cumulando de prémios os ciclistas mais bem classificados.

Como convidados de honra estarão na corrida o presidente federativo Mário Nunes Ferreira e o secretário-geral da Federação (Armindo Gomes), sendo director da organização Jorge Lara. O júri integra António Fernandes (presidente da Associação de Ciclismo do Porto), o dr. António Moreira Lopes e o jornalista Manuel Flório (respectivamente directores da corrida de seniores AA e BB), funcionando Joaquim Monteiro e Alfredo Lago como delegados da ACP. O nosso camarada Serafim Ferreira é o homem das relações com os Órgãos de Comunicação Social, ficando o departamento comercial entregue a José Fernando, os alojamentos e a tesouraria a Guilherme Brandão, os serviços de saúde aos prestigiosos médicos drs. José e Manuel Barreiro de Magalhães e ao enfermeiro Miguel Silva, com apoio dos Bombeiros Voluntários do Porto. Estafetas-motos: Alberto Oliveira e António Mendes. Serviços de secretaria: António José, Carlos Santos e José azevedo. Comissário de metas: Fernando Salazar. Os carros de apoio neutrais são da responsabilidade de Onofre Tavares, Armindo Gonçalves e Manuel Noqueira.

O «Diário da Lisboa» fará a cobertura da prova através da reportagem de Naves de Sousa, nosso camarada de Redacção.

Fischer regressa

O «mestre» de xadrez norte-americano Bobby Fischer, antigo campeão mundial, tenciona regressar à modalidade depois de um afastamento de alguns anos — revelou o jornal islandês «Morgunbladid».

Fischer (38 anos) requereu já a autorização da Federação Internacional de Xadrez (Fide) para reiniciar a sua carreira na modalidade, segundo a mesma fonte.

Johann Thorir, editor de uma revista especializada em xadrez declarou ao jornal estarem em curso contactos com o xadrezista norte-americano no sentido

de se efectuar uma série de partidas particulares entre Fischer e um famoso mestre islandês da modalidade.

Fischer também manifestou vontade de defrontar o xadrezista apátrida de origem soviética Viktor Korchnoi, exilado na Suíça, acrescentou Thorir.

Bobby Fischer foi campeão mundial em 1972 ao bater na final (disputada na Islândia) o soviético Boris Spassky, tendo recusado no ano seguinte defender o seu título, frente ao «mestre» soviético Anatoly Karpov, por discordar das regras da FIDE.

Rally Douro Sul vem aí

O Automóvel Club de Portugal organiza, em 3 e 4 de Outubro, a tradicional competição «Troféu dos Países Latinos», destinada a pilotos com Karts de 100 cm3, do Grupo 2 Intercontinental A.

Esta competição internacional é realizada no Kartódromo do Cabo do Mundo (Matosinhos), sob o patrocínio da Direcção-Geral de Turismo e da Câmara Municipal de Matosinhos e com a colaboração da Shell Portuguesa.

Foram enviados convites à Espanha, França, Itália, Marrocos e Roménia, para participa-

rem com equipas completas em competição com os pilotos portugueses. Sabe-se porém que os romenos não estarão presentes por terem nas mesmas datas uma prova do seu campeonato nacional.

É possível ainda que alguns pilotos dos países da América Latina possam participar nesta competição aproveitando o seu regresso da Itália, onde se realiza o Campeonato do Mundo.

A pista de Matosinhos, além da sua valia técnica, tem excelentes condições de visibilidade para o público.

Vestígio dos navegadores portugueses?

Figura de proa aparece na "Costa dos Esqueletos"

Uma figura de proa que poderá ser o mais antigo vestígio da passagem de navegadores portugueses pela Namíbia foi recentemente descoberta pelo sul-africano Rudi Loutit. A escultura de madeira, representando uma cabeça de homem, foi encontrada enterrada na areia da Costa dos Esqueletos, uma zona extremamente árida ao sul do Cabo Frio, não muito longe da fronteira de Angola.

Loutit, que é um dos naturalistas sul-africanos que trabalham na região, conserva a figura de proa em lugar de destaque na sua residência, onde o jornalista Nat Gibson, antigo correspondente da UPI em Lisboa, a fotografou. Sabendo que a costa dos esqueletos foi visitada pela primeira vez em 1484 por Diogo Cão, e mais tarde por outros navegadores portugueses, alguns dos quais ali naufragaram, Loutit pensa que a sua figura de proa, a avaliar pelo estado de corrosão, terá quinhentos anos e é contemporânea das descobertas.

A confirmar-se esta hipótese, a figura de proa agora encontrada seria a mais antiga de que há conhecimento nos anais da arqueologia naval portuguesa. No entanto, o comandante António Cardoso, subdirector do Museu de Marinha, afirma ser altamente improvável que a figura de proa tenha pertencido a qualquer caravela do século XV e XVI. «Esses barcos eram muito simples, leves e rápidos, não possuindo as ornamentações que caracterizavam os navios mais pesados dos séculos XVIII e XIX», sublinhou.

De facto, no livro de Quirino da Fonseca «A Caravela Portuguesa», todas as traças antigas ali reproduzidas mostram uma roda de proa simples, terminando em ponta de lança ou, quando muito, em forma de rabo de peixe. As poucas figuras de proa de navios portugueses que chegaram aos nossos dias são todas dos séculos XVIII e XIX, embora exista no Museu de Marinha uma imagem de São Rafael que pertenceu à nau de Paulo da Gama. Alguns historiadores admitiram que essa imagem



O precioso achado

teria sido uma figura de proa da nau queimada no Canal de Moçambique, mas outros inclinam-se mais para a tese de que teria pertencido a um oratório no interior do navio.

O uso das figuras de proa em barcos é conhecido desde a antiguidade. Virgílio referiu um navio chamado «Tigre», que foi ornamentado com uma figura desse animal e o apóstolo São Paulo embarcou na ilha de Malta, num navio que tinha à proa as figuras mitológicas de Castor e Polux. Também os Vikings exibiam na proa dos seus barcos figuras de dragões e serpentes, que se destinavam a assustar os adversários, transmitindo-lhes a ideia de ferocidade e perigo.

Em Portugal, em 1616, aparece no «Livro de Traças de Carpintaria», de Manuel Fernan-

des, um «leão de proa» em azulejos da mesma época foram encontrados navios exibindo uma figura de cavalo à proa. Essa tradição antiga acabou por ser cristianizada e as figuras de santos começaram a substituir as de animais mitológicos. Mais tarde, já nos finais do século XVIII, voltou a moda das figuras mitológicas, geralmente correspondendo ao nome do navio.

Sabe-se que em 1786 foi lançada à água no arsenal de Lisboa a nau «Medusa», que tinha como figura de proa essa entidade mitológica. Na mesma época existiam navios portugueses chamados «Minerva», «Trítão», «Polifemo», «Mercúrio», «Neptuno» e «Vénus», ornamentados com figuras da mesma origem.

A cabeça agora encontrada na Costa dos Esqueletos, pelas

suas linhas, faz lembrar vagamente as esculturas gregas clássicas, mas só um exame laboratorial rigoroso poderá determinar com alguma precisão a sua origem e idade. De resto, embora os portugueses tenham sido os primeiros navegadores a desbravar aquelas paragens, não foram os únicos que ali sofreram naufrágios.

Não é por acaso que a desolada costa que se estende para sul do Cunene, ao longo de centenas de quilómetros, é conhecida como a Costa dos Esqueletos. Naufrago que ali fosse arrojado pereceria de sede se antes não tivesse encontrado a morte nos baixios rochosos onde as calemas (grandes vagas) rebentam. O engenheiro hidrográfico Alexandre Castilho, no seu «Roteiro da Costa Ocidental da África», publicado em 1866, faz uma descrição impressionante dos perigos que esperitam os marinheiros naquelas paragens inóspitas. «Nada mais parecido com a Costa do Sara — escreve Castilho — que um solo árido, arenoso onde surgem moitas apoucadas e secas, de espaço a espaço, nas praias de areia, existem barreiras de conchas calcinadas, cimentadas com argila».

O regime de ventos é muito irregular e tão depressa sopram brisas frescas, com súbitas rajadas, como se regista completa calma. Na época da navegação à vela estas calmarias eram tão perigosas naquela costa como os temporais, pois é precisamente quando falta o vento que se formam as calemas, capazes de arrojarem para cima dos baixios as embarcações imobilizadas.

«Acertado será puxar para o mar apenas se veja que vai diminuindo o vento e começa a surgir a vaga corrida de Oeste» — recomendava o tenente Castilho aos marinheiros seus contemporâneos, depois de ter feito o levantamento de toda a costa.

Andrade Santos
Anop/«DL»

Meio milhar de actores e técnicos no FITEI/81

Sessenta grupos espanhóis e da América Latina, dos quais 27 foram seleccionados, inscreveram-se no Quarto Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica (FITEI/81), do Porto. Estes números traduzem a expansão que a iniciativa vem colhendo de ano para ano.

O FITEI/81 realizar-se-á no Porto de 7 a 22 de Novembro e é de meio milhar o número de actores e técnicos nacionais e estrangeiros que nele participam.

Os organizadores revelaram também que nas quatro salas de espectáculo em que se apresentarão os grupos participantes haverá cerca de 80 representações, estando previstas mais 15 noutras localidades do país.

Estas últimas — disse um membro da organização — «obedecem à política de descentralização que o FITEI tem promovido todos os anos, embora insuficientemente compreendida pelas câmaras municipais».

Entre outras actividades culturais paralelas, o FITEI dará este ano espectáculos de animação de rua nas principais praças e jardins do Porto, com a colaboração de colectividades culturais e recreativas da cidade.

Por outro lado, organizará, com o apoio da Associação Fotográfica do Porto, um salão fotográfico sobre teatro.

De acordo com uma proposta apresentada ao FITEI pelo secretário-geral do Instituto Internacional de Teatro (UNESCO), será debatida entre as personalidades e representantes dos grupos de teatro nacionais, a criação em Portugal de uma delegação daquele Instituto.

Aproveitando a presença de numerosos críticos portugueses e estrangeiros no FITEI, dramaturgos e outras individualidades ligadas ao tea-

tro vão procurar num encontro as bases do primeiro Congresso Nacional de Teatro e nomear a correspondente comissão promotora.

A presença no Porto do director-geral do Centro Latino-Americano de Criação e Investigação Teatral (CELCIT) será também aproveitada para ser assinado um protocolo entre este organismo venezuelano, com delegações em todos os países da América Latina, e o FITEI, para a nomeação deste como seu representante em Portugal.

Durante os quinze dias do festival vão funcionar dois cursos de iniciação teatral dirigidos por elementos do International Mime Theater de Colômbia e pelo dramaturgo argentino Hector Roskin.

Um outro curso, este de cenografia, está também incluído no programa e terá a colaboração da Escola Superior de Belas-Artes do Porto (ESBAP).

Será conhada uma medalha comemorativa do FITEI/81, de autoria do escultor José Rodrigues, professor de Medalhística na ESBAP.

Diariamente serão debatidos entre representantes dos grupos participantes, problemas sobre teatro.

Uma série de colóquios, conferências, mesas-redondas, exposições, recitais e sessões de cinema, está desde já anunciada, nas sedes de diversas associações culturais, nas instalações da delegação regional da secretaria de Estado da Cultura e nas próprias salas de espectáculos.

O FITEI organizará excursões e visitas de estudo aos principais pontos turísticos da cidade e dos arredores, assim como às principais empresas e organismos comerciais e económicos da região do Norte.

TOTOBOLA

AVISO

Concurso n.º 1 (23-8-81)

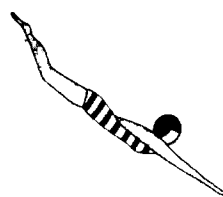
Por antecipação dos jogos do Campeonato Alemão, M'GLADBACH - KARLSRUHE, DUISBURGO-KAISERLAUT e LEVERKUSEN - DARMSTADT, que fazem parte dos bilhetes do concurso n.º 1, os resultados válidos, serão obtidos por sorteio nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos do Totobola.

As bolas a introduzir na esfera são marcadas com os símbolos 1, X, 2, em número proporcional dos prognósticos emitidos pelos órgãos de informação, da seguinte forma:

Jogos	1	X	2
Jogo n.º 10	10	1	1
Jogo n.º 11	6	5	1
Jogo n.º 12	10	1	1

Os sorteios que serão públicos realizam-se no domingo dia 23 pelas 16.45, na Sala de Escrutínio do Totobola.

Lisboa, 20 de Agosto de 1981



NÃO

dê saltos

em locais

que desconhece



ENTRE A VIDA E A MORTE
O SANGUE PODE DECIDIR

A 3ª BIENAL DE ARTES PLÁSTICAS DA FESTA DO "AVANTE" INCLUI CERCA DE 500 OBRAS DE MAIS DE 200 ARTISTAS. ACONTECIMENTO IMPORTANTE É TAMBÉM A HOMENAGEM A CIPRIANO DOURADO. NÓS JÁ TEMOS E.P.!



FESTA DO AVANTE
ALTO DA AJUDA, 4 e 6 SETEMBRO

FILMES CASTELLO LOPES 65 apresenta

MARLON BRANDO

no filme de

ELIA KAZAN

VIVA ZAPATA!

A libertação de um povo... uma gigantesca epopeia!



JEAN PETERS-ANTHONY QUINN

Prod. de DARRYL F. ZANUCK Do célebre romance de JOHN STEINBECK

GRUPO C-14 ANOS

AMANHÃ NO **quarteto**

crônica de touros

Breviário de calão

SOLILÓQUIO

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 13 de Agosto de 1981. Touros de Manuel Coimbra e de Porto Alto para José Cortes, Rui Salvador, forçados do Aposento do Barrete Verde de Alcochete, António de Portugal e António Ruiz «Espartaco».

Aborto — Pessoa ou coisa desleigante; feio; mal feito; sem ponta por onde se lhe peque. (Exemplo: «A tourada de quinta-feira, no Campo Pequeno, foi um verdadeiro aborto»).

Borrar a pintura — Estragar o que está feito; aquilo que fez o jovem Rui Salvador, ao ir buscar um terceiro cavalo para meter mais um ferro: a pintura, que já não estava por aí além, ficou borrada, porque o cavalo era pior que o anterior, e o ferro idem, cavaleiro sem cavalo é como pintor sem escadote.

Chical — Expressão de descontentamento, usada em determinadas circunstâncias, tais como ao entalar um dedo ou ao sair da tourada de quinta-feira.

Doutor — Penico; em gíria taurina, também se diz daquele toureiro que recebeu a alternativa, mesmo que na arena se verifique que não tem outra alternativa senão largar o título. A boa vontade às vezes leva as pessoas a enganarem-se a si próprias, e os amigos de António de Portugal não devem querer vê-lo enganado.

Embarilhado — Enganado, iludido; aquilo que sucedeu aos cidadãos que, na noite esplêndida de quinta-feira, encheram metade da praça do Campo Pequeno.

Fungagá — Música ordinária; aquela que o inteligente mandou tocar, a fim de verificar se seria ainda mais ordinária que a tourada.

Gadanhos (Deltar os) — Agarrar, prender; aquilo que os modestos forçados de Alcochete conseguiram fazer duas vezes, com dificuldades e pouco estilo, e à terceira não conseguiram, nem de caras, nem de cernelha, foram não sei quantos para a enfermaria, e a gente ali à espera, fazendo juras de não cair noutra.

Homem dos diabos — Audaz, atrevido, como Espartaco tem fama (e proveito) de ser, o que no Campo Pequeno, apesar das diligências, e salvo em meia dúzia de lances, não conseguiu mostrar — talvez porque se convenceu, ao ver a pangiada em que estava metido, que tinha voltado aos seus começos, nas charlotadas do «Chino Torero»; com a diferença de que nas charlotadas há a parte séria.

Injecção — Maçada; pastilha; frete; tempo perdido; última tourada do Campo Pequeno (ver também «aborto» e «xaropada»).

Laracha — Gracejo; ditos dos espectadores enquanto os bandarilheiros Dario e Boieiro não conseguiram meter os paus,

participando com a sua triste figura naqueles episódios trágico-cômicos que se repetiram em três touros, e que se eles estivessem de fora, a assistir, haviam de ter vontade de chorar.

Levar a cruz ao calvário — Cumprir um sacrifício (Exemplo: «de assinalar a coragem de alguns espectadores que se mantiveram na praça até ao fim, dispostos a levarem a cruz ao calvário»).

Manhoso — Ordinário, que não presta. «Dos touros, não é fácil dizer de qual ganaderia vieram os mais manhosos, se de Manuel Assunção Coimbra ou de Porto Alto, isto para chamar para aqueles animais sem raça nem estilo, àqueles bichos de refugo».

Não ter pés nem cabeça — Coisa incompreensível, desordenada; saldada; anunciarem-se os peões no cartaz, supostamente cada um em sua quadilha, e depois não suceder nada disso, quem saiu com um cavaleiro tornar a bregar para um matador, e outros que bandarilharam o touro deste repetirem a dose no respectivo alternante.

Passarinhar — Andar de um lado para o outro sem necessidade; aquilo que o José Cortes não fez. Sem ser uma primeira figura, toureando aliviado, mas ao menos põe a cabeça a funcionar, não anda pela arena a passarinhar, em seis minutos pôs outros tantos ferros, com vista e desembaraço, três compridos e

três curtos, se o touro não responde ao sesgo mete-se pelo outro lado, antes cravar entre tábuas do que ficar a pisar ovos, ou a moer castanhas, «lo malo, si es poco, bueno», e ainda por cima há outros mais «malos».

Rasca (estar à) — Estar em dificuldade (Exemplo: «Estou à rasca para encontrar, do que vi no Campo Pequeno, alguma coisa que tenha prestado»).

Salgalhada — Trapalhada; confusão; falta de ordem; toureio a duo, do género executado por Cortes e Salvador no quinto, o Cortes não quebra o comprado, o Salvador destribe-se, e tudo por aí fora, o touro a correr atrás dum cavalo, e o outro cavalo a correr atrás do touro, os três a correrem uns atrás dos outros, e ninguém a correr atrás do ganadero, nem do empresário, nem do director-geral destes espectáculos.

Tintas (estar-se nas) — Não ligar importância. Aquilo que fazem os matadores, não alterando em quites com o capote, sem que alguém lhes vá à mão.

Voltar à vaca fria — Voltar ao assunto; insistir em que, por este andar, às touradas não há quem as chupe (Ver «xaropada»).

Xaropada — O mesmo que «chumbada» (Ver «Zé»).

Zé — Forma abreviada de «Zé Povinho», também conhecido por «Zé Pagante», ou seja, aquele que, além de aguentar com as chumbadas, ainda as paga.



Dewey Redman, Jack DeJohnette, Pat Metheny, Charlie Haden e Mike Brecker

Jazz em Cascais

Pat Metheny (guitarra), Dewey Redman e Mike Brecker (saxofone), Charlie Haden (contrabaixo) e Jac De Johnette (bateria) constituem um supergrupo de jazz que se juntou pela primeira vez para uma gravação no catálogo alemão de Manfred Eicher (álbum duplo 80/81, com boas referências da crítica especializada). Vêm agora a Portugal para dar hoje, às 21.30, no Parque Palmela, em Cascais, um concerto único integrado no VII Festival de Música da Costa do Estoril.

A associação destes cinco músicos de excepção revelou-se como uma das mais importantes, no jazz, dos últimos dois anos, já

que a experiência multifacetada de cada um lhes possibilitou uma plataforma de «sintonia» musical muito alargada.

O presente concerto está inserido num propósito de dar a conhecer ao público português figuras importantes do jazz que gravam no catálogo ECM. Dentro desta direcção de critério, este será o terceiro concerto produzido pela Dargil/ECM, depois de dois de Egberto Gismonti e do recente concerto de Keith Jarrett no Coliseu dos Recreios.

Bilhetes à venda (300 escudos) na Junta de Turismo, Discoteca Hi-Fi (Cascais), Dargil (Lisboa), Valentim de Carvalho e agências ABEP e Arco-Iris.

Encontro de poetas em Almada

Cerca de uma dezena de poetas vão organizar em Almada, nas noites de 25 a 28, uma sessão da poesia de língua portuguesa e uma exposição bibliográfica da mesma.

Entre os organizadores neste «Encontro de Poetas», que convidam todos os que gostam ou

fazem poesia a reunir-se a eles, estão Armando Rodrigues, Pedro Tamen, Melo e Castro, Joaquim Pessoa, Romeu Correia, Maria Rosa Colaço, António Gedeão, Ary dos Santos, Urbano Tavares Rodrigues, Carlos Paredes e José Carlos Gonzalez.

Durante os quatro dias estará

patente ao público uma exposição de livros de poesia contemporânea em língua portuguesa que, nas noites do encontro, será «cantada e recitada», disse fonte da organização, a Oficina de Cultura da Câmara de Almada.

A celebração nocturna da poesia portuguesa marcada para

Almada encerrará com uma sessão de poesia visual que constituirá, simultaneamente, a primeira acção do Primeiro Festival Internacional de Arte Viva que ali decorrerá com a participação de 70 artistas da Áustria, Itália, França, Bélgica, Japão, Estados Unidos, Quebec (Canadá), Holanda e Portugal.

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS
SECRETARIA DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS
DIRECÇÃO-GERAL DAS CONSTRUÇÕES HOSPITALARES

DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL
DE CONSTRUÇÕES HOSPITALARES DO
CENTRO

CONCURSO PÚBLICO
N.º 37/81-DSRCHC

Concurso Público para Arrematação da Empreitada de Concepção, projecto e construção da Estação de tratamento de águas residuais (E.T.A.R.) do Hospital Distrital da Figueira da Foz

Faz-se público que se encontra aberto o concurso acima designado:

— Preço base Esc.: 3 600 000\$00
— Caução provisória Esc.: 90 000\$00

ALVARÁS EXIGIDOS:

— da Categoria e Subcategoria correspondente à especialidade dos trabalhos a realizar

Local, dia e hora limite para entrega das propostas

As propostas serão entregues na Direcção de Serviços Regional de Construções Hospitalares do Centro, sita na Avenida Fernão de Magalhães, 222-3.º, em Coimbra, até ao dia 24 de Setembro de 1981, pelas 17.00 horas

Local, dia e hora do acto publico do concurso

O acto público realiza-se na Direcção de Serviços Regional de Construções Hospitalares do Centro, sita na Avenida Fernão de Magalhães, 222-3.º, em Coimbra, no dia 25 de Setembro de 1981, pelas 15.00 horas.

Local e horário para exame do processo

O processo de concurso poderá ser examinado na Direcção de Serviços Regional de Construções Hospitalares do Centro, sita na Avenida Fernão de Magalhães, 222-3.º, em Coimbra e na Direcção de Serviços de Obras da Direcção-Geral das Construções Hospitalares, sita na Avenida António Augusto de Aguiar, 19-2.º, em Lisboa, de segunda a sexta-feira, durante as horas normais de expediente

LOCAL DE AQUISIÇÃO DO PROCESSO

O processo de concurso poderá ser adquirido, mediante o respectivo pagamento na firma PAPELARIA MARCIANO, sita na Av. Fernão de Magalhães, 165, telefone 23 760, em Coimbra, Coimbra, 4 de Agosto de 1981

O Eng.º Director de Serviços

Francisco Fernando Moutinho dos Santos

COMPREM AS FABRICAS
VEJA QUANTO GANHA

EMIGRANTES E PÚBLICO

	ANTES	AGORA
Quart. casal mod	29.000\$00	30.000\$00
Quart. criança mod	24.000\$00	17.500\$00
Quart. casal luxo	110.000\$00	89.000\$00
Quart. casal séc XVII	105.000\$00	81.000\$00
Quart. casal séc XVIII	80.000\$00	60.000\$00
Sala moderna completa	60.000\$00	45.000\$00
Jogo de mapas	35.000\$00	25.000\$00

A MAIOR VARIEDADE EM MÓVEIS

Org. **A. S. NUNES** FABRICANTES
DIRECTOS AO PÚBLICO

FABRICAS EM LISBOA E PORTO

SALÕES DE EXPOSIÇÃO EM

LISBOA • 4 - 1000 • R. Proj. a Cap. Meças Lib. 1.º e 2.º andares
LISBOA • Est. de Benfca, 1/4 (a 500 m. de Sete Rós)
ALMADA • Av. 25 de Abril, 45 Tel. 2769081
BAIXA DA BANHEIRA • R. Ville Plaisir, 23 B (antiga R. 5)



canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

A informação da droga, a droga da informação

Acabou a «Água Viva». Posso ir deitar-me e dormir. Sem isso, nada feito. É a minha «viagem». A minha droga. Aqui, uma droga fraca; droga fortíssima, no Brasil. De qualquer modo, uma habitação barata, à velocidade de cerca de mil escudos por ano. Barata relativamente, claro. Se me tivesse dado para a cocaína, era bem mais grave, tinha que desembolsar 14 contos por dia, imaginem só os cargos que eu devia acumular para obter a massa, as folhas a preencher de reuniões onde não estivesse, as representações, as administrações, enfim, as corrupções.

Dizem-me que D. Maria Elisa está cariocando, a providenciar mais uma droguinha. Talvez o «Bem Amado» (querias!) ou sabe-se lá se duas droguinhas, uma para as dez da noite e outra para as seis da tarde, possivelmente a fim de ser incluída no «Tempo dos mais novos», mas nesse caso terá de ser muito romântica, com amor e mistério, e traições e adultério, em resumo: temas bem infantis.

Desculpem lá. A ideia da droga veio decerto por indução daquela reportagem feita pelos franceses na Bolívia, país por cuja liberdade morreu «Che» Guevara.

Bolívia: quase 50 por cento de analfabetismo, esperança de vida: 46 anos, superfície mais de dez vezes a de Portugal, seis milhões de habitantes. As fontes de riqueza para meia dúzia de famílias, as fontes de miséria para a maior parte da população. Uma grande tradição de luta popular pela democracia.

A reportagem tinha uma finalidade específica: viajar ao mundo da cocaína, de que Lisboa é um grande entreposto. Outro documentário esclareceria melhor a situação: uma viagem à droga da dependência da Bolívia aos Estados Unidos. Merecia a prioridade, pois essa droga condi-

ciona todas as outras. Todas — e não apenas a cocaína.

A verdade é que esta reportagem nos soube bem, soube-nos a jornalismo. Bem doseadas as informações estatísticas e as implantações no terreno do concreto, do vivido, com sabor a aventura. O realismo das situações ombreava com as situações surrealistas. A certa altura, quase sem se saber onde começava a realidade e a sua representação.

Um país dominado pela mafia da droga, estão a ver? Onde a mafia da droga domina a tropa, o governo, os órgãos de Estado. Em suma, um país drogado. Quem o droga?

Não sabemos se os autores, se os tradutores da reportagem (por favor, Feyo, veja-me lá esse português, tome conta nessa droga) procuraram ilibar a responsabilidade dos Estados Unidos, ao mesmo tempo que localizavam naquele país as grandes centrais do circuito internacional. Como se costuma dizer não diz a bota com a perdigota.

Na televisão portuguesa, aliás, estamos submetidos cada vez mais à droga ianque. Se isto continua assim, estarão os telespectadores portugueses, em breve, tão cretinos como os pobres americanos.

Repáre-se, por exemplo, na presença obsessiva de Reagan no *Telejornal*, muitas vezes envolvido em problemas que dizem respeito exclusivamente aos americanos. Nestes, como noutros casos, a RTP funciona como a televisão de um país colonizado!

Antes de ontem, a maior parte das imagens do noticiário internacional tinham o selo americano. A locução denunciava-lhes a origem. Ou seja: os Estados Unidos controlam a droga na Bolívia e a informação no telejornal. Tudo, ou quase tudo, que vemos da Polónia e do Afeganis-

tão, com a sua terrível carga manipuladora das consciências e (o que é mais grave) das subconsciências, vem da mesma Central Internacional Audiovisual.

Repárem no esquema informativo do derrube de dois caçadores: notícia do facto, posição dos Estados Unidos exposta pelo secretário de Estado; depoimento líbio, contra-ataque da informação americana...

Ou seja: procura-se evitar sempre que o espectador permaneça contra os Estados Unidos. Dando a estes sempre a última palavra, é-lhes sempre favorável o efeito produzido sobre o espectador.

A última noção é esta: os líbios atacaram, os Estados Unidos agiram em legítima defesa. Pois claro, está certo. Que é que os líbios esperavam. Se calhar queriam só dar, olhem que está! Os Estados Unidos têm muita e muita razão de queixa. Coitadinho de quem é pequeno, todos o pisam.

Soube agora mesmo que o director do «Diário de Lisboa», dr. Ruella Ramos, recebeu a seguinte carta:

«SENHOR DIRECTOR — Venho apresentar queixa a V. Exa. do comportamento de um funcionário desse jornal, o crítico (crítico, deixem-me rir!) Mário Castrim.

Ontem, quando passou por mim no Rossio, fez referências à minha mãezinha e, não contente com isso, agrediu-me a soto, a pontapé, à dentada e à cabeçada. Resultado: partiu-me um dente, deitou-me um olho abaixo, deslocou-me o maxilar, arrancou-me as pestanas. Uma fera. Este indivíduo, Senhor Director, não pode andar cá fora sem açaimo. É um perigo para as pessoas simples e indefesas como eu.

Saudações cordiais do

Cassius Clay (Muhammed, Ali e Aqui)

A queixa do Muhammed aqui fica, para vergonha e escarmento (contra mim falo) de quem não respeita os mais fracos. Lá que lhe dei uma coça, isso dei. E para a outra vez ainda leva mais. Queixinhas...

FESTIVAL DE VERÃO DE LISBOA DE

1981

ORQUESTRA SINFÔNICA DA R.D.P.

(RUÍNAS DO CARMO)

21 de Agosto de 1981 às 21.00

RADIODIFUSÃO PORTUGUESA
EM COLABORAÇÃO COM A
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

PROGRAMA

I

Commento ad un quadro bíblico
(1.ª Audição) **Alfredo Cele**

Concerto para violoncelo e orquestra
F. Malipiero

Allegro
Lento
Allegretto

II

Sinfonia n.º 7 em lá maior, OP. 92

Beethoven*Poco sostenuto — vivace**Allegretto**Presto — assai meno presto**Allegro con brio*MAESTRO: **Filipo Zigante**SOLISTA: **Aldo Belluomini (violoncelo)**

GRUPO DE CAMPOLIDE/ACADEMIA ALMADENSE —

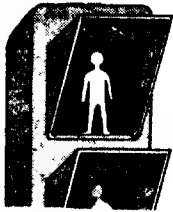
T. 2752175

FÉRIAS DA COMPANHIA

A SEGUIR
-A RECTA-GUARDA

de Romeu Correia

SUB SEC/CMA



NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores
têm de respeitar
a sinalização luminosa



O PÚBLICO APLAUDE DE PÉ O NOVO NÚMERO

«O VIRA DO CHICO PINTO PRIMEIRO!!!»

ADOCUE
TELEF. 87 44 78

PAGA AS FAVAS!

De 3.ª a 5.ª às 21.30
6.ª e sáb. às 20.30 e 22.45
Domingos às 16 e 21.30

UM GRANDE ELENCO NUMA GRANDE REVISTA!



Hoje



Os três «Anjos de Charlie» destemidas detectives

18.50 Abertura
18.52 Sumário
18.57 Tempo dos Mais Novos
19.30 País, País
19.50 Res-Pública — Costa da Caparica.
20.25 O Tempo
20.30 Telejornal
21.05 Vamos Jogar no Totobola
21.15 «Os Anjos de Charlie» — 11.º episódio: «Hellride».
22.05 «Água Viva» — episódio n.º 126.
22.45 Últimas Notícias
22.50 Encerramento da Emissão



Uma cena do filme «O Espectáculo Tem de Continuar»



20.27 Abertura
20.30 Informação/2
21.00 Noite de Cinema — O Espectáculo tem de continuar
23.00 Encerramento da Emissão

Amanhã



18.50: Abertura; 18.52: Sumário;
18.57: Tempo dos Mais Novos; 19.30:
País, País; 19.50: Pergunte Connosco;
20.25: O Tempo; 20.30: Telejornal;
21.05: Tempo de Antena — do PCP;
21.10: «Hollywood» — 12.º episódio;
22.10: «Água Viva»; 22.55: Últimas Notícias;
23.00: Encerramento da Emissão.

20.27: Abertura; 20.30: Informação/2;
21.00: Sinais do Tempo; 21.30: Solid Gold;
22.30: Lugares da Europa; 23.00:
Encerramento da Emissão.

Indo de encontro à sugestão de muitos leitores, iniciamos hoje a publicação do resumo diário da telenovela *Água Viva*, em colaboração com os televisores Grundig distribuídos no Centro e Sul do País pela Nacional Rádio.

Aos sábados, e no mesmo espaço, sintetizaremos o filme que o Canal 1 exibirá à noite e o episódio da série *Dallas* a transmitir no dia seguinte.

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!



«Os Anjos de Charlie»

(21.15)

Noite de Cinema

(21.00)



Além de um programa a escolha oferece-lhe

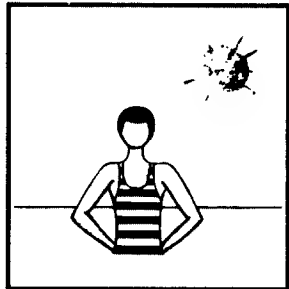


Resumo do episódio de hoje

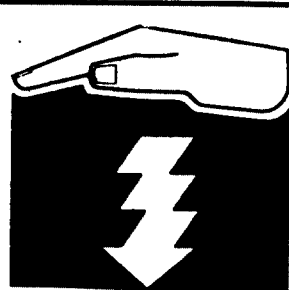
Nelson recusa o convite de Miguel para ir a uma recepção que ele quer oferecer a Jojó na sua casa. Janete comenta com Miguel que Irene está a namorar o seu motorista. Na clínica, Marcos retira as ligaduras do menino Mauro, que está totalmente recuperado da operação. Nelson leva Jojó, Suely, Irene, Alfredo, Maria Helena e Lourdes, para passear de veleiro na baía. Jojó sugere a Alfredo que construa uma casa para ela na Barra, e Lourdes faz com que ele aceite a sugestão sem estar certo de ter condições para isso. Aborrecido por ela estar sempre distraída no trabalho, Bruno despede Suely da função de secretária do seu estúdio. Miguel diz a Márcia que Marcos passou no concurso para membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, e agora é seu assistente. Num reunião na casa de Miguel, ele pede a Jojó que comece um jogo contando aos presentes alguma coisa de que tenha vergonha e nunca tenha comentado a ninguém.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG

NACIONAL RÁDIO — Rua B. Jesus Caraca, 17 Carcavelos — Tel. 2112871



SE
não sabe nadar
entre na água
apenas até à cintura



POUPE
ELECTRICIDADE

NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS

Encontro luso-espanhol de escritores na APE

Na sede da Associação Portuguesa de Escritores, à Rua do Loreto, realiza-se amanhã, às 17 horas, um encontro de escritores portugueses e espanhóis, seguido de um recital de poesia espanhola, acompanhado por intervenções de artistas andaluzes (música e dança). Entrada livre.

A visita dos escritores do país vizinho é uma iniciativa do Sindicato Nacional de Escritores Espanhóis e trará até nós cerca de 60 pessoas de diversas regiões de Espanha, entre as quais os escritores Emilio Zamanillo Perez (presidente adjunto do Sindicato), Domingo Alvarez Aristu, Jesus Angel Arcos Sanchez, Ramona Cherino Santamarina, José Lara Perez, António Sanchez Lopez, Rafael Heredia Gonzalez, António Holgado Sabio e José Hero Mancilla.

Teatro

Uma excelente «Sopa de Pedra», confeccionada com todos os temperos e servida com esmero por Fernando Tordo e Henrique Viana, pode ser saboreada pelo público no Teatro Aberto até ao próximo

dia 30, todas as noites, de terça a sábado, às 21.30, e aos domingos às 18 horas. Trata-se de um espectáculo musical que o leitor não deve perder.

O Teatro Laboratório de Faro está a apresentar em diversas localidades do Algarve o seu espectáculo com a peça «Angélica às portas do céu» que tem merecido as melhores referências do público e da crítica. Hoje e amanhã, às 21.45, a peça será apresentada no Teatro Lethes, em Faro, em colaboração com a Feira do Livro e o Sporting Clube Farense.

Cinema

«Marienbad», de Alain Resnais, passa hoje no City-Cine, às 23.45. A memória e o tempo num filme onírico, com Delphine Seyrig, Giorgio Albertazzi e Sacha Pitoeff. O argumento é de Alain Robbe-Grillet.

Começa hoje, na Praia da Rocha, a décima edição do Festival de Cinema não Profissional do Algarve. Ao certame concorrerão 64 películas, das quais 38 portuguesas. Vinte e oito filmes foram pré-seleccionados para a fase final.

Exposições

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes estão patentes

rótulo cultural



Henrique Viana e Fernando Tordo servem uma ótima «Sopa de Pedra» no Teatro Aberto

ao público duas importantes exposições: a Exposição de Verão, com a colaboração das Galerias Ana Isabel, Diário de Notícias, Leo, Módulo, Qua-

drum e S. Francisco, e a «Homenagem a José Escada», de Eurico.

Nas instalações da cooperativa «Árvore», no

Porto, está patente até ao fim do mês uma exposição colectiva que inclui 163 obras de cerca de 100 artistas plásticos, sócios produtores da cooperativa. A mostra pode ser visitada de segunda a sábado, das 16 às 23 horas, e aos domingos das 16 às 20.

«A Vida Quotidiana dos Portugueses em França» é o tema de uma exposição de fotografias de Octávio Powel que é hoje inaugurada, às 17 horas, no Palácio Foz.

No Museu do Mosteiro de Santa Maria da Vitória (Batalha), pode ser visitada, até ao fim do Verão, toda a documentação fotográfica sobre o Mosteiro da Batalha executada por Mário Novais.

Música

No sábado, pelas 21.30, realiza-se no Parque Palmela, em Cascais, um concerto com o trio do saxofonista português Rão Kyao, acompanhado do organista inglês Mike Carr, que se desloca a Portugal a convite expresso da editora responsável pelo LP de Rão Kyao gravado ao vivo no 11.º Festival Internacional de Jazz de Cascais/81, a fim de participar no lançamento da sua segunda edição. A iniciativa conta com a colaboração da Junta de Turismo da Costa do Estoril e da Câmara Municipal de Cascais.

CLARAS TURISMO

FÉRIAS VERÃO 81

VIAGENS DE AVIÃO

PALMA MAIORCA	desde 18 920\$00 por pessoa	- 1 semana
CANÁRIAS	desde 16 900\$00 por pessoa	- 1 semana
IBIZA	desde 19 100\$00 por pessoa	- 1 semana
BENIDORM	desde 18 620\$00 por pessoa	- 1 semana Pens. Completa
JUGOSLAVIA	desde 29 800\$00 por pessoa	- 1 semana Pens. Completa
ROMÉNIA	desde 25 900\$00 por pessoa	- 1 semana Pens. Completa
MADÉIRA E		
PORTO SANTO	desde 24 560\$00 por pessoa	- 2 semanas

INFORMAÇÕES E RESERVAS

R. N. — VIAGENS E TURISMO

Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1098 Lisboa Codex
Telef. 56 00 15 — 56 34 51/2

E NÃO SE ESQUEÇA...

CONNOSCO QUALQUER TEMPO É TEMPO DE TURISMO
PEÇA O NOSSO PROGRAMA «FÉRIAS 81»

STAR

UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

ANTENA 1

16.00: Sem Margem - Cinema; 17.00: Ciclo Musical; 18.00: Formas de energia; 18.45: RDP/Região; 19.00: Títulos do jornal; 20.00: Enquanto os outros vêm TV - Jazz; 21.00: Folhetim «Serões na Província» de Júlio Dinis; «Livres e Directos»; 22.00: Noticiário intercalar; 23.00: Títulos do jornal; 02.00: Madrugada na RDP/Centro; 05.30: Programa rural. Grandes blocos informativos: 13.00, 19.30 e 23.30

Programa 2

16.00: Que quer ouvir?; 17.00: Mata-borrão; 18.00: Dossiers sonoros; 18.30: Música de órgão; 19.00: O canto e os seus intérpretes; 20.05: Bailado; 20.35: Dois concertos de Vivaldi; 21.00: Música do século XX; 22.00: Concerto para violino e orquestra n.º 2, em si menor, op. 37, «La Campanella», de Paganini; 22.30: Festival de Música da Costa do Estoril; 23.00: Música de câmara; 23.30: Intérpretes portugueses; 00.00: Novos discos; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

15.45: Teatro trágico; 16.15: Os meus segredos de cozinha; 17.03: Todos no top; 18.08: Hora de ponta; 18.10: Espaço 3 P; 20.03: Quando o telefone toca; 22.03: Portugal e a CEE; 22.20: Mensagens bíblicas; 22.35: Diálogo; 22.40: Tempo de desporto; 23.08: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97.4 MHz)

15.05: Espaço 3 P; 16.03: Rock em stock; 18.03: Circulo em FM; 19.03: Em órbita; 20.03: Rolis rock; 21.03: Aband jazz; 22.03: Café concerto; 00.03: O vapor da meia-noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00: Aqui e agora; 17.00: Jornal da mulher; 18.15: Igreja em notícia; 18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Basílica dos Mártires; 19.00: Programa da LAR; 19.30: Revista de Imprensa; 20.00: Paju; 21.00: O som da noite; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Meta final; 23.10: Programa cultural; 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando; 24.00: Meta final.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 13 205

HORIZONTAIS:

- Carta ou dado de jogar com três pintas. Manos.
- Numeral cardinal. Aqui.
- Contam. Possui.
- Tome nota de. Alem.
- Acarinho.
- Acolá. Escamece.
- Igual. Freguesia do concelho de Penafiel. Conjunção.
- Cobra venenosa de Angola. Perfume.
- Erbio (s.q.). Amargo. Bromo (s.q.).
- Ouro (s.q.). Rio de Espanha.
- Castelos.

VERTICAIS:

- Rio da Lapónia. Arre!
- Ligue. Espécie de andorinha.
- Cálculo aproximado. Sapo do Amazonas. Cidade da antiga Caldeia.
- Substância gordurosa de composição análoga à do éter e do álcool. Basta.
- Oscilaram.
- Cólera. Magnete natural. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
- Movem os remos. Rio de França e da Alemanha.
- Manuscrito. Coragem. Destruído.
- Porco. Intimo. Gálio (s.q.).
- Olho simples dos insectos. As duas juntas.
- Caruma. Planta vivaz e medicinal.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 065

HORIZONTAIS:

- Atacariam.
- Tempo do verbo ir. Lugar despovoado.
- Enguia. Herdade delimitada por muros. Suspiros.
- Apelido. Manjar. Gálio (sq.).
- Molusco comestível criado em viveiro. Instrumentos para atirar setas.
- Nota musical. Preposição e artigo.
- Antepassado. Estime. Viscera dupla.
- Freguesia do concelho de Melgaço. Vila e concelho do distrito de Viseu.
- Pronome pessoal. Lance final.
- Pátria. Para barlavento. Oferecer.
- Guarnecera de asas. Freguesia do concelho de Guimarães.

VERTICAIS:

- Conselho. Apresenta como desculpa ou atenuante.
- Curas. Covas.
- Fecho as asas para descer mais depressa. Substituir.
- Carta de jogar. O vencimento diário de um soldado. Ósmio (sq.).
- Época. Campeão. Autores.
- Fita. Centímetro. Plural.
- Freguesia do concelho de Alenquer. Pertences. Preposição e artigo (inv.).
- Culpada. Reza. Amónio (sq.).
- Cólera. Talhado.
- Amásio. Pequenos barcos de recreio.
- Mamíferos americanos, da família dos bóvidos, afim da corça. Triturara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 204

HORIZONTAIS:

- NÃO Osa. Há.
- Fremente
- Boca. Moer.
- Ora. Taal.
- Arrombarias
- Suor Vu
- Tré Amaçara
- Br. Socar.
- Ramais DI
- Rá. Ra. Atroa
- Assistia Rs

VERTICAIS:

- BOA. TERRA.
- Aforrar. Aas
- Orçar.
- Ea. Os. Bari.
- Om. Amuaras.
- SEM. BOM.
- Anotaras Ai.
- Tear. Corta.
- Erai. Ac
- LAVRADOR.
- Aro. Suarias

PROVÉRBO. Não há boa terra sem bom lavrador.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 064

HORIZONTAIS:

- Despertamos.
- Al. Airo.
- Maca. Sairia.
- Ora. São.
- Fez. Pé.
- Arrancariam.
- Aal. Mário.
- Dito. Rosa
- Ovo. Pi. Cs.
- Mana. Ocasos
- Araras. Será

VERTICAIS:

- Demora. Doma.
- Ar. Raivar.
- Saca. Ratona.
- Pla. Falo. Ar.
- Ien
- Res. Zc. Rios
- Tias. Amos
- Aria. Rasco
- Moro. Irasse
- Pai. Or
- Suaremos. Sa

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

AFRICA DO SUL (rand)	52830	57830
ALEMANHA FED. (marco)	26825	27835
AUSTRIA (xelim)	3885	3885
BELGICA (franco)	13463	13663
BRASIL (cruzeiro)	3411	3661
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	53880	55880
(notas de 5 a 1000)	54830	56830
DINAMARCA (coroa)	8835	8875
ESPAÑA (peseta)	8823	8723
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	65850	67850
(notas de 5 a 1000)	66800	68800
FINLÂNDIA (marka)	14825	14885
FRANÇA (franco)	10885	11855
HOLANDA (florim)	23860	24860
INGLATERRA (libra)	120860	124860
IRLANDA (libra)	98820	100820
ITALIA (lira)	8048	8058
JAPÃO (iene)	3258	3293
NORUEGA (coroa)	10865	11815
SUECIA (coroa)	12840	13800
SUIÇA (franco)	30815	31825
VENEZUELA (bolivar)	12880	13880

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

cartaz de cinemas e teatros



Amante ou marido... Enredada numa teia de paixão! Lee Remick e George Peppard em «ENTRE DOIS AMORES», filme de Delbert Mann em exibição no cinema STAR

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 17.15, 21.30 e 24

- 13 a.

WEST SIDE STORY

c/ Natalie Wood

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45

- N. ac. men. 18 a.

LENNY

c/ Dustin Hoffman

Realização de Bob Foss

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

LUCKY LUKE A BALADA DOS DALTON

c/ Elliot Gould, Genevieve Bujold e Ricky Schroder

Technicolor

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30

- Int. men. 18 a.

E TUDO O FUMO LEVOU

c/ Cheech Marin e Tommy Chong

Um filme de Lou Adler

3.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

Aqui o ténis... chegou o revólver mais rápido da fronteira, no mais «emotivo» e terrífico dos duelos do Oeste

AS MINHAS PISTOLAS

c/ Cantinflas

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

GENTE VULGAR

Com Donald Sutherland, Mary Tyler

Não acons. men. 13 anos

21.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos

Walt Disney Productions apresenta

O VERÃO MÁGICO DO PATO DONALD

Falado em português

4.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30

Não acons. m. 18 anos

E UM PRAZER VOLTAR A VÊ-LA

c/ Ugo Tognazzi e Françoise Fabian

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 21.30h. N. acons. men. 18 anos

PRIMEIRA NOITE

A Mulher, o Amor e o Ódio

Não acons. men. 18 anos

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30

A FEBRE LOUCA DO SEXO

Int. m. 18 anos

Pornográfico - Hardcore

Às 24h. Não acons. men. 13 anos

FELIZADOS OS RICOS

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.

VESTIDA PARA MATAR

c/ Michael Caine, Angie Dickinson e Nancy Allen

Às 24 h. N. ac. m. 13 anos

O IMPÉRIO DO GREGO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30h.

Não acons. men. 13 anos

TARZAN NAS MINAS DO REI SALOMÃO

Um filme de M. Boves

com David Carpenter e Sergio Alberti

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34

Às 21.30

CORTINA RASGADA

Não acons. men. 13 anos

2.ª Semana

Às 23.45

Não acons. men. 13 anos

O ÚLTIMO ANO EM MARIENBAD

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

Int. men. 18 anos

AVENTURA NAS CARAÍBAS

Realização Philippe Mannier

(Colorido)

4.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

Interdito a m. 13 anos

Um filme de G. Castellari Colorido

Bo Svensson, Debra Berger, Fred Williamson

SEIS GLORIOSOS PATIFES

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30

Int. men. 18 anos

Provem-me sou uma delícia!

UM FILME DOCE (Sweet movie)

C/ Carole Laure, Pierre Clementi e Sami Frei

Um filme de Dusan Makavejev

Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.

Int. men. 13 anos

A comédia das suas férias

VIEMOS PARA GOZAR

Com: Marco Perrin e Sylvain Green

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 21.30 h

Int. men. 13 anos

O VOO DAS ÁGUÍAS

Quando a emoção se chama cinema

Michael Caine e Donald D. Sutherland

Às 15.15 e 18.30h. últimas

A BATALHA ALEM DAS ESTRELAS

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

DAS 9 ÀS 5

c/ Jane Fonda, Lily Tomlin e Dolly Parton

6.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30, 21.30

Int. m. 13 anos

A História do Homem que tentou o impossível

OS CÃES DO ÓDIO

Um filme de Mel Stuart

Com George Kennedy e Tina Louise

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15 e 21.00 - N. ac. men. 13 a.

BEN-HUR

c/ Charlton Heston, Stephen Boyd e Haya Harareet

70m

N. B. Não se realiza a habitual sessão das 18.15

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A

Às 15.30, 18.30 e 21.30

OS FALCÕES DA NOITE

Um filme de Bruce Malmuth

Technicolor

Int. a men. 13 anos

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30

- Int. men. 13 a.

A PRIMEIRA FESTA

c/ Claude Brasseur, Brigitte Fossey

Às 24

Polícia ou Ladrão

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

Às 15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.

Um poema de amor e violência

QUO VADIS

c/ Robert Taylor e Deborah Kerr

O filme é exibido no início da sessão

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14-16.30-19-21.30

- N. ac. men. 18 a

A CHAMA DA IBERDADE

c/ Manoj Kumar e Hema Malini

Colorido

2.ª Semana

POLITEAMA 326305

R. Portas de St. Antão

Às 21.30 h.

Não acons. men. 13 anos

Eles aí estão, em...

CARAMBOLA

c/ Michael Coby e Paul Smith

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 15, 17, 19, 21.15 e 23.30

- N. ac. men. 18 a.

HARLEM

Realização de Shirley Clarke

Música de Dizzy Gillespie

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

- N. ac. men. 13 a.

NÃO TOQUES NA MULHER BRANCA

Realização: Marco Ferreri

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

- M. 18 a.

PROVIDENCE

Realização de Alain Resnais

Filme de qualidade

SALA 4

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30

- M. 18 a.

TAXI DRIVER

Realização de Martin Scorsese

Filme de qualidade

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém

Às 15.30 e 21.30 - N. ac. men. 18 a

Um filme de constante acção

O IMPLACÁVEL

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- Para Todos (M. 6 a.)

É só saúde... e gargalhadas na melhor comédia de Les Charlots

OS MALUCOS NO SUPERMERCADO

2.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Estreia às 21.30

Não acons. men. 13 anos

AEROPORTO 80

Col. com Alain Delon e Susan Blakeley

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões, 14, 16.30, 19, 21.30

não acons. men. 13 anos

A FILHA DO MINEIRO

16.ª Semana

7.ª ARTE CINEMA 730715

Av. da República - (junto ao Apeadeiro da CP de Entrecampos)

Às 14.45-17-19-21-23-30-24

- N. ac. men. 13 a.

007 Vive e Deixa Morrer

com Sean Connery

Domingo às 11.15

PORTE
PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos
e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

Dia 20
7.06 3,9 m 12.44 1,0 m
19.25 4,0 m

Dia 21
7.52 3,7 m 1.14 1,0 m
20.16 3,8 m 13.36 1,2 m

TEMPERATURAS DO AR
ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	18°
BRAGANÇA	18°
VILA REAL	16°
PORTO	18°
P. DOURADAS	12°
COIMBRA	17°
C. CARVOEIRO	18°
PORTALEGRE	15°
LISBOA	19°
ÉVORA	17°
SINES	-
BEJA	18°
SAGRES	20°
FARO	22°
P. DELGADA	20°
FUNCHAL	22°



Reduzido o abandono da criança hospitalizada

A lei portuguesa confere às crianças, desde ontem, o direito de serem acompanhadas durante o período de hospitalização pelos pais ou familiares que os substituam.

«Uma lei que se insere no processo de humanização dos hospitais», como a considerou Rosado Pinto, do conselho de gerência do Hospital da Estefânia, aquando da sua aprovação em Junho.

«Uma lei que se impunha há muito tempo», segundo o médico Ramos de Almeida, director do serviço de pediatria da Maternidade Alfredo da Costa, solicitado a depor sobre a decisão então tomada pela Assembleia da República.

Da iniciativa do PCP, o novo instrumento legal agora publicado no «Diário da República» foi votado por unanimidade no final da última sessão legislativa, por ocasião do Dia Internacional da Criança.

Sentida há muito como uma necessidade por pediatras e psicoterapeutas infantis, a nova regulamentação vem

permitir reduzir muito a situação de dor e abandono que afecta a criança quando separada do seu ambiente familiar.

Antigamente, pensava-se que a criança hospitalizada devia ficar entregue aos cuidados exclusivos dos técnicos de saúde. Hoje, porém, os especialistas da infância consideram que a presença dos pais, em particular a mãe, contribui para a rapidez e para o êxito do tratamento.

É certo que, actualmente, por carência de instalações, deficiências de serviços e falta de sensibilização do público, nem sempre os pais dão à criança hospitalizada a assistência necessária.

As enfermeiras referem frequentemente que «há sempre quem esteja mais interessado em saber da vida do vizinho do que em cuidar do próprio filho».

Há também quem, infringindo as regras, procure encher a criança com comida imprópria para o seu estado ou proceda de modo a prejudicar a criança doente.

No entender dos especialistas, esses danos são, contudo, menores, em relação aos benefícios que decorrem para a criança da acção tranquilizadora da mãe.

«A criança hospitalizada tem de sentir que está ali para ficar boa e a presença da mãe concorre muito para isso», comentava há pouco tempo Rosado Pinto.

Foi, aliás, a consciência desta necessidade que levou muitos hospitais a permitirem que a presença dos pais se prolongasse para lá das horas normais de visita.

No Hospital D. Estefânia, em Lisboa, as mães podem acompanhar os filhos das 13 às 20 horas. Nos hospitais de Coimbra, Aveiro, Montemor-o-Novo, no serviço de pediatria de Santa Maria, na Alfredo da Costa, as crianças podem estar acompanhadas já há algum tempo.

O diploma agora publicado prevê ainda que, em caso de perigo de vida, a criança possa ser acompanhada durante a noite, o que implica

que nos hospitais se criem condições de acomodação para o acompanhante.

Esta medida é a que levanta mais resistência por parte do corpo de enfermagem, pela complicação que, supõe-se, poderá trazer aos serviços, eles mesmos superlotados e com dificuldades de pessoal.

Em contrário desta reacção, afirma-se que a presença da mãe junto da criança aliviará muito o pessoal de enfermagem, com pouco vagar para entreter as crianças, vigiá-las e atendê-las a todo o momento.

A legislação que entra em vigor a partir de 19 de Setembro, representa um passo importante no capítulo do reconhecimento dos direitos da criança.

No seu articulado estipula-se que os hospitais «devem considerar com carácter prioritário a modificação das instalações e a organização dos seus serviços» de modo a adaptarem-se à presença dos pais das crianças internadas.

Haverá ainda que preparar o pessoal, médicos e para-médicos, para a nova situação, por forma a que dela retirem os benefícios desejáveis.

«A minha experiência, na Alfredo da Costa, é de que as mães, mesmo sem grande nível cultural, se adaptam bem às necessidades da enfermagem», comentou Ramos de Almeida quando o diploma foi votado em Junho.

O essencial, dizem os especialistas, é que se reconheceu à criança o direito de ser acompanhada num período difícil da sua vida e aos pais o direito de estarem junto dos filhos para o ajudar quando a sua saúde está em causa.

Haverá que recordar as crianças que vivem com tal angústia a separação da família que isso as impede de aceitar e colaborar no tratamento. Esse sofrimento, a partir de agora, e de pleno direito, pode ser evitado.

Maria António Palla
ANOP/«DL»

últimas

O LÍDER sindical polaco Lech Walesa, encontrou-se hoje à porta fechada com representantes dos tipógrafos e acabou com uma greve prevista para dois dias que só devia terminar às zero horas de amanhã.

SURPRESA e espanto teve-a Manuel Gonçalves, de 79 anos, 2.º sargento reformado da Guarda Fiscal, morador nas escadas dos vaneiros, 334, no Porto. Uma carta enviada a sua esposa pela Caixa Geral de Depósitos convidava-a a comparecer na sede ou agência daquela instituição, a fim de receber a reforma a que tinha direito pela «morte» do marido - que está vivo e bem vivo. Erro do computador? Manuel Gonçalves interroga-se agora: como vai vencer a complicada máquina burocrática e provar que está vivo e subsiste, mau agrado a sua reforma de miséria?

DE NAVALHA EM PUNHO dominaram o proprietário de uma oficina de bicicletas para lhe roubar 82 contos localizados numa gaveta. Foi ontem pela manhã, na rua Ramalho Ortigão, 9-A, Amadora, quando o modesto industrial, José Maria Cruz, de 55 anos acabava de abrir o estabelecimento foi abordado por dois desconhecidos que entraram a pretexto de comprarem acessórios. Mesmo perante a faca de mato tentou defender o seu património, mas foi vencido na luta que então se travou.

ENTRARAM PELA JANELA DEPOIS de acrobático escalamento os indivíduos que ontem entraram numa residência do Estoril, mais precisamente na Rua do Porto n.º 5, de onde furtaram diversas importâncias em moedas estrangeira e jóias de uso maior ou menos corrente, tudo no valor de 430 contos, segundo cálculo do ofendido Vítor Charles Borel.

PÉ-DE-CABRA em acção permitiu a entrada numa residência da Rua Jacinto Nunes, 13, na Parede, ontem durante a ausência dos locatários, que ao regressarem constataram a falta de quatrocentos contos de valores

Petroleiro que poluiu o Elba também sujou doca da Setenave

O petroleiro «Afran Zenith», que poluiu recentemente o rio Elba, (RFA), também derramou petróleo na doca seca do estaleiro da Setenave, na margem Sul do Tejo, apurou a ANOP. O petroleiro, após a desgaseificação efectuada naquele estaleiro, derramou cerca de cinco mil litros de crude na doca seca do

estaleiro de reparação naval da Setenave.

Técnicos e operários dos serviços da Armada portuguesa de combate à poluição do mar por hidrocarboneto actuaram na luta contra a poluição. O petroleiro, de 268 metros e 358 mil toneladas, com bandeira liberiana, tinha entrado na doca seca para reparação.

Sardinha a mais deixa traineiras em terra

A acumulação de sardinha, que nos últimos dias tem sido pescada em grande abundância, está na origem de as traineiras não saírem, a partir de hoje e até ao próximo domingo, para o mar. A decisão foi ontem tomada por diversas entidades ligadas ao

sector da pesca, que não vêem possibilidade de escoamento daquele pescado pelos canais de distribuição existentes. Por outro lado, tanta fartura de sardinha nunca sucedeu no mês de Agosto. Isso só se verifica nos meses de Outubro e Novembro.

Sem nada pagar ex-banqueiro recebe empresa corticeira

O ex-banqueiro Fernandes Magalhães comprou ontem, na bolsa de valores do Porto, sem desembolsar um centavo, as acções da «Inacor» - Indústria de Aglomerados de Cortiça, de Vila da Feira. A operação foi feita, tudo indica, através do Banco Português do Atlântico e à custa de títulos de indemnização. Efectivamente, o representante daquele ex-banqueiro apresentou um documento emitido pelo BPA, comprovativo de que Armando Manuel Monteiro Fernandes Magalhães era accionista do Banco em 13 de Março de 1975. Desta forma era dada, por aquele banco nacionalizado,

a indicação de que as acções seriam pagas através de títulos de indemnização.

BRASIL



Partida: 5 Dezembro/81

Preços excepcionais desde **37.500s**

Bagagem grátis: 200 Kilos
Grandes descontos para casais, filhos e grupos
EXCELENTE OPORTUNIDADE

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1840

LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 855096
PORTO - Av. Alameda, 207 - Tel. 317921
COIMBRA - Rua da Seta, 2 - Tel. 270112
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua do Corralho, 1 - Tel. 310778
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

Consulte as secções

de informações

Caminhos de Ferro Portugueses

MARQUES
ORÇAMENTOS GRÁTIS
Esquemas e Soluções de Engenharia:
Rua Francisco de Sá, 28-A
Tel. 770610-770620-770633
1100 LISBOA

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL.

1.º PRÉMIO - 32.456 - 24.000 CONTOS
2.º PRÉMIO - 7.060 - 4.800 CONTOS
3.º PRÉMIO - 33.119 - 1.800 CONTOS

A Sorte Grande foi vendida aos balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL - FARO.

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

32.455 - 321.900\$00
32.457 - 321.900\$00

PRÉMIOS DE 60 CONTOS

857; 2.593; 5.423; 7.952; 9.492; 11.065; 13.083; 14.360; 14.462; 16.084; 16.121; 17.665; 18.584; 18.698; 20.405; 21.322; 25.224; 27.627; 27.591; 29.634; 31.173; 32.450; 37.959; 38.256; 40.433; 49.299; 54.292; 55.186; 58.262; 58.646; 59.287; 59.699; 60.273; 60.665; 60.700; 65.100; 66.213; 68.101; 69.980 e 74.291.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

12.000\$00 - 103; 143; 464; 519; 553; 608; 850 e 980.
6.000\$00 - 060; 119 e 456.
3.600\$00 - 43 e 44
1.800\$00 - 6 (terminação)

PRÉMIOS DE 3.000\$00 (CENTENAS)

7.001 a 7.100; 32.401 a 32.500 e 33.101 a 33.200.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 22/02/82

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lisboa, 20/08/81

ISRAEL EGIPTO
Visitando: TEL-AVIV-JERUSALEM
BELEM-MAR MORTO NAZARET
TIBERÍADES-CAJARNAI-ACRE
HAIFA-SINAL CANAL DO SUÉZ
MEMÍIS-Pirâmides de GIZA e CAIRO
10 DIAS DE VIAGEM
1981-PARTIDAS-1981
ISRAEL E EGIPTO
25/8 e 8/9
INCLUINDO:
• Viagem de Avião e Autopulmão
• Circuito Terra Santa e Egipto
• Hotéis de 1ª Categoria
• Pensão Completa
• Acompanhamento
abreu
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840
PORTO - Av. Alameda, 207 - Tel. 317921
LISBOA - Av. Liberdade 160 - Tel. 371341
" Av. de Roma, 66 - Tel. 855096
COIMBRA - Rua da Seta, 2 - Tel. 270112
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 310778



ler / escrever

A SENHORA

Maria Judite de Carvalho

Era filha e viúva dos dois homens que tinham sido os mais ricos da terra. A terra em questão era para uns uma vila quase aldeia, para outros o calcanhar do mundo, para ela que ali nascera, vivera e ia morrer, a Terra com T maiúsculo. A sua casa de viva era a mais confortável de todas; a sua casa de morta, onde o marido há muitos anos a esperava, a melhor e mais resistente, que de beleza não era bom falar. Toda de pedra mármore e com uma cruz em cima. Por entre as flores e os ciprestes da praxe.

Nunca soubera grande coisa do mundo exterior, nem isso lhe interessava grandemente. O seu mundo era aquele, queria lá saber do que se passava além-fronteiras. Tinha móveis e imóveis, ouro e brilhantes, papéis de crédito num Banco da cidade próxima, que visitava com esforço duas vezes por ano, criadas para a servir, recordações para ela importantes. Também podia mandar em toda a gente e era madrinha de meia aldeia. A falar verdade ela às vezes desconfiava de que não fora madrinha de todos os que se diziam seus afilhados, mas fingia acreditar e ia-lhes dando os seus presentes pelo Natal.

Era a velha rainha de um país minúsculo e esquecido de Deus, a senhora incontestada da terra, da Terra. Os conterrâneos sentiam-se honrados quando podiam ser-lhe úteis, eram cortesãos que se ignoravam, que ignoravam mesmo o que era ser-se cortesão, tal como ela era, sem o saber, uma rainha sem coroa.

Fora assim durante... quantos anos? Até que um dia — fizera oitenta havia pouco — abriu a janela e gritou a um garotinho que por ali andava a jogar à bola, que fosse depressa à mercearia buscar-lhe qualquer coisa. As criadas estavam ocupadas e aquele miúdo até ficava satisfeito por lhe ser útil, ficavam sempre. Mas o garotinho largou a bola, olhou de frente para a senhora, mirou-a com atenção e acabou por responder com ar embelezado mas decidido: «Vá você!»

Perturbada e sem palavras, a velha rainha fechou apressadamente a janela. E, sentada no cadeirão que fora do marido e toda a tremer, reencontrou palavras escutadas num passado qualquer, como subversão, população, revolta armada, atentado, dantes, agora, fim do mundo, caos, apocalipse quem sabe.

Porque nunca dera pelo fluir do tempo que, mesmo ali na aldeia, fluía. E a sedentária volta ao mundo em oitenta anos fora feita por uma viajante cega e surda, tão desinteressada que nem olhara pela vigia.

Mas, até ao fim, passou a olhar as crianças com desconfiança, como se fossem pequenos inimigos perigosos. E, como nunca mais deu presentes aos afilhados, o seu funeral foi um fracasso.

Em todos, praticamente em todos nós — e não estou muito a par de estatísticas neste domínio — todos os que levantados do chão dos dias para aqui andamos, existe imanente a tentativa de reabilitação do **deus otiosus**.

Esse tal deus, o mau o preguiçoso, que se esqueceu de tudo o que criou e pôs em movimento desleixado estas máquinas naturais e hipernaturais que vieram do caos e hoje trabalham, mais ou menos discretamente, à base da paranoia. Esse deus que voltou costas à obra imperfeita e nos vem abandonando às mãos escorregadias de um outro ser translúcido, equivoco, sem peso ou medida, imerso nas ondas triviais da gaspilhagem sonora, visual ou simplesmente física.

Esse Deus «come assoluto, non ha che far com noi», escreveu Giordano Bruno, antes de ser queimado evidentemente. E se digo isto não é porque esteja a pensar naqueles de nós que andam a passear entre o Quarteto e os Sete Rios desta Lisboa que todos nós amamos, ou a coçar o rabo nas vanguardas culturais e políticas. Ou seja: os amargurados existenciais do gesto e da palavra e daquilo que agora nos interessa: a função paternal simbólica.

Ainda há pouco tempo, num café de aldeia, vi perto de vinte pessoas, todas elas suspensas das palavras de Nelson, não o lorde, claro, mas o da telenovela, nesse instante fulcral em que, perante essa criancinha perniciosamente astuta, se descobria pai. Tudo naquela sala era o mesmo silêncio arfante que devia ter havido ou houve entre os apóstolos ao aguardarem o «tu o disseste» do Cristo face à pergunta de Judas, o rejeitado.

Procuramos um Pai. Procuramos um Mito. E isto à força de nos proporem múltiplos e sucessivos padraos que se aproximam, fazem a pirueta da praxe e desaparecem em seguida. Na sofreguidão dinástica de tanta novidade, melhor ou pior vendida no mercado da alimentação, da estética, da moral ou da política, ansiamos sim pela cúpula pelo remate final que dê sentido à amassada culpa milenária e nos leve a pôr o dedo, já não no prato, mas na ferida, se é que ferida existe, como nos andam a fazer engravidar de ouvido há tanto tempo.

E quem diz pai pode dizer mãe, que eu nada tenho contra o matriarcado. Beatriz Costa ou Margaret Thatcher, o cozinheiro Michel ou esse senhor de óculos que há um ror de tempo nos pretende ensinar, com grande esforço de imaginação diga-se de passagem, como beber certa bebida de nome arrevezado. Tudo vai dar na mesma.

Mas o pior da história é que nenhum deles assume o seu «destino» na razão directa do nosso desejo, da nossa incapacidade de neutral passar a ser neutronica. Eles surgem com

TV — DEUS OTIOSUS

Armando Silva Carvalho



«O Padre Eterno tenta em vão separar a luz das trevas» — colagem de Max Ernst

um caldo concentrado na mão, um programa político na língua, um livro de memórias faceiras no bolso, sorriem até ao limite do seu autoconvencimento, mas logo são empurrados pelo mitozinho que se segue, sem nos deixarem vincos na memória ou pequenas pregas no coração ansioso.

Parece que foi Pier Paolo Pasolini quem numa das suas arremetidas sobre teoria do cinema se lembrou de «naturalizar» o movimento dos fotogramas, fazendo da vida tão-só esse material impressionável que se sujeita às leis da mecânica. Talvez tenha razão. Talvez tudo dependa só do projecto ou do projeccionista da fita. Talvez tudo seja só uma questão de ritmo que esse deus ocioso, esquecido de nós, deveria ter orientado ou fornecido instruções para quem viesse, e que, pelo contrário, e numa definitiva indiferença, acabou por deixá-lo ao sabor das leis econometristas, da desgraçada política e do sado-masiquismo dos nossos mentores tecnocratas.

E entretanto vemos, vivemos movidos pelo discreto motor da paranoia; frase feliz roubada a um livro de máximas desse moralista, como são todos os franciscanos, que se chamou Roland Barthes.

Disfarçado está o medo por aliantes promessas, senhoras e senhores. O deus não chega, o pai não aparece. Ou se aparece vem armado de chicote e balas e logo entramos no mundo da política, coisa que, segundo estatísticas recentes, interessa apenas a 4% da população juvenil deste país.

Esse tal deus todo ocioso que nos desculpassem da angústia com um gesto de mágica, nos ensinasse a verdadeira arte de viver sem fazer força, ou nos permitisse tecer o digníssimo elogio da divina preguiça. Esse tal que nos devolvesse a casa quando, com sono, entramos no emprego todas as manhãs atados à longa cadeia da produção-consumo.

Esse deus-pai que não chega, mas em contrapartida permitiu ao homem alguns pingos de razão celerada para demonstrar a lógica do lucro e da produtividade.

Dizem os velhos que defuntos são os que perderam a memória.

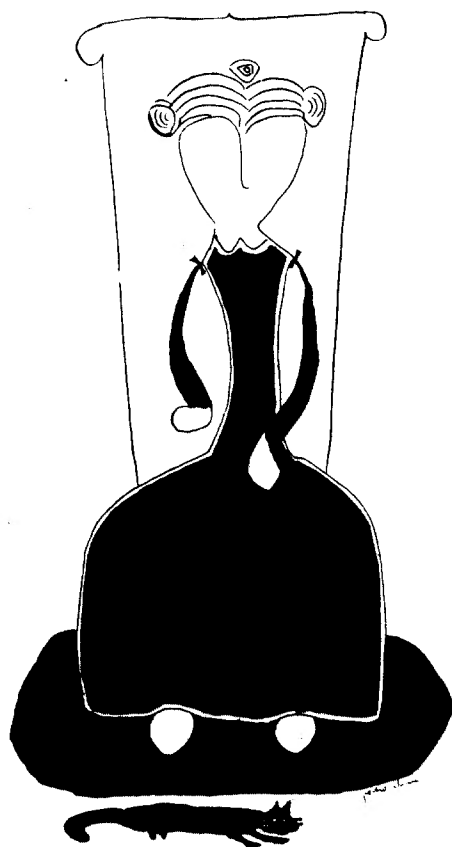
Mas que vivos seremos nós que não encontramos modo de esquecer as regras inferiores que reproduzem um esquema tão simplório de sublimação da paranoia: produzir e gastar imagens, porque assim se passa o tempo e com ele as pessoas e as

coisas e o sentimento por elas?

Porque não é a natureza que nos teme, nem o domínio sobre ela nos pode ainda julgar superiores. Existe algo difuso nos climas, os campos não vão obedecer, os ares principiam no seu surdo bramir sabe-se lá para onde e não há nenhuma assembleia de sábios que os faça recalcar ou devolver à posição equilibrada que os seus planos calculadamente exigem.

A natureza física ri-se na nossa cara. Brincam os petrolíferos com seu jogo de toma-lá-dá-cá e os presidentes discorrem sobre o futuro mais que imediato dos seus amados súditos. Uma lei que não entenderemos escapa à legislação acelerada das ligas e organizações da salvação do mundo. Uma política de formas puras, platónica ou aristotélica, não traz remédio a este desencadear de forças que ainda ninguém proclama apocalípticas por simples razões de vergonha, de recato ou de requinte.

O deus não aparece. Mas no horizonte dos vídeos começam a despontar umas barbas estranhas, como as que se costumavam ver numa qualquer antiga ilustração. Há quem diga até que são feitas à base de neutrões. Esperemos para ver. Se pudermos.



DUAS HISTÓRIAS

Mário de Carvalho

Ex digito gigans

Era uma vez um gigante muito grande que vivia num altíssimo palácio, a meio da pradaria em que os ventos pararam. O gigante tinha pomares e tinha hortas e tinha vinhas.

«É demasiada fartura», pensou, enquanto se aquecia à lareira em que se queimavam robles inteiros. «Falta-me um tanto de sacrifício».

E desde logo decidiu prescindir do braço direito, assim jurou, e para sempre o deixou bambo e pendido.

A grande sala do palácio era fria, formavam-se bolores brancos nos ângulos mais altos. De forma que o gigante sentia-se muito só e resolveu cobrir todas as paredes de espelhos. Mas o frio não passava e breve se enfadou daquela grande figura multiplicada que sorria enquanto ele sorria, falava quando ele falava, mexia quando ele mexia.

Fez por arranjar companhia e teve-a.

Primeiro, uma pequena bailarina que rodopiava o dia inteiro sobre a mesa, sobre os móveis. Mas o gigante, por distração, esmagou-a debaixo do cotovelo.

Depois, um pequeno homem faquir, que levava o tempo a meditar, sereno. Mas o gigante, por distração, esqueceu-se dele em cima de um aparador e o faquir morreu de fome e ficou-se seco, mumificado.

Depois, um pequeno homem alado que revolteava por toda a parte, em voo grácil de asas verdes. Mas o gigante, por distração, deixou aberta a bandeira de uma janela e o homem alado nunca mais regressou.

«Não haja dúvidas, não sirvo para companhias», reflectiu o gigante. E determinou viver só.

Ora, voltava um dia das suas adegas e trazia debaixo do braço esquerdo uma enorme ânfora com vinho.

Quando passava junto às margens do ribeiro que corre pela planície, viu vir um jovem, cambaleando, de túnica rota e armadura fendida. Ao longe, tropel de cavalos levantava poeiras.

O jovem entrou penosamente até meio da ribeira. O gigante distinguiu-lhe a face, coberta de lama e sangue.

— Eil — bradou o moço —. Leva-me contigo e defende-me, que filho de rei sou!

— Não posso, disse o gigante. Decidi viver só.

— Então dá-me a tua mão e ajuda-me a passar...

— Não posso, não vês que deramava o vinho?

— A outra mão!

— Não posso, que decidi não a usar.

Exausto, o jovem arrastou-se para a outra margem, onde já um esquadrão de cavaleiros negros o esperava, de lança enristada.

Seguindo o seu caminho, pensava o gigante:

«Preocupa-me tanto, aquele mancebo...»

Memória e desperdício

Trata-se de não entregar o castelo ao conde de Bolonha, usurpador do trono, pela simples razão de que as chaves confiadas me foram e contra esta confiança não valem razões nem fanfarras de guerra ou relâmpagos de armas.

Inda que viessem todos os letrados e doutores e clérigos alando as palavras em irrefutáveis citações doutíssimas e os campos em volta se cobrissem de gente de pé e ginetes não sairia quebrada aquela confiança que está lá, no tempo em que foi dada, e que só o que ma deu podrá recolher de novo. Seja ele morto e se verá depois. Por ora manda e tem-me sujeito pela palavra.

Deste feito sei que não será contado, não haverá nunca

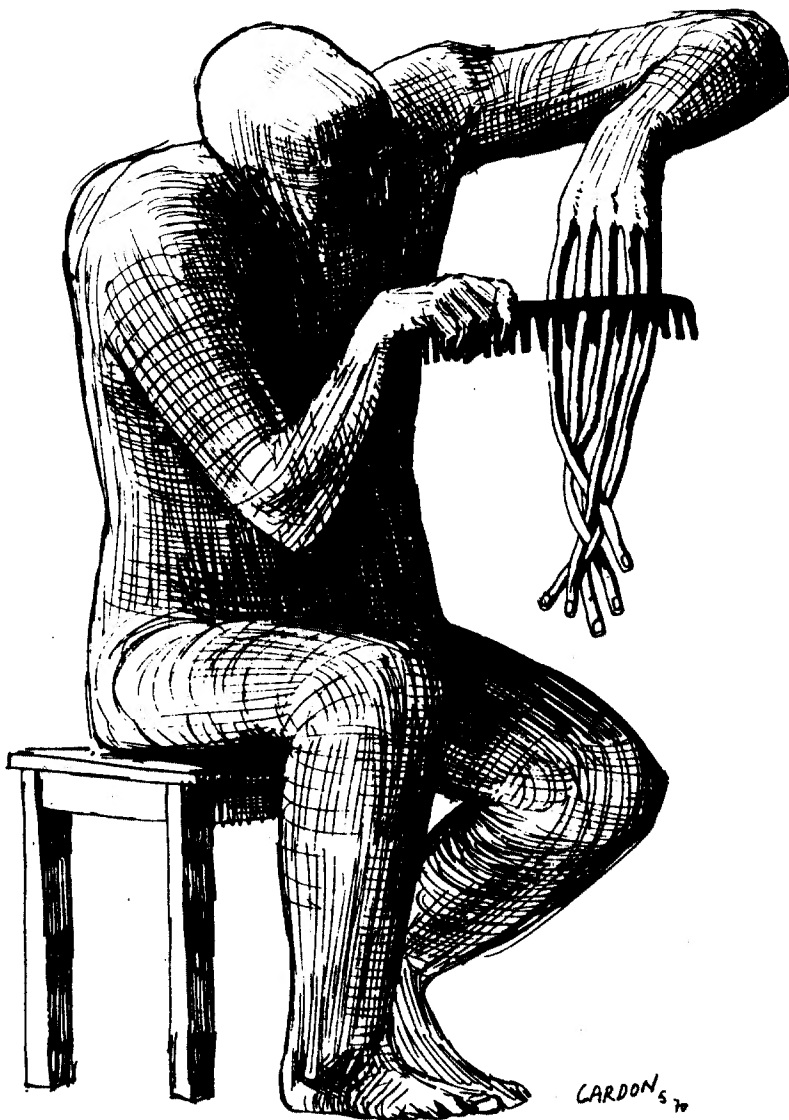
quem aí me gabe este porte. Este castelo é tão pequeno e inútil e desviado que será desmantelado um dia qualquer, as pedras servindo de ermidas ou lareiras toscas, as madeiras queimadas em lenha ou deixadas a apodrecer, adubando a terra, o chão lavrado de bois, ajudados de seu peão, nodoso e lerdo. Assim será, porque não é para a história que assim faço, nem há letreados entre esta turba bizonha que à minha volta se planta e espera, olhos fixados no inimigo, medo

envolvido pela lealdade.

Não ninguém contará nunca isto, não haverá registo nenhum nos mosteiros.

Passará uma geração e mesmo enquanto se mantiverem hirtas as muralhas calcinadas, ninguém se lembrará que este castelo não foi dado, e que tiveram de o obter à força.

E o meu nome será primeiro corrompido, confundido, e depois esquecido. Então porquê, se é para esquecer?



MILES FRANKLIN

a m do

Filha de pioneiros australianos já na quinta geração, Stella Maria Sarah Miles Franklin nasceu em 1879 nas montanhas de New South Wales, hoje o território da capital da Austrália, numa remota fazenda de criação de gado, e a primeira instrução recebeu-a de um escocês algo bêbado que havia de fazer dela um pequena sábia aos dez anos: lida em Shakespeare, a Bíblia, Dickens, as Fábulas de Esopo, e iniciada na composição musical.

Aos dezasseis anos, num lugarejo desolado, entre gente tacanha, a ordenhar vacas duas vezes por dia (o pai, entretanto, mal sucedido nos touros, estabeleceu-se com uma vacaria), sem nenhuma perspectiva interessante em derredor, no meio de uma sociedade tipicamente machista, Miles Franklin, que aspira a ser cantora, escreve em poucas semanas, com arte e raciocínio admiráveis para a sua idade, um romance intitulado *My Brilliant Career*: a história de uma moça de dezasseis anos, Sybylla, amante da beleza, que espera ser um dia uma grande escritora: Sybylla troca pois o amor de um homem e o subseqüente e convencional casamento pelo seu «brilhante» sonho. Uma autobiografia?

Estamos na década de 1890, época de importante agitação política na Austrália, e Miles Franklin, ao mesmo tempo que partilha do nacionalismo e socialismo dos seus contemporâneos, revolta-se contra a submissa condição das mulheres: «esse insipido e doméstico viver de galinhas».

My Brilliant Career, publicado em Inglaterra com pseudónimo.

A MOSCA

Pedro Alvim

Quando ele entrou na sala viu a mosca a ler uma carta às escondidas. Estava de robe, as asas num grande desalinho. Ele evitou assustá-la: sentou-se, sem movimentos, à mesa. Esteve assim durante muito tempo, os olhos fixos na mosca e na parede. Depois, fatigado, acendeu um cigarro — e foi, então, que a mosca levantou voo. Levantou voo e saiu da sala.

«Só» — confessou-se ele, monossilábico como um suspiro.

Levantou-se e foi ver onde se encontraria a mosca. Passou da sala para o pequeno corredor. Não: a mosca não se encontrava no quadro de Picasso. Nem tão-pouco no

interruptor. Na lâmpada também não estava.

Entrou no quarto: a cama, silenciosa, comprida, acertou-lhe nos olhos quando acendeu a luz. Relanceou as paredes. Da mosca — nem um sinal. E nunca as paredes lhe tinham parecido tão brancas.

«Talvez no quarto de banho.»

Espreitou. A superfície lisa dos sabonetes — um azul, outro amarelo — apeteceu-lhe nas mãos. Resistiu à tentação de as lavar: ficaria com a pele mais só. Olhou-se ao espelho: havia já muito que o sorriso se lhe tinha sumido dos lábios. Era um rosto caído, com monólogos nos cantos da boca. (E um ci-

garro quase sempre.) Um rosto triangular: o cano do lavatório parecia querer sugá-lo pelo queixo todas as manhãs. O queixo-vértice do rosto.

Voltou à sala. A mosca não estava lá. Ou talvez estivesse pousado num ponto escondido. Talvez sob o tampo das cadeiras. E se as voltasse, uma a uma...? Bastaria sacudir as cadeiras: a mosca, se sob um dos tamos, levantaria voo imediatamente. Assim fez — e nada.

Sentou-se à mesa e começou a escrever uma carta. Atraída pelo papel branco, a mosca, vinda de algures, pousou na última palavra.

«Eu sabia que tu virias» — disse ele.

O CÃO, ATACADO POR UMA FORTE DOR DE DENTES, DESATA A MORDER

E tudo o que lhe aparece pela frente é assim posto a sangrar. Homens, mulheres, crianças, padres, freiras, freiras sem hábito, putas com ou sem hábito, omoletas de fiambre, centros comerciais, uma ou outra pulga, monges habitados, putos desabitados, gorgulhos de sífilis, em resumo, Lisboa em peso.

De onde o Tejo, rapidamente transformado em mar vermelho, carrega a custo barquinhos de trapo e de papel que trazem no ventre escassas invasões de diminutos chineses, cada qual empunhando com dificuldade uma garrafa de cola-cola, a bebida milagre por fim autorizada como substituto eficaz do arroz.

Lisboa é uma mulher espezinhada, que procura em vão o calcanhar capaz de sexo masculino, um toque de ternura outro de sapato, para abrir um parêntesis de repouso no machismo transitório do tráfego lento, e duro, e lento, atado a si mesmo como todos os homens se atam ao umbigo.

(sensação de que algures nas ruas o fogo consume carnes e estes dentes presos nos alvéolos não as podem morder.)

Cidade que não te queixas. Disseram os Doutores ao subir-te pela virilha que viria um dia, ainda distante, para levantar um cheiro a maresia capaz de subverter a lata e berrar de dia. E esperas, de perna fechada, até morrer de velhice e de virgindade prematura.

(sentir subir na seiva dos dias um bem-estar cerzido no mofo dos outros e da perca, a cada esquina, do desejo antigo e jovem de o desprezar.)

Convém, para obtenção de uma calma geral, evitar o aparecimento de dores de dentes nos cães.

Manuel Cintra

FRANKLIN: menina o mato



ôônimo masculino, em Janeiro de 1901, traz à autora um êxito imediato e também um tal antagonismo dos habitantes do distrito onde ela vive, e a crítica destrutiva de um australiano na *Weekly Critical Review*, («Um romance escrito para uma audiência então ainda por nascer» diz Carmen Callil, em prefácio à recente edição de *My Brilliant Career*, Londres, 1980), que, em 1904, magoada até o fundo da alma, Miles abandona a casa paterna e emprega-se como criada-de-servir em Sidney. *My Brilliant Career* só virá a ser reeditado sessenta anos depois, e mais tarde adaptado ao cinema.

Por agora, a jovem escritora, com um segundo romance que não consegue publicação, junta-se ao centro de discussão intelectual e feminista da sufragista australiana Rose Scott. Mais um ano, e parte para a América.

Continuando a escrever, embora sem editor, Miles Franklin viverá exilada na América perto de trinta anos, e os seus últimos escritos são memórias da vida dos pioneiros no mato australiano. Consequência decerto da dureza e solidão da infância, e do destino de passividade e sujeição que outro não era o das mulheres dos bravos pioneiros («Um a mulher não passa de um indefeso utensílio do homem — uma criatura de circunstâncias», escreve Miles a respeito da mãe da Sybylla do seu romance *My Brilliant Career*), assim como da frustração da sua tão prometida carreira de escritora, Stella Miles Franklin torna-se uma das mais activas feministas dos seus dias: na *Women's Trade Union League*, à frente

da revista *Life and Labour* em Chicago, e, durante a Primeira Guerra Mundial, como enfermeira no *Scottish Women's Hospital Unit*, em várias partes do mundo.

Pouco a pouco, os seus livros vão saindo a lume, sempre sob pseudônimo. Em 1930 Miles Franklin regressa à Austrália, encoraja jovens autoras, prossegue na sua luta pelos direitos da mulher, pelos desprotegidos, pelo apoio a todos os escritores, e contra a guerra.

Na introdução a *My Brilliant Career*, depois de apresentar desculpas aos «companheiros australianos» por escrever «egoistamente» sobre si própria, Miles queixa-se da marca da «morte» na sua adolescência que lhe está a devorar a mocidade e a ameaça até ao fim. E, em «Nota Especial»: «Nesta história não existe enredo, como não existe na minha vida nem em qualquer outra do meu conhecimento. Pertencem a um género de indivíduos sem tempo para fantasias: cada qual tem é de cumprir as suas obrigações sem se dar a tais luxos».

Dezasseis anos. As mãos doem-lhe na cama, os pulsos inchados de mugir as vacas. Como o pai, falido, se entrega à bebida, e ela por ser a mais velha de seis irmãos é quem o vai chamar à taberna e o conduz a casa altas horas: «Nesse tempo, a maldição de Eva sobre a minha pobre mãe não lhe permitia acompanhar o marido». O ar queima, a chuva tarda, Miles Franklin escreve: «Cansaço! Terrível cansaço! (...) O Verão é diabólico e a vida uma praga». Tem só dezasseis anos.

Maria Ondina Braga

UM POEMA INÉDITO de João Rodrigues QUEM CANTA NAS ASAS DA CIGARRA?

Neste desfile de visitas sorridentes
que nos põem nos olhos a evidente
intenção do homicídio diletante
orelha-mestra e construtiva
de pólo a pólo hirsuta
Indico com um ponteiro de giz sobre a lousa:
O Naufrágio é uma oferta

E como um velho gigante desempregado
pretendesse fazer-se passar por um reles palhaço
desço o plano inclinado antiquíssimo
com um turbante vitaminado
estritamente fora do comércio

O cadafalso estava iluminadíssimo
escolho uma cadeira nas primeiras filas
e eis que entram trinta crianças
enlouquecidas a gaz

De repente em vez da verdura anunciada
surge um chefe
regozijo naftalina paus de cera
distribuição gratuita
de algemas para dementes
os pulmões cheios de ervilhas

João Rodrigues



A EUROPA EM BORGES

Os quarenta e três prefácios que Jorge Luís Borges escreveu entre os anos de 1923 e 1975 foram recentemente traduzidos para o francês por François-Marie Rosset («Le Seuil»). A apresentação obedece a um critério simples: a ordem alfabética — e vão desde o poeta argentino Almafuerte (1854-1917) a Walt Whitman (1819-1892), passando por Shakespeare e Olaf Stapledon.

Este arrumo não facilita uma leitura exigente. Com efeito, caso se siga a ordem alfabética, temos na letra «C» um poeta do tango (Evaristo Carriego) e um mestre do fantástico (Lewis Carroll), o que significa que, não raro, apareçam justapostas duas épocas separadas na história dos homens por convulsões fundamentais. Uma classificação cronológica ou temática permitiria seguir com maior precisão o itinerário de Borges, leitor e apresentador de obras de terceiros, e detectar também com maior precisão a evolução das suas opções e dos seus gostos literários.

«Um prefácio bem conseguido — escreve Borges no «Prefácio dos Prefácios» ao seu «Livro dos Prefácios» — não é uma saudação: é uma forma lateral da crítica. Ignoro que juízo favorável ou

desfavorável merecerão os meus, que tantas opiniões reúnem ao longo de tantos anos». Certamente que o nosso juízo será favorável a Borges. Ninguém, como ele, nos poderia falar melhor de

bém ninguém como ele saberia definir com mais encanto o talento de um amigo — Silvino Ocampo, Nora Lange, Maria Esther Vasquez, Adolfo Bioy Casares —, e, sobretudo, nenhum deus das

presente e ao futuro do seu continente. Argentino, não menciona os seus contemporâneos mais dotados: Cortázar e Sabato, por exemplo. Latino-americano, só retém um nome, o de Alfonso Reyes, esquecendo essa prodigiosa pleiade composta por Carpentier, Asturias, Neruda, García Márquez, Rulfo, Fuentes, Vargas Llosa.

Na realidade, Borges demonstra uma soberba indiferença para com as culturas que o colonialismo durante muito tempo silenciou. Não permite que a sua curiosidade vagabundeie pela nova literatura latino-americana, embora essa curiosidade seja ávida de insólito e dos leitores conhecedores o seu gosto pelas «hipóteses mágicas ou surpreendentes». O universo de Borges, excepção feita à Argentina tradicional, tem oásis preferidos nos Estados Unidos — Emerson, Walt Whitman, Melville, Francis Bret Harte, Henry James. E na Europa igualmente: um «Prefácio» é consagrado ao «Cimetière Marin», de Valéry, e um outro a Marcel Schwob; dois aos clássicos espanhóis Cervantes e Quevedo; um a Kafka; um ainda ao místico sueco Emmanuel, Swedenborg.



Desenho de J. P. Cagnat

uma certa Buenos Aires, da Argentina do passado, das suas figuras prestigiosas — José Hernandez, Sarmiento, Leopoldo Lugones — ou simplesmente pitorescas — Macedonio Fernandez. E tam-

letras saberia iluminar como Borges os grandes e os pequenos momentos da criação universal.

No entanto, algo ensombra a nossa leitura: Borges vira deliberadamente as costas ao

DUAS VISÕES DE UMA TELA DE C. D. FRIEDRICH

«Senhora, espera a madrugada» (de 1918)

Fernando Guerreiro

Muito calma, solta deita-se a alma
na sala, ou esquadro em que, reflexa,
medida tal, afinal se mesurava.
Quase fácil, outras inábil
os gestos desenha, os véus tirava
enquanto, sófrega, despeja o vaso.
Que a rodava. E arrebatada, alta,
então subia alto –
descendo as escadas, só,
tal uma vertical, falta:
a palavra!
De rostos, embaciada,
o torpor sabia-o, e o vivia
onde cansada,
contudo nunca o basta.
Mas se se ria,
nos corredores agora,
quebradiça –
torre tal,
espera-a a alba...

Na reprodução de um quadro que agora tenho à minha frente, uma mulher em primeiro plano confronta-se (opor-se-á?, justapõe-se?) com a natureza.

Extremamente magra, de tal modo que sobre a sua realidade nos faz dúvidas ter (estátua, espectro ou marionete – também podê-lo-ia igualmente ser), ei-la que, de longe, altivamente, inquieta a placidez dos campos e das árvores (grandes fetos, palmeiras – também elas aqui, incompreensivelmente...) e o céu (branco) de uma aurora que há pouco acabou de des-pontar, ligeiramente.

Quadro que, reduzido ao essencial, ao contorno de algumas linhas definitivas, que se se apresenta como um geométrico esquema: o encontro da vertical com o horizonte (do pintor com a técnica e do homem com a natureza).

AURORA! Eis o que nos é dado a observar.

No entanto, a rarefacção dos conjuntos, dos volumes e das formas, permite-nos compreender de um modo mais sensível o que desde logo estava em jogo: na fixidez da retina, dissonante (árvore ou vela) o farol de um assombro!

O próprio Gaspar David Friedrich (1774-1840) o referiu num *Diário*, em que escreve: «Fecha o olho do físico para antes de mais o teu quadro com o olho do espírito veres. Em seguida traz à luz do dia o que na tua noite viste de modo a que, do exterior para o interior, o que aí viste possa influenciar outros seres.

Esta é a posição, estranhada, do nosso olhar. A sensação – emocional, intelectual – em nós produzida pelo próprio quadro. Escreve

ainda Friedrich, noutro fragmento:

«Hoje em dia, na pintura de uma paisagem, já não há a obrigação de ter uma percepção espiritual do objecto e depois reproduzir, mesmo que com muito esforço, com fidelidade e verdade a natureza. O que a nossa época exige é a imitação fiel e servil dos corpos, e portanto das alturas, dos tamanhos e das larguras, assim como a das formas e a das cores. Porque, segundo a opinião destes senhores, fazendo-o estariam também a captar o espírito das coisas, já que este só se pode exprimir por meio destes dados. Dá-se a esta atitude o nome de «entrega total», humilde e inocente, com o sacrifício da vontade própria. Um pintor não deve portanto ter vontade, mas limitar-se apenas a pintar! Porque mesmo aquilo que o olho do espírito capta por intermédio do olho corporal é considerado pretensioso e arquivado no meio das coisas a evitar. Terei eu compreendido mal esses senhores, ou foi a mim mesmo que eu não me compreendi – o que me custa a acreditar, de tal modo o que dizem vai de encontro à minha sensibilidade e raciocínio –, ou não insinuam eles que só o que se viu com os olhos do físico e se copiou com fidelidade e rigor é que estaria de acordo com as obrigações e exigências da nossa época e da arte?! Confesso com toda a franqueza que nunca, mesmo nunca, partilharei desta opinião.

Condescendo de muito boa vontade que os quadros de **XXX**, que têm a reputação de satisfazer todas essas exigências, possuem numerosos

e grandes méritos, e que eu próprio me delicio com a sua execução fiel do pormenor – no entanto, o conjunto pouco me atrai, precisamente porque sinto a falta de intimidade e de espiritualidade da percepção na natureza e no artista. Apesar de todas as suas perfeições estes quadros, pelo menos para mim, são iguais a tantos outros faltando-lhes uma alma que os anime.»

«A não ser que se trate de uma mera moda estou muito longe de querer trabalhar de encontro às exigências do meu tempo, ou de nadar contra a corrente; pelo contrário vivo com a esperança de que o tempo acabará por abolir, e o mais rapidamente possível, aquilo que ele próprio criou.

No entanto, sinto ainda menos em mim a fraqueza de sacrificar as minhas convicções às exigências do meu tempo. Eu, no que me diz respeito, embrulho-me no meu próprio casulo – outros, se quiserem, que façam o mesmo! –, e deixo que seja o tempo a decidir o que daqui poderá pro-

vir: seja isso uma lagarta ou uma borboleta multicolor.»

★

Já Kleist, ao comparar o efeito movido pelo quadro com o abalo por vezes em nós produzido pela Natureza, dizia que tanto uma sensação como a outra de uma «exigência interior» e de uma «ruptura» (no Sujeito, provocada pelo exterior) se constituíam unitariamente.

Eis enfim escrito o que havia para dizer: o quadro está pela natureza; não a representa (ou re-produz); significa-a (assiná-la-a, figura-a). Essa a sua radical diferença. O quadro (**inter-sigmo?**) como um objecto interpõe-se entre nós e a compreensão (ou a Natureza): volume sólido, com as suas próprias leis, e que não tem que produzir efeitos semelhantes aos causados pela natureza.

É esta dimensão interior, privada, que garante à tela, como a qualquer outro objecto, um lugar próprio no Mundo (e no exterior).

A **pedra** é-o na medida em que cada vez mais o consegue ser: e por isso, ao vê-la, dela

imaginamos o Outro (animal, vegetal: o **Ser**), ou diferença.

No particular a **tela** (a **pedra**) possui o máximo da sua identidade (**presença**): 1) o **traço** – a diferença/o gesto que garante o princípio da sua alteridade/mudança, e de novo aproximação/relatividade e na materialidade de cada coisa diferença; 2) o **domínio** – a progressiva e sucessiva escrita e inscrição de cada coisa pelo concreto (e não o epifenoménico) em que ela se **possui/constitui** como material singularidade (diferenças) e que, de encontro à noção (estética) de identidade, regenera constante o presente numa **presença**.

«Um pintor não se deve limitar a pintar o que vê à sua frente, mas também o que em si próprio consegue ver. Se não vir nada em si mais vale renunciar também a pintar o que vê no exterior. De outro modo os seus quadros assemelhar-se-ão a **biombos**, por detrás dos quais esperamos só vir a encontrar mortos ou mesmo doentes...» (é ainda Friedrich quem escreve).



NOTÍCIAS • NOTÍCIA

JOSÉ GOMES FERREIRA dá novo nos escarpates. Desta vez com «A Poesia Continua», livro que nos dá luzes e sombras do Portugal saído do 25 de Abril. Mas não só: também três poemas inéditos escritos à mão nas primeiras edições especiais de «Poesia I» (1948) e «Poesia II» (1950). De 1967, duas «poesias de parede». Diz José Gomes Ferreira: «Um dia, exactamente em 1967, em pleno fascismo, à maneira dos «jornais de parede» lembrei-me de escrever «poesias de parede», para as colocar no quarto do meu filho Alexandre.

O projecto durou pouco, aliás. Escrevi apenas duas poesias que ainda lá estão, muito delidadas e tanto me custaram agora a decifrar! A primeira referia-se à solidão em que o meu filho vivia então, por gosto de ler e pensar, na república livre do seu quarto. A segunda criticava um bom poeta soviético, então de visita a Portugal – levutchenko – que caíra, por inadvertência ou ignorância

dos truques fascistas, na armadilha de se deixar fotografar por debaixo de um galo, espécie de brasão do SNI. Não pôde com certeza evitá-lo, o poeta... Daqui o leitor poderá facilmente concluir como este livro (edição da Moraes, Obras Completas de JGF) se reveste de interesse, de curiosidade, de uma certa intimidade. Algumas dezenas de páginas que contribuem sem dúvida para um melhor perfil do poeta.

«SUPLEMENTO CULTURAL» é um caderno de dezasseis páginas agora publicado por «o diário» aos domingos. De interesse. Com princípio, meio e fim. A coordenação do suplemento cabe a um Gabinete de Leitura constituído por António Borges Coelho, Correia da Fonseca, José Saramago, Luis Francisco Rebello, Oscar Lopes e Urbano Tavares Rodrigues. Como editor, Miguel Serrano. «DL ler/escrever» deseja ao novo suplemento grande sucesso.

A EUROPA EM BORGES

Continuação da pag. 3

Através de múltiplas citações, salienta-se no livro um conhecimento profundo e uma interpretação original das literaturas ocidentais. Com uma certa preferência pela Inglaterra... «Sem que duvide muito, fui sempre um pouco britânico...» – afirma Borges, maliciosamente. E ainda: «Na verdade, para mim, Waterloo surge sempre como uma vitória». Esta referência proporciona-nos uma série de engenhosos «prefácios» consagrados a Shakespeare, a Edward Gibbon, a Carlyle. «pai do nazismo», que «venerou e talvez inventou a raça germânica». De um estudo para outro estudo, as alusões de Borges as suas fontes favoritas proliferam – e Blake, Quincey, Stevenson, Conrad, Kipling, Yeats, Chesterton, E. M. Forster, etc., executam na memória de Borges um incessante e

vertiginoso problema de palavras cruzadas espiritual.

O leitor francês sentir-se-á sem dúvida desconcertado por certas referências, de si desconhecidas, que esmaltam certas passagens. Mas esse mesmo leitor descobrirá com um certo espanto o impacto que a França, devido à sua língua e literatura – Du-mas, Hugo, Verlaine... – exerceu, em tempos ainda próximos, sobre a Argentina.

No seu célebre «Evaristo Carriego», Borges, tinha já revelado esse poeta popular, presença constante dos subúrbios de Buenos Aires, com a sua gente, as suas raparigas tuberculosas e os rapazes de maus figados, os seus «dancings» de tango e as suas rixas avermelhadas por facas. Conta Borges: «Como todos os sul-americanos cultivados do princípio do século, ele era, ou sentia-e, uma espécie de francês honorário, e, por

1911, deu-se a ler Hugo no original...»

Esta preferência pela Europa, estas reminiscências todas são em parte explicadas pela ascendência europeia da avó paterna de Borges, Fanny Haslar, «uma respeitável dama inglesa», nascida em Staffordshire. Além disso, o pai, Jorge Guillermo Borges, filósofo anarquista, era um discípulo de Spencer e idolatrava Shelley, Keats e Swinburne – e a mãe, Leonor, aprendeu o inglês com o marido, e, uma vez na posse dessa língua, «nada mais leu que não fosse escrito em inglês». E de tal maneira afeiçãoou os seus conhecimentos que traduziu, de William Saroyan, «The Human Comedy», e também alguns contos de Nathaniel Hawthorne. «Fez também traduções de Melville, de Virginia Woolf e de Faulkner, e de tal jeito que houve quem acreditasse que eram mi-

nhas.» (...) «Em casa – escreve Borges no seu «Ensaio de autobiografia», publicada há onze anos em Nova York na língua de Shakespeare –, falava-se habitualmente inglês e espanhol. Se me perguntassem o que mais contava na minha vida, eu responderia: a biblioteca de meu pai. Por vezes chego a pensar que nunca cheguei a sair dessa biblioteca.»

«Quando Borges se arrancou deste universo livresco britânico, em 1914, foi para acompanhar a família a estudar na Europa, em Genebra, até 1919, e depois em Espanha até ao regresso à Argentina em 1921. Descobriu, então, espantado, uma cidade transformada – e cantou-a no seu primeiro livro: «Fervor de Buenos Aires». Um fervor, no entanto, que não apagou o fervor que sentia pelo Ocidente.

CLAUDE COUFFON